

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CÂMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

HELOISA BAPTISTA NERY

USANDO A TECNOLOGIA DIGITAL PARA PROMOVER VALORES E ATITUDES
ANTIRRACISTAS.

BAURU

2023

HELOISA BAPTISTA NERY

**USANDO A TECNOLOGIA DIGITAL PARA PROMOVER VALORES E ATITUDES
ANTIRRACISTAS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Docência para a Educação Básica, junto ao Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Bauru, Faculdade de Ciências, sob a orientação da Profa.Dra. Denise Fernandes de Mello. Área de Concentração: Ensino. Linha de Pesquisa: Conceitos específicos para o Ensino e suas metodologias.

BAURU

2023

N456u

Nery, Heloisa Baptista

Usando a tecnologia digital para promover valores e atitudes antirracistas / Heloisa Baptista Nery. -- Bauru, 2023

180 p. + objeto educacional

Dissertação (Mestrado profissional - Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientadora: Denise Fernandes de Mello

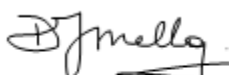
1. Educação antirracista. 2. Letramento digital. 3. Metodologias Ativas. 4. Círculo de Cultura. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE HELOISA BAPTISTA NERY, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 03 dias do mês de março do ano de 2023, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de HELOISA BAPTISTA NERY, intitulada **"DE CONSUMIDORES A PRODUTORES: USANDO A TECNOLOGIA DIGITAL PARA PROMOVER VALORES E ATITUDES ANTIRRACISTAS" e produto educacional "Da Escola para o Mundo"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. DENISE FERNANDES DE MELLO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Física / Faculdade de Ciências de Bauru, Professor Doutor JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER (Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação Social / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Profa. Dra. THAIS CRISTINA RODRIGUES TEZANI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. DENISE FERNANDES DE MELLO

Dedico este trabalho aos meus alunos e às minhas alunas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos alunos e alunas pela participação e engajamento nas atividades que constituem essa pesquisa, tornando o processo mais divertido e motivador, pois minha proposta com essa pesquisa vem deles e para eles, pensando no crescimento pessoal de cada um, na busca por um mundo menos preconceituoso, e aos responsáveis legais que permitiram sua participação.

À gestão da escola participante deste estudo, que me permitiu realizá-lo com autonomia para a realização das intervenções no ambiente escolar, sempre buscando o ideal de ensino de qualidade, transformador e libertador.

À Profa. Dra. Eliana Marques Zanata que, em momentos difíceis, foi uma luz guia, me aconselhando e me mostrando qual caminho seguir.

À minha orientadora e querida amiga Profa. Dra. Denise Fernandes de Mello, pela escuta, direcionamentos, suporte e generosidade em compartilhar saberes para a produção desta dissertação.

Aos meus amigos professores que compartilharam saberes, experiências e dores, me apoiando e me fortalecendo no desenvolvimento dessa pesquisa.

À minha irmã Daniele por todo apoio, estímulo e trabalho, fazendo-me rir em meio ao desespero.

Aos meus pais, sempre presentes.

À minha colega de trabalho, Mayara Fraidemberg, pelas orientações e disponibilidade.

Aos prezados membros da banca, Profa. Dra. Andresa de Souza Ugaya, Profa. Dra. Elisângela Souza de Araújo, Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier e Profa. Dra. Thais Cristina Rodrigues Tezani, por aceitarem contribuir diretamente com o conteúdo desta pesquisa.

Aos demais colegas e professores da UNESP/Bauru, que contribuíram para o aprimoramento dos conhecimentos necessários para a produção dessa dissertação e a todos aqueles que de algum modo se engajaram no desenvolvimento desta pesquisa, contribuindo de diversas maneiras no ideal de combate ao racismo.

Ontem eu sonhei o teu sonho.
Sonhei que os soldados,
cantando e dançando,
libertando-se de todo mal,
surgiam de todos os lugares
para velar o funeral
de todo arsenal
das ogivas nucleares.
No sonho,
os homens não eram escravos
nem de si, nem dos outros,
tampouco das cores,
pois o dinheiro
havia sido morto
no combate com o amor.
As crianças,
cravo e canela,
dançavam com as flores,
como não tinham fome,
caçavam estrelas
e quando cansadas
tornavam-se nelas!
Sonhei
que as mulheres e os homens
não tinham coisas, mas sentimentos,
e em sinal de alegria,
plantavam suas orações
não de mãos espalmadas,
mas de braços dados
com o milagre do dia.
E Deus - todo pequeno gesto de amor -
não frequentava igrejas,
livros ou estátuas,
apenas corações...
Ontem,
sonhei o teu sonho
sem saber que também era o meu

Sérgio Vaz

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo pertencente ao campo das relações étnico-raciais, elaborada no curso de mestrado profissional “Docência para a Educação Básica”, ofertado pela Faculdade de Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru - SP, e o nosso objetivo era desenvolver um artefato pedagógico digital, utilizando estratégias didáticas baseadas em metodologias ativas a partir dos princípios dos círculos de cultura, contribuindo para o desenvolvimento de valores e atitudes antirracistas por alunos do Ensino Fundamental I. Sendo assim, apresentamos o desenvolvimento de um canal no YouTube sobre o tema racismo, com 44 alunos do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola privada, na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo, realizada em 2020 durante a pandemia de COVID-19 por meio do ensino remoto. O tema foi escolhido pelos próprios alunos diante do contexto social do movimento Black Lives Matter, ocorrido no mesmo ano em Minneapolis (EUA), quando um cidadão negro foi assassinado por um policial branco. A proposta foi desenvolvida inicialmente nas aulas de Práticas Sociais e Culturais e, em 2021, teve continuidade nas aulas de Língua Portuguesa e Ciências Humanas. Utilizamos a metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos e o trabalho em grupos colaborativos, buscando, por meio da problematização proposta pelos círculos de cultura, o engajamento intelectual dos alunos e o aprofundamento no tema por meio do estudo de conteúdos da História do Brasil, a partir de uma perspectiva intercultural crítica e conforme os fundamentos da Educação Antirracista, contribuindo ainda para a promoção do letramento digital e midiático e para a construção de uma postura de produtores de conteúdos digitais relevantes e de qualidade. O canal intitulado “Da Escola para o Mundo” constitui o produto educacional aqui citado e conta com 8 vídeos produzidos e editados pelos estudantes participantes da pesquisa que estavam sob a mediação da professora/pesquisadora em uma relação intergeracional. A validação sócio educacional do artefato pedagógico ocorreu durante o seu processo de elaboração com os próprios alunos participantes da pesquisa e, após finalizada a proposta, 81 alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental da mesma escola o avaliaram. O resultado evidenciou que as atividades cooperaram para a ampliação da reflexão, da criatividade, da solidariedade, da autonomia e da consciência crítica. Outro destaque foi a aplicabilidade positiva do recurso em outros contextos para o desenvolvimento de uma educação para a equidade e para o desenvolvimento de outras aprendizagens envolvendo a temática, servindo como inspiração para outras práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação antirracista; Letramento digital; Metodologias Ativas.

ABSTRACT

This work is the result of a qualitative descriptive research belonging to the field of ethnic-racial relations, elaborated in the professional master's course "Teaching for Basic Education", offered by the Faculty of Sciences, of the Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus of Bauru - SP, and our objective was to develop a digital pedagogical artifact, using didactic strategies based on active methodologies from the principles of culture circles, contributing to the development of anti-racist values and attitudes by students of Elementary School I. Therefore, we present the development of a YouTube channel on the subject of racism, with 44 students in the fifth year of elementary school at a private school, in the city of Bauru, in the countryside of the state of São Paulo, carried out in 2020 during the COVID-19 pandemic through remote teaching. The theme was chosen by the students themselves in view of the social context of the Black Lives Matter movement, which took place in the same year in Minneapolis (USA), when a black citizen was murdered by a white policeman. The proposal was initially developed in Social and Cultural Practices classes and, in 2021, was continued in Portuguese Language and Human Sciences classes. We use the Project-Based Learning methodology and work in collaborative groups, seeking, through the problematization proposed by the culture circles, the intellectual engagement of the students and deepening theme through the study of contents of the Brazilian's History, from a critical intercultural perspective and according to the Anti-Racist foundations Education, also contributing to the promotion of digital and media literacy and to the construction of a posture of producers of relevant and digital quality content. The channel entitled "Da Escola para o Mundo" is the educational product mentioned here and has 8 videos produced and edited by the students participating in the research who were under the mediation of the teacher/researcher in an intergenerational relationship. The socio-educational validation of the pedagogical artifact took place during its elaboration process with the students participating in the research and, after the proposal was finalized, 81 students from the 3rd to 5th grade of Elementary School at the same school evaluated it. The result showed that the activities cooperated to expand reflection, creativity, solidarity, autonomy and critical awareness. Another highlight was the positive applicability of the resource in other contexts for the development of an education for equity and for the development of other apprenticeships involving the theme, serving as inspiration for other pedagogical practices.

Keywords: Anti-racist education; digital literacy; Active Learning Methodologies.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Fórum Brasileiro de Segurança Pública apresenta índices de morte intencional conforme a raça/cor da vítima	20
GRÁFICO 02: Questão 01 – Questionário Alunos participantes	126
GRÁFICO 03: Questão 13 – Questionário Alunos participantes	129
GRÁFICO 04: Questão 17 – Questionário Alunos participantes	130
GRÁFICO 05: Questão 18 – Questionário Alunos participantes	130
GRÁFICO 06: Questão 19 – Questionário Alunos participantes	131
GRÁFICO 07: Questão 20 – Questionário Alunos participante.....	131
GRÁFICO 08: Questão 22 – Questionário Alunos participantes.....	132
GRÁFICO 09: Questão 24 – Questionário Alunos participantes	133
GRÁFICO 10: Porcentagem de alunos que consideram o nível do canal BOM e ÓTIMO (3º ano)	137
GRÁFICO 11: Porcentagem de alunos que consideram a qualidade dos vídeos entre REGULAR, BOM e ÓTIMO. (3º ANO)	138
GRÁFICO 12: Questão 5 (3º ANO)	139
GRÁFICO 13: Questão 6 (3º ANO)	139
GRÁFICO 14: Porcentagem de alunos que consideram o nível do canal BOM e ÓTIMO (4º ANO)	141
GRÁFICO 15: Porcentagem de alunos que consideram a qualidade dos vídeos entre REGULAR, BOM e ÓTIMO. (4º ANO)	142
GRÁFICO 16: Questão 5 (4º ANO)	143
GRÁFICO 17: Questão 6 (4º ANO)	144
GRÁFICO 18: Porcentagem de alunos que consideram o nível do canal BOM e ÓTIMO (5º ANO)	145
GRÁFICO 19: Porcentagem de alunos que consideram a qualidade dos vídeos entre REGULAR, BOM e ÓTIMO. (5º ANO)	146
GRÁFICO 20: Questão 5 (5º ANO)	147
GRÁFICO 21: Questão 6 (5º Ano)	148

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Levantamento Bibliográfico: SciELO.....	24
QUADRO 2 - Levantamento Bibliográfico: Capes	24
QUADRO 3: Diagrama com as etapas da Pesquisa.....	66
QUADRO 4: Sugestões de Vídeos pelos alunos sobre Racismo.....	76
QUADRO 5 - O que eu sei e o que aprendi sobre o que é Racismo.....	78
QUADRO 6 - Termos mais utilizados pelos alunos ao discutir sobre o Racismo.....	82
QUADRO 7 - Unidades, objetivos e conteúdos dispostos no material didático de Ciências Humanas.....	111
QUADRO 8 – Questões da atividade de interpretação do texto “O que são fake news”.....	117
QUADRO 9 – Respostas de 3 alunos por ano para questão	149
QUADRO 10 - Vídeos Disponíveis no Canal “Da Escola para o Mundo”.....	152

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Sugestão de títulos para o projeto	69
FIGURA 2 - Brainstorming - registro dos dados do projeto	72
FIGURA 3 - Modelo de Mapa de Empatia.....	73
FIGURA 4 - MAPA DA EMPATIA – Coleta de dados para Prototipagem do Produto Educacional	74
FIGURA 5 - NUVEM DE PALAVRAS 1 - O que eu acho que é Racismo	80
FIGURA 6 – NUVEM DE PALAVRAS 2 - O que aprendi sobre Racismo	81
FIGURA 7 - Imagem da videoaula: pauta de entrevista realizada por uma estudante.....	84
FIGURA 8 - Imagem da videoaula: Resultados da Entrevista.....	85
FIGURA 9 - Aluna mostra sua boneca negra em videoaula.....	87
FIGURA 10 - Aluna mostra sua boneca negra em videoaula	88
FIGURA 11 - Desenho de uma bailarina Negra	91
FIGURA 12 - Desenho do deus Tupã.....	91
FIGURA 13 - Aluna mostra diferentes cores de lápis para colorir “peles”	91
FIGURA 14 - Cenário utilizado em video chamada referente ao Dia Nacional da Luta Contra o Racismo	93
FIGURA 15 - Imagem do vídeo “Como trocar a tela de fundo utilizando o Microsoft #Teams” disponível no canal “Da escola para o mundo”.....	101
FIGURA 16 - SESC e SENAC - Capa da cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? O racismo sutil”	103
FIGURA 17 - SESC e SENAC - Fragmento da cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? O racismo sutil”	104
FIGURA 18 - tidade visual do Canal “Da escola para o mundo”.....	106
FIGURA 19 - Layout do Canal “Da escola para o Mundo”.....	151
FIGURA 20 - Seção “Sobre” – Descrição do Canal.....	151

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1.INTRODUÇÃO	19
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 BREVE HISTÓRICO: TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO, NA CIÊNCIA E NA TECNOLOGIA.....	28
2.2 O YOUTUBE E A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA.....	35
2.3 METODOLOGIAS ATIVAS E CÍRCULO DE CULTURA: UMA APRENDIZAGEM PARA A EQUIDADE.....	42
2.4 A EDUCAÇÃO E SEU PAPEL NA LUTA CONTRA O PRECONCEITO.....	50
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.1 TIPO DE PESQUISA	58
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	59
3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	59
3.4 LOCAL E PARTICIPANTES DA PESQUISA	60
3.5 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	63
4. DESENVOLVIMENTO E ETAPAS DA PESQUISA	66
5. O PRODUTO EDUCACIONAL	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICES.....	165
ANEXOS.....	178

APRESENTAÇÃO

“Quem sou eu? Eu às vezes não entendo! (...) As pessoas são o que são ou são o que elas têm? (...) Se alguém pensasse em mim, soubesse que sou gente (...)”. Eu sou Heloisa Baptista Nery e faço minhas, as palavras de Pedro Bandeira. Nasci no interior de São Paulo, no dia 30 de junho de 1991, às 06:30h da manhã. Meus pais são Ademir de Oliveira Nery e Denise Maria Baptista Nery e minha irmã mais nova, se chama Daniele (de mesmo sobrenome).

Hoje, sou pedagoga de formação e mestranda em Docência para a Educação Básica. Também ministro aulas de Língua Portuguesa, Ciências Humanas e Práticas Sociais e Culturais para turmas do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental 1, em uma escola de período integral localizada na mesma cidade onde nasci e nunca saí: Bauru.

A seguir, pretendo discorrer acerca de algumas memórias que me trouxeram até aqui e, diferente do que Graciliano Ramos escreveu, não vejo a escola como um “inferno”, mas sim, como um lugar vivo, cheio de gente em movimento e construção.

A infância e um pouco mais...

Aos 3 anos fui pra escola. Minha mãe costumava comprar livros de histórias (tenho alguns até hoje) e de pintar. Sempre fui fascinada por papel e caneta. Minha mãe conta que ao comprar um velotrol pra mim, em vez de pedalar, tirei os adesivos dele para poder brincar. O velotrol ficou para a minha irmã mais nova.

Estudava na Escola Municipal de Educação Infantil Lions Clube e, tudo lá me lembra liberdade e alegria. Conversava muito com os funcionários e tinha muitos amigos. Saía frequentemente da sala de aula para “bater papo” com as merendeiras e o estranho é que eu nunca comia a merenda. Havia uma rotina a ser seguida: dia de parque, dia de quadra, dia de piscina, hora de trabalhos manuais e entre outras que não me recordo.

Eu usava uniforme, mas gostava de incrementar. Ia para a escola com várias bijuterias de brinquedo e levava uma mala cheia de roupas e acessórios de adultos para brincar com as demais crianças.

A alfabetização aconteceu fácil. Quando me dei conta, já lia. Não lembro ao certo como o processo aconteceu, mas lembro de realizar algumas tarefas em casa que eu gostava, cortar letras e palavras em revistas foi uma delas. Acredito que a participação da minha mãe neste processo foi fundamental.

Só lembro de duas coisas ruins: nos dias de piscina havia dois colegas que me afogavam. Isso aconteceu diversas vezes e parece que nenhum adulto via. Outro fato ocorreu dentro da sala de aula. Eu estava sentada no chão, conversando com uma colega, quando de repente, a professora veio por trás, me ergueu pelos braços e me colocou sentada em outro local. Quando isso aconteceu, senti que não gostei e vi que a turma toda estava sentada, enfileirada e em silêncio. Certamente, ela deve ter dado o comando e eu, distraída, não notei.

Minha professora era excelente profissional (digo “era” por já ter falecido), mas este único episódio me marcou e me faz refletir até os dias de hoje. Acredito que estes sentimentos ruins marcam mais do que os bons e quantos sentimentos ruins eu deixei marcado nos meus alunos?

Eu poderia parar por aqui, mas acho importante continuar revivendo minhas memórias para poder compreender a educadora que sou formada por tantos outros professores que participaram desta jornada, de forma positiva e negativa, mas ambas as formas me fizeram aprender. A seguir, conto sobre a minha experiência como uma criança no Ensino fundamental 1 e finalizo com as memórias da adolescência.

Já no ensino Fundamental, antiga primeira série, era tudo diferente. Estudei na Escola Estadual Torquato Minhoto. Escola escura, fechada. Tinha inspetores para vigiar e dar bronca, além de ter um monte de atividade nos cadernos cheios de linha. O caderno e as atividades deveriam sempre estar limpos e corretos. As professoras também eram mais distantes e buscavam a ordem da turma. Falavam mais alto, algumas gritavam. Foi uma ruptura muito dolorosa.

Lembro de começar a ter problemas para terminar atividades e de não entender o sentido de algumas. “Eu não sou boa em Matemática” comecei a dizer. Minha mãe foi chamada na escola e disseram que eu era muito distraída e conversava demais. Não adiantou muita coisa. Me esforcei, mas nada mudou.

Mesmo assim, no quarto ano, a escola decidiu me mudar de turma. Me colocaram no 4º ano A, uma sala mais comportada com um desempenho melhor. Só lembro das terríveis aulas de matemática, onde a professora ensinava a multiplicar e a dividir, coisa que a minha turma ainda não estava aprendendo. Não fiz amigos naquela sala. Me sentia abaixo deles e era tratada assim, tanto pela professora quanto pelos alunos. Não lembro se fiquei 2 dias ou uma semana ali, pois vieram perguntar se eu queria voltar para a minha antiga turma.

Ao voltar para a minha turma, o 4º ano C, eu fiquei muito feliz. Com saudade das risadas e do “mau comportamento” dos meus amigos, que pulavam sem parar e contavam piadas.

A professora começou a ensinar a tal multiplicação por dois algarismos. Eu não entendia. Ela dizia, de modo bem rude, que quem não acertasse, não iria para a aula de educação física. E eu não fui, pois o meu amigo “bom em matemática” que me passava as respostas, demorou para terminar e, quando terminou, foi para a educação física e deixou o caderno com a professora. Nesta época, minha mãe já não se sentava para fazer as tarefas comigo.

Para mim, era muito claro que aquela professora não gostava de mim e consigo me lembrar de seu rosto até hoje. O único momento em que ela se aproximou de mim, de modo mais afetivo, foi para tirar uma foto na entrega do diploma na formatura do PROERD, ao final do ano letivo.

Não me recordo, em nenhum momento, de alguma professora se aproximar e me ensinar Matemática. Era como se não houvesse solução e que o problema estava totalmente em mim, distraída, faladeira e que não aprendia. O estigma com a disciplina matemática dura até hoje e me fez muito mal durante a minha vida escolar. Foi apenas na faculdade, com as aulas do professor Nelson Pirola, que passei a entender o sentido das operações básicas utilizando material dourado e outros objetos.

Anos depois, voltei a esta escola para estagiar. Encontrei a professora do 4º ano A como vice diretora, que ficou feliz ao me ver. Das salas que visitei, não percebi muita diferença do meu tempo.

Em meu trabalho, busco não abandonar nenhuma criança e sei que, de alguma maneira, com mais ou menos tempo, ela conseguirá aprender. Também aprendi, com muito custo, que um profissional que não gosta de lecionar ou que já perdeu as esperanças na educação, faz muito mal para o desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos.

Na quinta-série, estudei na Escola Estadual Morais Pacheco. Era um ambiente difícil. Eu sentia que lá dentro eu teria que sobreviver devido aos históricos de brigas violentas entre os próprios estudantes. Meu desempenho não foi um dos melhores. A sala era muito indisciplinada.

A professora de Ciências acabou desistindo de dar aulas, então, se sentava na mesa e ficava lá até bater o sinal. Fiquei com nota vermelha em Educação Física, pois a professora só dava aulas de Basquete e Vôlei e, segundo ela, eu não era boa.

Na sexta série, minha mãe conseguiu bolsa de estudos em uma escola particular com base cristã, o Colégio Adventista. Fiquei lá até me formar no Ensino Médio. Era um ambiente muito mais leve. Nunca tinha briga e os professores eram mais tranquilos. A sala era mais tranquila. Mas aquele sentimento que senti ao ser transferida para o 4º ano A, perdurou toda a minha estadia neste lugar. Eu estava abaixo, financeiramente e cognitivamente.

Uma vez, ao me desentender com uma garota de outra turma que maltratava uma colega minha, fui levada à coordenação e chamada de invejosa pela garota (cujo pai era um empresário muito influente) e pela coordenadora pedagógica. Fiquei tão humilhada que para me defender só consegui dizer: eu não tenho inveja dela.

Fiquei de recuperação todos os anos. A única oportunidade de recuperação era fazer outra prova e tirar nota igual ou superior a 7. Não havia um olhar específico para o processo dessa recuperação. Passava o ano “raspando” e colando.

Adquiri um pouco mais de maturidade no 3º ano, pois não queria ficar muito distante do restante da minha turma. Intensifiquei os estudos por conta própria e comecei a fazer cursinho público e gratuito na Unesp. Naquele ano, passei em pedagogia na mesma universidade, a qual estou estudando até hoje.

Mas além disso, por que eu, uma professora branca, decidi pesquisar sobre educação antirracista? A resposta não é simples e não é bonita, muito menos emocionante.

Quando estava na oitava série, eu e minhas amigas brincávamos de apontar animais estranhos no livro de ciências da natureza, dizendo umas às outras com quais animais parecíamos. Eu, sem nem pensar, apontei para a imagem de um macaco e disse que se parecia com a minha amiga. Ela, preta, rapidamente soube o que estava acontecendo e me chamou de racista.

Para mim, foi um choque. Tentei justificar, explicar, pedir desculpas. Nossa amizade nunca mais foi a mesma e nem eu fui. Claro que minha atitude perversa não foi explicitamente proposital, mas isso não diminui minha culpa. Fui racista sim e isso me perturba, me incomoda e me fere até hoje.

Três anos após o ocorrido, em uma aula de redação, um professor me convenceu sobre a importância da política de cotas. Antes disso, o senso comum e discriminatório ainda pairava sobre mim.

Ingressei no curso de Pedagogia na UNESP de Bauru em 2008 e por lá fiquei até 2015, quase jubilando devido ao meu posicionamento religioso. Na época, não frequentava as aulas de sexta-feira à noite e nem aos sábados por serem considerados dias “sagrados”. Mesmo assim, tive oportunidades incríveis na área de pesquisa e de extensão que colaboraram para que eu desenvolvesse uma postura mais progressista e crítica, também me possibilitou criar experiências em projetos e escolas em áreas periféricas na cidade.

Atualmente, não sou mais religiosa e vejo a realidade com outros olhos. Em 2015, ingressei no meu primeiro emprego formal como educadora e permaneço no mesmo lugar até hoje, construindo e reconstruindo minha prática, minha profissão e minha humanidade.

Todos estes recortes foram essenciais para a compreensão da pessoa e da profissional que me tornei. Meu papel é fazer com que a escola seja livre, igualitária, personalizada e humana, que eu possa contribuir, mesmo que minimamente, para a construção de novos paradigmas de escola e de educação.

1. INTRODUÇÃO

“Vidas negras importam!”¹. Essas eram as palavras de ordem proferidas por manifestantes revoltados com um caso de violência policial ocorrido em Minneapolis, nos Estados Unidos no dia 25 de maio de 2020, onde George Floyd, um cidadão negro, foi assassinado por um policial branco durante uma abordagem. O caso movimentou o mundo² e ecoou em nosso país, gerando protestos que denunciavam centenas de casos semelhantes (HEAVEY; REUTERS, 2020).

Segundo o jornal El País (Betim, 2020), a polícia brasileira matou seis vezes mais do que a norte-americana em 2019, sendo que 75% das vítimas eram negras. O jornal O Globo também noticia que, a cada quatro horas, uma pessoa negra é morta em ações policiais, o que também é revelado pelo Levantamento da Rede de Segurança do país (CRUZ, 2021).

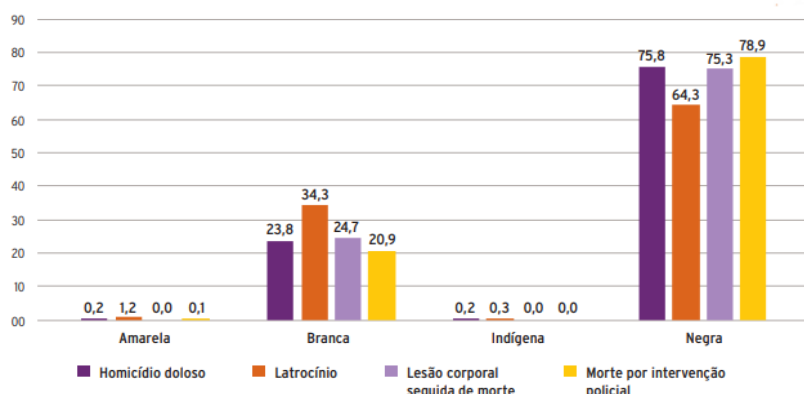
As notícias se repetem e as estatísticas comprovam a realidade racista que assola o Brasil. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020 (2021), apresenta índices preocupantes. Ao analisar um gráfico de Mortes Violentas Intencionais, percebe-se que a população negra está mais suscetível.

Enquanto a taxa de homicídio doloso é de 23,8% para brancos, para negros a taxa é de 75,8%. Para brancos a taxa de latrocínio é de 34,3% e, para negros, 64,3%. A taxa de lesão corporal seguida de morte é de 24,7% para a população branca, mas é maior para a população negra, sendo 75,3%. Em relação à morte por intervenção policial, a taxa é de 20,9% para pessoas brancas, mas é de 78,9% para pessoas pretas. Veja o gráfico abaixo:

¹ O movimento “Black Lives Matter” co-fundado por três mulheres da comunidade negra, Alicia Garza, Patrice Cullors e Opal Tometi, teve seu início em 2013 com o uso da hashtag #BlackLivesMatter nas mídias sociais após a absolvição de George Zimmerman no assassinato a tiros do adolescente Trayvon Martins.

² Foi a primeira vez em que a juventude branca participou efetivamente no debate de enfrentamento contra o racismo, formando uma ampla rede antirracista no mundo, o que é um fator extremamente novo.

GRÁFICO 1 - Fórum Brasileiro de Segurança Pública - Vítimas de Mortes Violentas Intencionais por tipo de ocorrência e raça/cor.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v4-bx.pdf>

Erroneamente, pessoas relacionam estas estatísticas aos crimes cometidos, afirmando que negros cometem mais crimes do que brancos. A Ponte Jornalismo (Stabile, 2020) publicou uma reportagem sobre o assunto em 2020, apresentando dados que põem em xeque estas afirmações preconceituosas.

No artigo, a socióloga Thandara Santos, conselheira do Fórum de Segurança Pública, diz que não é correto relacionar raça à criminalidade e que, um sistema de supervigilância sobrepõe os dados, dando mais ênfase às ações de pessoas pretas, ou seja, estas pessoas são mais visadas em uma abordagem policial.

O jornal também se apoiou nos dados obtidos pela tese de mestrado em Ciência Política de Ivan Borin (2006) para denunciar as injustiças cometidas, informando que 59,5% dos réus por furto em São Paulo eram brancos, enquanto 40,1% eram negros e que, 51,4% dos réus por roubo também eram brancos e 48,3% eram negros, ou seja, afirmar que pessoas negras cometem mais crimes que pessoas brancas não é apenas um equívoco é a comprovação de que o racismo existe e faz vítimas.

A Ponte Jornalismo verificou que, embora pessoas brancas apresentem maior taxa de índice de criminalidade, na Justiça, a situação é diferente. O texto “Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo” do professor de sociologia da Universidade do Estado de São Paulo (USP), Sérgio Adorno (1995), desmascara a desigualdade e conclui que após os julgamentos, 59,4% dos brancos recebem condenação, enquanto 68,8% das pessoas negras são condenadas.

A advogada criminalista Thayná Yared, coordenadora-chefe do setor de bolsas e desenvolvimento do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM),

também foi entrevistada pela Ponte Jornalismo e relatou que este preconceito surgiu a partir da “falsa” abolição da escravização ocorrida em 1888, que criminalizou ex-escravizados por “vadiagem”, por “jogar capoeira”, exercitar suas práticas religiosas e outros costumes.

Em 1998, o historiador Nicolau Sevencko (1998) escreveu que no início do século XX, a maioria da população do Rio de Janeiro era composta por pessoas negras que saíram das fazendas de café após a abolição da escravatura e foram em busca de trabalho nos portos cariocas, se alojando em antigos casarões no centro da cidade.

Para as autoridades da época, aquelas pessoas representavam uma ameaça à ordem, à segurança e à moralidade pública, portanto, proibiram rituais religiosos, cantorias, danças e outras expressões culturais tradicionais das culturas africanas e afro-brasileira, relacionando-as à feitiçaria e à imoralidade, além disso, demoliram os casarões e expulsaram a população para longe do centro da cidade, que se “malocou” nos morros, dando origem às primeiras favelas.

Antes disso, no século XIX, que foi marcado por protestos e conflitos pelo fim da escravidão no Brasil, o país passou por um censo completo da população de escravizados sob a política de D. Pedro II em 1872. O censo revelou que, de 10 milhões de pessoas recenseadas, 58% se declararam como pretas e pardas e mais de 15% destas, eram escravizadas. O objetivo era mapear a contingência vinda da Europa, uma vez que se iniciava uma política racista de branqueamento das raças (SOUZA, 2013).

Herbert Spencer (1820 - 1903), antropólogo inglês e precursor do Darwinismo Social, defendeu o branqueamento das raças com a premissa de que os seres são diferentes entre si e, sendo assim, os superiores devem prevalecer e governar, enquanto as raças inferiores tendem a desaparecer (BOLSONELLO, 1996). Assim como Arthur de Gobineau (1816 - 1882) que, se respaldando nos determinismos biológicos e geográficos, acusava a pele “não-branca” de comportamentos imorais e de degeneração (ALMEIDA, 2018).

Cientistas brasileiros que seguiam essa mesma lógica, acreditavam que em 2012, povos negros e indígenas não seriam mais vistos no território brasileiro, composto majoritariamente por brancos e por uma pequena parcela de mestiços e pardos (ALMEIDA, 2018; BOLSONELLO, 1996; SCHWARCZ, 2012).

O termo “pardo” foi destinado à pessoa que deixava de ser negra devido à mestiçagem, mas ainda assim não era considerada branca, era uma branca-suja, morena, alguém sem identidade, em busca de redenção, em busca de branqueamento. O termo “negro”, por sua vez, reservou-se apenas àqueles com a pele retinta, fazendo com que os grupos de pessoas brancas aparecessem como maioria nas pesquisas demográficas seguido de um alto índice de pessoas pardas (SCHWARCZ, 2012).

Entretanto, entre os anos de 2012 e 2019, se vê um encolhimento na quantidade de declarantes brancos no país e o aumento da autodeclaração de pardos (10%) e pretos (36%), fato este que pode ser explicado pelos investimentos em políticas públicas e em ações educativas e afirmativas que possibilitaram o reconhecimento e orgulho das origens do povo brasileiro e que buscam por reparação histórica (ALTINO, 2022; SILVEIRA, 2020).

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão e foi só em janeiro de 2003 que o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana na educação básica, pública e privada se tornou obrigatório por meio da Lei nº 10.639 (Brasil, 2003), porém, educadores não receberam uma formação adequada para desenvolver um trabalho voltado ao combate do racismo e à reafirmação da identidade negra. O que se vê são práticas tradicionais e de senso comum que apontam a escravidão como a única história de um povo, levando à perpetuação de estereótipos e preconceitos.

Ferreira (2012) afirma, por meio de suas pesquisas, que a maneira de ensinar de um professor pode transmitir diversas mensagens ocultas a seus alunos e, por isso, é preciso investir em uma formação docente adequada e de longo prazo, que proponha discussão e reflexão sobre as práticas pedagógicas empregadas, instrumentalizando os profissionais para combater o racismo de fato.

Sobre isso, Webb (2001, p. 251 *Apud* FERREIRA, 2012, p. 285) diz:

Ajudar os professores a compreender suas próprias suposições e crenças sobre outros grupos raciais e étnicos têm um longo caminho no sentido de ajudar que os professores compreendam como sua forma de ensinar (prática pedagógica) pode ser melhor ajustada para atender as necessidades de todas as crianças.

Os debates acerca da educação antirracista vêm crescendo e ganhando espaço no Brasil, mas surgiu no século XX na Grã-Bretanha, seguindo para o

Canadá, Austrália e Estados Unidos. Conforme Troyna e Carrington (1990, p. 1), citados por Ferreira (2012, p. 276), a educação antirracista:

(...) refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal.

Os autores Uchôa, Chaves e Pereira (2021) citam Paulo Freire (1987) ao enfatizarem que este tipo de educação pressupõe um currículo escolar intercultural e dialógico, comedido pelo amor e pelo respeito, sem a subordinação e hierarquização das culturas. Eles defendem que:

A escola é, por excelência, o espaço da diversidade, sendo assim, cabe aos educadores considerar os alunos como sujeitos pertencentes a culturas coletivas e diversas. O respeito às diferenças é a primeira atitude que se espera de um educador comprometido com o combate ao racismo e com a construção de uma Educação Antirracista (UCHÔA, CHAVES e PEREIRA, 2021, p. 72).

Ao buscar na literatura artigos que divulgam estratégias didáticas antirracistas aplicadas e validadas em sala de aula, é possível detectar que ainda há muito a se fazer, principalmente no que diz respeito ao Ensino Fundamental - 1º ciclo.

Nas bases de dados Scielo e Periódicos da Capes, encontram-se mais artigos voltados às teorias de educação étnico-racial por meio de revisão de literatura, legislação, história, sociologia, políticas públicas e pesquisas no campo da saúde. Também é possível encontrar alguns estudos desenvolvidos com estudantes do Ensino médio e sobre formação de professores no ensino superior e médio e pesquisas referentes a trajetórias e percursos de personalidades negras, e como se dão os processos de exclusão e de presença da negritude na sociedade.

Nos quadros 1 e 2 abaixo, apresentamos os resultados da pesquisa que realizamos, relacionados ao tema “Educação Antirracista” nas bases de dados Scielo e Periódicos da Capes. No quadro 1, para pesquisa na base SciELO utilizamos as palavras chaves “educação” e “racismo” no período 2003 - 2022. De 55 resultados encontrados, apenas 3 envolviam análise de conteúdos em materiais didáticos.

QUADRO 1 - Levantamento Bibliográfico: SciELO**Base de dados:** Scielo**Local de acesso:** <https://scielo.org/>**Recorte temporal:** 2003 - 2022**Operadores Booleanos:** Educação AND Racismo**Filtros:** Educação - Em português - Artigos**55 resultados, sendo:**

12 resultados voltados à pesquisa sobre trajetórias e percursos de pessoas negras, bem como suas presenças e exclusões, sendo 2 resultados para educação quilombola e 2 resultados sobre ensino religioso.

3 resultados sobre ensino superior e formação de professores.

2 resultados voltados ao campo das ciências naturais e 2 resultados sobre Educação Física.

1 resultado sobre pesquisas desenvolvidas no Ensino Médio e 3 na Educação Infantil.

15 resultados de pesquisas na área da saúde.

32 resultados sobre pesquisa em educação étnico-racial; revisão de literatura; legislação; história; sociologia e políticas públicas, sendo 3 resultados sobre currículo e 3 sobre material didático.

1 resultado para o Ensino Fundamental - pesquisa sobre a diferença no desempenho escolar entre crianças brancas e pretas.

Fonte: a própria autora.**QUADRO 2 - Levantamento Bibliográfico: Capes****Base de dados:** Periódicos da Capes**Local de acesso:** <https://scielo.org/>**Recorte temporal:** 2003 - 2022**Operadores Booleanos:** Educação AND Racismo**Filtros:** Educação - Em português - Artigos**50 resultados, sendo:**

4 resultados voltados à pesquisa sobre trajetórias e percursos de pessoas negras, bem como suas presenças e exclusões.

1 resultados sobre educação quilombola.

2 resultados sobre ensino religioso.

1 resultado sobre formação de professores.

1 resultado voltado ao campo das ciências naturais.

6 resultados de pesquisas na área da saúde.

29 resultados sobre pesquisa em educação étnico-racial; revisão de literatura; legislação; história; sociologia e políticas públicas.

2 resultados sobre currículo.

3 resultados sobre pesquisas na Educação Infantil.

1 resultado para o Ensino Fundamental - pesquisa sobre a diferença no desempenho escolar entre crianças brancas e pretas.

Obs.: Muitos artigos coincidem com os encontrados na base de dados da Scielo**Fonte:** a própria autora.

Nossa busca em ambas bases de dados, evidenciou um déficit de produções de artigos sobre relatos de práticas docentes visando a desconstrução do racismo e a construção de valores antirracistas em estudantes mais novos. Não encontramos nenhum artigo de divulgação de práticas pedagógicas específicas sobre o tema racismo no Ensino Fundamental.

Esses dados revelam a importância da elaboração, desenvolvimento, e utilização de atividades com alunos que sejam intelectualmente engajadoras, que contribuam para a formação de cidadãos críticos com construção de valores e atitudes antirracistas.

Considerando que os estudantes de hoje estão imersos em um mundo tecnológico digital, consumindo inúmeras informações midiáticas pelas telas dos smartphones por meio das redes sociais, sempre conectados, pensamos que recursos digitais e midiáticos podem potencializar a aprendizagem.

Na Era da Informação, é papel da escola promover uma educação midiática, desenvolvendo “habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos - dos impressos aos digitais”, formando cidadãos livres e aptos a fazer escolhas conscientes (EDUCAMÍDIA, 2022).

“O aluno é receptor e disseminador de conteúdos veiculados nos diversos meios de comunicação” (GAVASSA, 2016). Segundo a autora, “cabe ao professor interagir com esse aluno e com o conteúdo trazido por ele, agindo como formador e mediador, instigando sua criatividade”.

Nesta pesquisa, buscamos desenvolver um artefato pedagógico digital, utilizando estratégias didáticas baseadas em metodologias ativas a partir dos princípios dos círculos de cultura, contribuindo para o desenvolvimento de valores e atitudes antirracistas por alunos do Ensino Fundamental I.

Em consonância, elaboramos e avaliamos um produto educacional para a construção de valores e atitudes antirracistas buscando promover uma educação midiática que estimule uma postura não só de consumidor, mas também de produtor de conteúdo, em uma perspectiva de aprendizagem ativa.

Criamos e desenvolvemos um canal no site YouTube com crianças na faixa de 11 anos de idade, matriculadas em uma turma de 5º ano de Ensino Fundamental, em uma escola privada na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo durante o ensino remoto em função da pandemia de COVID-19. Os alunos participaram de exposições dialogadas, realizaram pesquisas em diversos tipos de mídias, utilizaram diferentes gêneros textuais, e produziram vídeos sobre racismo, compartilhando informações sobre racismo, reafirmando a identidade negra e exaltando a grandeza social e histórica da cultura afro-brasileira.

Como principal resultado, mostramos as evidências de como a estratégia utilizada e o produto criado (o canal “Da escola para o mundo” disponível no YouTube desde o ano de 2020), o qual constitui o produto educacional, um dos requisitos para a conclusão do mestrado profissional em Docência para a Educação Básica, pode contribuir com a desconstrução do racismo, estimulando a reflexão e a mudança de atitudes de acordo com valores antirracistas.

Esta dissertação está organizada em 5 capítulos. Apresentamos, no capítulo 1, a Introdução, no capítulo 2, a Fundamentação Teórica que sustenta este trabalho, o capítulo 3 intitulado Procedimentos Metodológicos, apresentamos o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos éticos utilizados, a caracterização do local e do público participante e os procedimentos da pesquisa. No capítulo 4, descrevemos e analisamos em detalhes cada etapa da pesquisa. No capítulo 5, apresentamos o produto educacional, finalizando com as considerações finais.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Desenvolver um artefato pedagógico digital utilizando estratégias didáticas baseadas em metodologias ativas a partir dos princípios dos círculos de cultura, contribuindo para o desenvolvimento de valores e atitudes antirracistas por estudantes do Ensino Fundamental Anos - Iniciais.

Objetivos específicos:

- Escolher recurso digital mais adequado para promover educação midiática e antirracista.
- Definir as etapas e as ações para construir o produto educacional: canal do YouTube.
- Elaborar vídeos e realizar postagens no canal.
- Aplicar o produto educacional com alunos do Ensino Fundamental I.

Hipótese:

A constituição, a partir do círculo de cultura, de uma plataforma midiática e tecnológica para a construção de artefatos digitais para uma aprendizagem antirracista.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRICO: TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE, NA EDUCAÇÃO, NA CIÊNCIA E NA TECNOLOGIA

A pedagogia passou por grandes mudanças ao longo do tempo e foi se modificando, se adaptando e se transformando conforme as demandas de seu contexto histórico social, político, econômico e cultural. É o que o pedagogo italiano Franco Cambi (1999) apresenta em sua obra “A História da Pedagogia”, onde descreve os objetivos e modelos de educação desde a Idade Antiga até a Idade Contemporânea.

Ao revisitar o passado, podemos afirmar que no Mundo Antigo e Medieval, a educação pautava-se na religiosidade e destinava-se apenas aos homens pertencentes à elite. O objetivo era ensinar regras e condutas, perpetuando superstições, costumes e hierarquias.

O conhecimento clássico foi sendo construído à medida em que os problemas cotidianos surgiam, sendo necessário pensar em estratégias e aperfeiçoar técnicas. Tais conhecimentos, por serem “produzidos” pelos mais abastados, atuavam inclusive, como um dos meios de separação entre as classes sociais. Inovações, questionamentos e críticas não eram atitudes vistas com “*bons olhos*”, diferentemente do que se entende hoje sobre educação, pelo menos é o que aparece nos documentos oficiais e discursos pedagógicos.

A Idade Moderna (1453 d.C. - 1789 d.C.) rompeu com o modelo anterior de educação propondo a laicização, a emancipação da mentalidade (principalmente das classes dominantes) e o uso da razão para produzir e organizar os saberes. A Pedagogia passa a ser uma Ciência e instituições sociais (família, igreja, hospitais, prisões, escola etc.) “agem em função do controle e da conformação social, operando no sentido educativo” (CAMBI, 1999), sendo a escola o principal meio para este fim, ganhando um aspecto mais especializado e central na vida dos Estados modernos.

Segundo Cornel West (2002, p. 51), o século XVII (a Era do Gênio) foi marcado pela notável revolução científica, pois significou a autoridade da Ciência, justificando “novos modos de conhecimento e novas concepções de verdade e realidade”.

Nos séculos XVIII e XIX, com o Iluminismo e com as Reformas Educacionais, a educação começou a traçar novos rumos, olhando para a infância e para o infante, rompendo com o obsoleto e defendendo o direito à educação para todos. Filósofos, como Jean Jacques Rousseau (1712 - 1778), criticaram o sistema educacional da época e possibilitaram a reflexão acerca do papel da escola na produção de seres humanos pensantes e autênticos, capazes de aprender a pensar e não somente reproduzir.

West³ (2002, p. 47), ao escrever sobre a genealogia do racismo, ressaltou que a estrutura do discurso moderno em sua concepção produziu formas de racionalidade, cientificidade e objetividade, bem como ideais estéticos e culturais requeridos para a constituição da ideia da supremacia branca, promovida e projetada, inclusive, por muito escritores iluministas e antiescravagistas. Destacamos que, embora a educação, o conhecimento e a ciência tenham sido apresentados como progressos nesta era de crítica, eles também foram responsáveis por constituir normas supremacistas como um objeto do discurso moderno no ocidente, assim como pontua o autor:

[...] a autoridade da ciência, amparada por um discurso filosófico moderno guiado pelas metáforas gregas e noções cartesianas, promove e encoraja atividades de observar, comparar, medir e ordenar as características físicas dos corpos humanos. Dada a renovada apreciação e apropriação da antiguidade clássica, essas atividades são reguladas pela estética clássica e normas culturais. a fusão criativa da investigação científica, epistemologia cartesiana e ideais clássicos produziu formas de racionalidade, cientificidade e objetividade que, apesar de eficazes na busca por verdade e conhecimento, proibiram a inteligibilidade e legitimidade da ideia de igualdade negra em beleza, cultura e capacidade intelectual (WEST, 2002, p. 48).

Ao longo do século XVIII, surgem mudanças nos aspectos econômicos e sociais, indicando o início da Primeira Revolução Industrial (1760 – 1840), que foi um grande marco na transformação da economia, da tecnologia e do modo de viver em sociedade.

Neste período, as instituições religiosas e de caridade ofereciam educação de acordo com as necessidades básicas do proletariado (contar e ler), mas devido à

³ Segundo o autor, “a genealogia do racismo no ocidente moderno é inseparável do aparecimento da categoria classificatória de raça na história natural” (p.56). Sua pesquisa “realça o fato que a vida cotidiana de pessoas negras é moldada não simplesmente pelo sistema explorador (oligopolístico) capitalista de produção, mas também por atitudes culturais e sensibilidades, incluindo ideais de beleza alienantes” (p. 65).

exploração, à alta mortalidade e ao abandono de crianças, as práticas educativas foram sendo diluídas. Também foi o momento em que os operários desenvolveram consciência de classe, começaram a se organizar e a reivindicar melhores condições de trabalho.

É importante ressaltar que, no Brasil⁴, a Revolução Industrial não repercutiu da mesma maneira como na Europa, pois a relação de trabalho ainda era escravocrata e perdurou assim até 1888, fato extremamente relevante para o desenvolvimento deste trabalho e para a consolidação da desigualdade racial em nosso país.

A Idade Contemporânea foi marcada pela industrialização, pelos direitos, pelas massas e pela democracia. A escola, com a sua estrutura sistemática muito mais definida, com a alfabetização e a difusão da cultura como um processo de desenvolvimento democrático e coletivo, ganhou características públicas e começou a ser ofertada pelo Estado.

Novos sujeitos educativos emergem neste contexto: a criança, a mulher, a pessoa com deficiência e, após alguns anos, outras minorias (étnicas, culturais, sociais) também começaram a emergir. A Pedagogia, por sua vez, diante deste novo cenário, sobretudo no século XX, precisou se submeter a uma revisão radical para se reescrever e se reinterpretar.

Entre os anos de 1850 a 1945, aconteceu a Segunda Revolução Industrial. Esta, com uma intensidade menor do que a primeira, apresentou grande progresso nas indústrias químicas, elétricas, de petróleo e de aço, bem como nos meios de transporte e de comunicação. Nos Estados Unidos, implementou-se o Taylorismo e o Fordismo, modelos de produção em massa que visavam a organização do processo produtivo, o baixo custo dos produtos e o acúmulo de capital.

Continuou-se a alfabetizar as massas e a ampliar a especialização dos operários e técnicos que buscavam se encaixar no mercado de trabalho. A escola tinha a função de preparar uma mão de obra capacitada para manusear as novas

⁴ Ao falarmos sobre a Revolução Industrial e seus impactos como o consumismo, a competitividade e a luta por direitos, recorremos a Milton Santos (2001,p.49 e 50) que afirma: “consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão. É certo que no Brasil tal oposição é menos sentida porque em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãos; os pobres jamais puderam ser cidadãos. As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios e não direitos. E isso é um dado essencial do entendimento do Brasil”.

tecnologias incorporadas pelas indústrias, se deparando com inovações que ela mesma não tinha domínio da utilização e, por isso, muitos materiais didáticos acabaram caindo em desuso (SILVA; GASPARIN, 2005).

No final do século XIX até o início do século XX, vigoraram-se algumas experiências educativas diferentes das práticas tradicionais, inovando profundamente o papel da escola, as chamadas “escolas novas”. Difundidas predominantemente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, voltavam à valorização da criança e da sua atividade, sem distinguir “conhecimento e ação, atividade intelectual e atividade prática” (CAMBI, 1999).

Este novo pensar “ativista”, protestou contra as escolas tradicionais e suas práticas que desvalorizavam a natureza infantil e a intelectualidade. Se nutriu de sentimentos democráticos e progressistas, inspirados na ideia de formação de cidadãos ativos e participativos na vida social e política, pregando um desenvolvimento harmônico de todas as faculdades humanas, onde o ensino partia da experiência individual de cada criança e interagia com os problemas reais da sociedade.

Cambi (1999) cita Dewey (1859 - 1952) como um dos grandes mestres teóricos do “ativismo”, assim como Decroly, Claparède Ferrière e Maria Montessori. O primeiro destes, dentre todos os citados, “foi certamente o teórico mais ilustre da educação nova, pela riqueza e rigor filosófico do seu pensamento”, grifos do autor.

A pedagogia de Dewey é estruturada por uma “teoria da experiência”: sujeito e natureza se entrelaçam ativamente, se transformam e produzem um desequilíbrio que por meio do pensamento se restabelece, reconstrói-se. Nasce um equilíbrio novo e mais orgânico que, na lógica da aprendizagem, logo se desestabiliza novamente para formar novas conexões e construir novas assimilações. Esta pedagogia caracteriza-se pela relação entre teoria e prática, na qual o “fazer” do educando é o aspecto central da aprendizagem, pelas ciências experimentais que conduzem à resolução de problemas e pelo empenho em formar um “cidadão dotado de uma mentalidade moderna, científica e aberta à colaboração”.

Neste modelo evolucionista pragmático e instrumentalista, a reflexão política gira em torno do princípio da democracia que necessita, constantemente, ser construída e reconstruída por uma educação escolar organizada como um laboratório, que estimula a produção individual e que desenvolve opinião-pública, criando uma comunidade livre e capaz de autorregular-se intelectualmente. A

educação é colocada como força libertadora das capacidades intelectivas individuais e, ao mesmo tempo, das colaborativas sociais, assim como esclarece Cambi (1999).

O modelo de Dewey de “escola ativa” valoriza a criança e a coloca no centro de toda intenção didática. Para ele, a escola não deve ser alheia às mudanças da sociedade e sim, estar intimamente ligada ao processo social, mudando a sua própria forma como uma comunidade em miniatura. Seus estudos sobre educação foram essenciais e um dos mais eficazes para o enfrentamento e para a superação da crise pós-bélica.

Logo após a Segunda Grande Guerra Mundial, entre os anos de 1950 e 1970, como uma consequência do Plano Marshall, surgiu a Terceira Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Digital. O seu surgimento foi marcado pela modernidade proporcionada às indústrias pela eletrônica, pela robotização na linha de produção de automóveis e pela expansão de computadores digitais. Inicia-se a Era da Informação (SÁ, 2020).

Neste contexto, o conceito de globalização⁵ ganhou força, bem como o conceito *mass media*, designado para se referir aos grandes meios de comunicação em massa, assim como a televisão.

Postman (1999, *apud* CAMBI, 1999) afirma que a mídia de massa é um meio de educação informal potentíssimo. Por meio da televisão, age com profundidade desde a infância, utilizando-se não só da linguagem verbal, mas sobretudo de imagens. Muitos defendem que a reprodução em massa empobrece e desvaloriza conteúdos historicamente construídos, mas ela também pode ser um fator importante para a emancipação, uma vez que introduz diferentes culturas (mesmo que ainda de modo fragmentado) e promove a aproximação entre o povo e a linguagem culta, construindo uma *koiné*, uma língua comum no âmbito das nações.

Para exemplificar, o autor utiliza-se de um exemplo dado por Tullio de Mauro, renomado linguista que afirma que o idioma italiano apenas se tornou a língua oficial do país devido à expansão do meio televisivo que, gradativamente, substituiu os dialetos. Em um país cuja taxa de evasão escolar era muito alta e com um número

⁵ Em sua teoria sobre os três mundos, Milton Santos (2001) afirma que existe a globalização enquanto fábula (o mundo tal como nos fazem crer), a globalização como perversidade (o mundo como realmente é) e o mundo como pode ser, ou seja, uma outra globalização. Neste parágrafo, compreendemos a globalização enquanto fábula, pois o mercado global se apresenta como homogeneizador do planeta, mas na verdade, as diferenças locais são aprofundadas (neste último caso, fica evidente a globalização como ela é: perversa).

inexpressivo de leitores, a televisão alcançou um patamar que a imprensa e a escola não puderam alcançar.

Com relação à dualidade de pensamento sobre a vilania ou não das mídias de massa, Cambi (1999) pauta-se no ensaio de Umberto Eco de 1964, escritor, ensaísta, linguista e filósofo de nacionalidade italiana, que critica a indústria cultural, responsável por administrar e estimular reproduções. De um lado, acusam a cultura de massa como responsável pela pobreza cultural, pelo endurecimento das ideias, da imaginação e pela subalternidade ao mercado econômico e do outro, há quem defenda o *mass media* como meio de valorização da democracia da cultura.

A indústria cultural é um fato, mas convém reconhecer uma função educativa que, de maneira consciente, pode contribuir para a difusão de valores culturais àqueles que antes não teriam acesso.

Em seu ensaio, Eco (1964, *apud* CAMBI, 1999) faz um comparativo entre o fato acima apresentado e a fabricação industrial de livros. Por mais que a produção de livros sirva como lucro de mercado, seu bom uso se faz essencial para a transmissão de valores e de conhecimentos.

Não se pode negar que, com o advento do *mass media* e da indústria cultural, a educação se transformou radicalmente e seus agentes tradicionais deixaram de ter papel central na divulgação dos saberes. Hoje, a mídia de massa se apresenta como um dos primeiros educadores de jovens e crianças levantando desafios que devem ser enfrentados pelos educadores, pela sociedade, por intelectuais e por políticos.

O economista alemão Schwab (2018), anuncia a Era da Quarta Revolução Industrial que, de acordo com ele, mudará fundamentalmente o mundo que conhecemos por meio do desenvolvimento e incorporação de inovações tecnológicas, sendo maior e mais complexa do que a Primeira Revolução Industrial, pois conecta o mundo digital, físico e biológico sinergicamente.

O objetivo de apresentar brevemente alguns marcos da História da Educação, é comprovar que esta e os sujeitos que a compõem, passaram por grandes transformações ao longo do tempo e tiveram que se adaptar de acordo com as necessidades da época, o que justifica a necessidade de mudanças urgentes no âmbito educacional atual.

Se faz necessária outra reforma educacional, dessa vez, seguindo os princípios da Quarta Revolução Industrial apresentada por Schwab (2018), visto que, até mesmo as crianças, estão cada vez mais conectadas e o modo tradicional de

aprender e ensinar já não apresenta resultados tão satisfatórios, tornando os saberes difundidos pela escola em ultrapassados, mas não apenas isso, é preciso reconhecer a urgência de construir uma nova globalização, uma globalização mais humana:

Cabe-nos, mesmo, indagar diante dessas novas realidades sobre a pertinência da presente utilização de concepções já ultrapassadas de democracia, opinião pública, cidadania, conceitos que necessitam urgente revisão, sobretudo nos lugares onde essas categorias nunca foram claramente definidas nem totalmente exercitadas. Nossa grande tarefa, hoje, é a elaboração de um novo discurso, capaz de desmistificar a competitividade e o consumo e de atenuar, senão desmanchar, a confusão dos espíritos (SANTOS, 2001, p. 55).

No caso do Brasil, embora a democratização do acesso à internet tenha crescido, o acesso ainda é muito desigual: 20% da população brasileira acima de 16 anos não possui conexão e 25% é considerada parcialmente conectada, ou seja, não possui acesso à internet todos os dias. Esses grupos são formados principalmente por pessoas negras pertencentes às classes C, D e E (G1, 2022).

Dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) do ano de 2018, evidenciam o resultado insatisfatório da Educação Brasileira, que ocupa a 59ª posição no ranking mundial de leitura, 72ª no ranking de matemática e 67º lugar no ranking de ciências (OLIVEIRA, 2019).

Os resultados da Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, revelam a estagnação da educação nacional sem grandes avanços nos índices de escolarização, além disso, 40% dos brasileiros acima de 25 anos não possuem o ensino fundamental completo e a taxa de analfabetismo ainda é persistente com 11,3 milhões de pessoas acima de 15 anos analfabetas. Entre a população idosa analfabeta, 10,3% é composta por pessoas brancas e 27,5% é composta por pessoas negras, fruto de um passado escravocrata que deixou lacunas no conceito de igualdade.

Dando continuidade ao assunto, no subcapítulo seguinte, apresentamos o YouTube como uma importante mídia de massa presente no cotidiano dos estudantes e a necessidade da promoção de uma educação midiática no atual contexto.

2.2 O YOUTUBE E A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

Iniciamos esta seção considerando o público-alvo no qual essa pesquisa se destina. Após tantas alterações históricas, é inadmissível pensar que esta geração é a mesma de gerações passadas, que pensa e age do mesmo modo.

Sobre isso, os estudos de Marc Prensky (2001) afirmam que pessoas nascidas a partir do ano de 2010 são consideradas pertencentes à “geração alfa” e denominadas de “nativos digitais”, pois nasceram em um mundo totalmente digital e estão habituados a utilizar recursos tecnológicos digitais para a comunicação, para o entretenimento e para o estudo.

Conforme o autor explica, o resultado de toda essa imersão no ambiente digital, fez com que os estudantes de hoje em dia pensem e processem as informações de maneira bem diferente das gerações que os antecederam. Estes recebem informações muito rapidamente, realizam múltiplas tarefas e dão preferência aos recursos gráficos.

Aqueles que nasceram antes do ano de 2010, necessitaram utilizar ou fascinaram-se pela “linguagem digital”, assim como familiares e professores, se enquadram no termo “imigrantes digitais”, pois se adaptaram à uma nova realidade. Este grupo possui uma concepção muito distinta do que é e como é aprender e ensinar na atualidade, o que pode gerar alguns desencontros no processo educativo.

De um modo ou de outro, ambos os grupos citados acima, são considerados pelos pesquisadores como “alfabéticos digitais” (Dudeney; Hockly; Pegrum, 2016) por apresentarem familiaridade com o ambiente digital. Porém, não se pode afirmar que estes são “letrados digitalmente”, o que pressupõe o bom uso da internet e de demais recursos tecnológicos digitais para o desenvolvimento da aprendizagem ativa e não só para o entretenimento.

Com base no relatório “Leitores do Século XXI – Desenvolvendo Habilidades de Alfabetização em um Mundo Digital”, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, afirma que grande parte dos nativos digitais são incapazes de entender nuances e ambiguidades em textos online, de localizar materiais confiáveis na internet, de avaliar a credibilidade de informações e de distinguir fatos de opiniões (BBC NEWS BRASIL, 2021).

Este fato ficou muito evidente durante a pandemia do COVID-19 enfrentada no ano de 2020 que, por motivos maiores, foi necessário realizar a transição do ensino presencial para a modalidade de ensino remoto. Este novo modelo de ensino, que privilegia o uso de recursos digitais voltados à educação, sugere que o estudante desenvolva autonomia para utilizá-los e seja capaz de selecionar e criticar as diferentes informações que recebe pelos diversos recursos midiáticos, construindo o seu próprio conhecimento.

Silva e Camargo (2015, p. 173) dizem que:

Até hoje, a escola se posicionou de maneira um tanto refratária e adversa às transformações da pós-modernidade. Todavia, nos últimos anos, a aceleração do desenvolvimento tecnológico tornou inevitável o confronto da escola com a cultura digital, em função do modo como esta afeta a interação entre as pessoas, os processos de comunicação e a produção e a transmissão de conhecimento. Em suma, a relevância social da instituição escolar dependerá, em grande medida, de sua capacidade de se reinventar diante da mudança de era em que vivemos.

Silva e Camargo (2015, p. 174) ainda afirmam que:

(...) a tecnologia digital aparece como parte essencial da cultura escolar, pois permeia a vida de alunos, professores e pais que interagem na internet por meio de dispositivos. Esse novo cenário exige da instituição de ensino um posicionamento sobre, pelo menos, duas questões: uma comportamental e outra pedagógica. Do ponto de vista comportamental trata-se de dispor de abordagem e de entendimento para lidar com as novas gerações que têm chegado à escola sabendo manipular dispositivos eletrônicos e atuar em ambientes digitais. Do ponto de vista pedagógico, trata-se de dispor de estratégias de aprendizagem que correspondam às condições de produção, acesso e transmissão do conhecimento em nossa época.

Para esta pesquisa, realizamos um levantamento entre estudantes do 5º ano do ensino fundamental 1 - sobre o que mais gostam de fazer na internet (Figura 4). As respostas se repetem: jogar jogos online, participar de redes sociais, assistir e gravar vídeos. Além disso, as pessoas mais admiradas por eles são os “influencers digitais” que, por meio de vídeos e fotos, influenciam o estilo de vida das pessoas e o modo de pensar e agir, fazendo com que crianças, adolescentes e até mesmo adultos, reproduzam suas ações e discursos.

Um dos sites mais acessados no mundo e, conseqüentemente pelos nativos e imigrantes digitais, é o site YouTube, que serve como banco de produtos audiovisuais e se apresenta como uma ferramenta de mídia digital cada vez mais

acessada e inserida no cotidiano das famílias, da escola e da sociedade em geral, que sente a necessidade de transmitir e visualizar ideias, possibilitando o fluxo de informações ao redor do mundo contemporâneo globalizado e se tornando uma nova fonte de discursos.

A utilização deste recurso apresenta reflexões acerca de diferentes ambientes de aprendizagem, autonomia, autodidatismo e capital cultural (ALMEIDA *et al*, 2015; PELLEGRINI *et al*, 2009; MOURA; FREITAS, 2018). Por meio do desenvolvimento de um letramento digital, espera-se que o estudante desenvolva um conjunto de habilidades interpessoais e cognitivas que o permita compreender e utilizar, de forma crítica, a informação gerada na era da internet, adaptando a capacidade de leitura, escrita e até mesmo o modo de agir no mundo moderno (PORVIR, 2012).

Está muito claro que este novo modelo de educação irá permanecer nesta nova sociedade e que os “nativos digitais” não regredirão em suas habilidades e conhecimentos, portanto, cabe aos “imigrantes digitais” aprenderem a se comunicar com a nova geração de estudantes, se atentando aos conteúdos “futuros” como software, hardware, robótica, nanotecnologia, genoma, ética, sociologia, política, línguas etc. É de extrema importância que os professores, enquanto mediadores do processo educativo, apresentem novos significados aos conteúdos do tipo “legado”, como a leitura, a escrita e o raciocínio lógico, tornando-os mais significativos (PRENSKY, 2001).

É na internet que muitas delas encontram diversão, se expressam, aprendem, criam e são influenciadas por outras pessoas. Basta fazer uma busca rápida na internet para encontrar informações sobre os tipos de sites mais acessados no Brasil e no mundo: ferramentas de busca, redes sociais, comércio on-line, serviços de vídeo em streaming etc. (CASAGRANDE, 2022).

O site YouTube (empresa de mídia agregadora de vídeos) é um dos mais acessados mundialmente e foi fundado em junho de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, todos ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal. O objetivo de seus idealizadores era facilitar o compartilhamento de vídeos na internet, diminuindo as barreiras técnicas para essa tarefa. A criação foi considerada revolucionária para a época e o slogan utilizado era “Digital Video Repository” (Seu Repositório de Vídeos Digitais) (BURGESS; GREEN, 2009).

O site apresenta uma interface simples que facilita a navegação do usuário que, por sua vez, pode realizar upload, publicar e assistir vídeos em streaming. Ademais,

O YouTube não estabeleceu limites para o número de vídeos que cada usuário poderia colocar on-line via upload, ofereceu funções básicas de comunidade, tais como a possibilidade de se conectar a outros usuários como amigos, e gerava URLs e códigos HTML que permitiam que os vídeos pudessem ser facilmente incorporados em outros sites, um diferencial que se aproveitava da recente introdução de tecnologias de blogging acessíveis ao grande público. Exceto pelo limite de duração dos vídeos que podiam ser transferidos para o servidor, o que o YouTube oferecia era similar a outras iniciativas de vídeos on-line da época. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17)

O sucesso do site veio em 2006 quando o Google o comprou. Em dois anos, o YouTube se tornou um dos sites mais populares do mundo, hospedando cerca de 85 milhões de vídeos, número que não parou de crescer. Com o tempo, o conceito do site foi modificado, deixando de ser apenas um repositório de vídeos para ser uma ferramenta de expressão pessoal com o slogan “Broadcast yourself” (“Transmite-se”) (BURGESS; GREEN, 2009).

Jean Burgess e Joshua Green (2009) elucidam e discorrem acerca da Revolução Digital e o papel do YouTube neste processo político de cultura participativa, uma vez que o referido site se faz presente como um entretenimento do cotidiano familiar, escolar e social, sendo uma força a ser considerada no contexto da cultura popular contemporânea e que incita a reflexão sobre o seu uso, inclusive, educativo (ALMEIDA *et al*, 2015).

Os autores afirmam que o site é considerado o maior aglutinador de mídia de massa da internet no início do século XXI e que mudou a relação dos sujeitos com a propriedade intelectual, com o conteúdo audiovisual e com o entretenimento, bem como o modo de absorver conteúdo. Seus estudos comprovaram a cultura da convergência (JENKINS; 2006), onde pessoas distintas e de diferentes áreas (tecnologia, mídia, entretenimento, artistas, fãs, educadores e outros), trocam e constroem a cultura participativa do mundo. O sujeito que produz e compartilha conteúdo não envia apenas uma mensagem aos seus espectadores. Ele é a própria mensagem e é a própria mídia, tendo a oportunidade de ser uma celebridade do seu cotidiano (BURGESS; GREEN, 2009).

Segundo Henry Jenkins (2006), o conceito de cultura participativa é a relação entre tecnologias digitais e seus consumidores que participam, ativamente, da

criação e compartilhamento de conteúdo gerado pelo “mercado”, alterando essa relação de poder que vai além das mudanças tecnológicas. Não basta ser apenas um consumidor espectador, é preciso criar e se envolver. Se antes essa rede era formada por “um-todos” (emissor-receptor), agora, com o avanço das tecnologias digitais de comunicação e informação no mundo pós-moderno, passou-se a ser uma rede de processos comunicacionais “todos-todos” (CAMARGO; ESTEVANIM; SILVEIRA, 2017).

O YouTube caminha neste sentido: dá voz a um sujeito ativo, participativo, com poder de escolha, de consumo e que é capaz de “interferir nos processos midiáticos”, conforme coloca Lemos (2004) em seus estudos sobre cibercultura.

Almeida et al. (2015, p. 04) afirmam que:

Este site tornou-se fascinante, pois, expor a opinião, produzir informação, debates, conteúdos científicos, educacionais, humorístico entre outros fazem parte do que podemos chamar atualmente de cultura popular o que o torna útil para a compreensão das relações sociais, evolução das tecnologias e das mídias, auxiliando na práxis escolar.

É importante perceber o estudante, público-alvo desta pesquisa, enquanto um espectador, consumidor ativo e participativo de todo este processo comunicacional abordado neste capítulo. Ele é considerado “protagonista” desta rede e se sente parte dela, almejando, mais e mais, ganhar um “lugar ao sol”. Mas, e na escola? Qual é o espaço destinado ao protagonismo deste aluno? Ele se sente parte deste processo? A escola pós-moderna tem acompanhado essa transformação (de paradigmas) como uma simples espectadora ou como agente ativo, participativo e transformador?

Estes questionamentos são essenciais para refletir sobre a relação entre escola e sociedade contemporânea dentro de um contexto de cultura participativa, além disso, junto às transformações, sempre vêm tensões. O site YouTube é considerado uma mídia de massa que, por sua vez, é composta em maioria por jovens. Sobre isso, Drottnner (1999) elabora o conceito de pânico midiático que surge a partir do momento em que a massa tem autonomia para realizar publicações. De um lado, há a moralidade e a juventude e, do outro, os efeitos da mídia que provocam uma inquietação moral, incitando jovens à indisciplina e à selvageria. Fortalece-se o discurso de “demonização” que ainda impera em algumas mentes.

Levando isso em consideração, buscam-se alternativas que possibilitem “enxergar” o site com “outros olhos”, como uma ferramenta de destaque para a transição da escola tradicional para a escola moderna, com a compreensão de que o conhecimento não é estanque e não se limita ao espaço físico, assim como pontuam Veen e Vrakking (2009) no livro “Homo Sapiens: educando na era digital”.

Seguindo o mesmo raciocínio de Veen e Vrakking (2009):

A escola como um ambiente que concretiza-se diariamente a prática das relações sociais, seja entre alunos, professores, pais ou mesmo entre funcionários, a criação de um canal no YouTube e a postagem de vídeos seria um acréscimo construtivo e pertinente a todos os envolvidos nesse ambiente, já que, mediará informações dinâmicas e interativas entre os sujeitos propiciando maior envolvimento (ALMEIDA, et al., 2015, p. 05).

Pretto e Assis (2008) concordam que a produção de informação e de conhecimento, bem como a apropriação da cultura digital, transforma e reorganiza a sociedade, ocupando seus espaços por meio das redes. Isso, de certo modo, é papel da escola e do professor moderno:

A produção do conhecimento ou mesmo o compartilhamento do mesmo, faz do professor um usuário intrínseco das redes sociais, tornando-se mais comum a sua presença e suas ferramentas didáticas no meio virtual, interagindo com os alunos e criando um elo de ligação extraclasse (ALMEIDA, et al., 2015, p. 05).

Teruya (2009) contribui para esta pesquisa com a alegação de que a linguagem midiática é essencial para o processo de ensino e aprendizagem, pois media o conhecimento e atrai a curiosidade do estudante. Segundo ela, a educação foi calcada em um modelo de identificação de códigos escritos e na oralidade do professor, mas com o advento da linguagem audiovisual, este modelo dá lugar a outras formas de aprender, favorecendo a cognição e o desenvolvimento social.

Carvalho e Gonçalves (2000) explicam que as exposições de vídeos durante as aulas estimulam a emoção e a sensibilidade devido à utilização de imagens, possibilitando uma reflexão crítica do conteúdo observado pelo estudante. Andrade (2021), ao escrever sobre o uso das novas tecnologias na formação de professores, concorda com os autores acima, afirmando que a utilização destes recursos agrega valores contemporâneos de ensino.

Contudo, embora o YouTube apresente uma gama de possibilidades, o uso desta ferramenta por crianças e adolescentes deve ser supervisionado.

A utilização dos vídeos deve ser bem categorizada, devido à idade intelectual e emocional dos alunos, pois, o professor [...] ao utilizar algum vídeo deve estar atento à percepção que os alunos passam do vídeo, através de sua sensibilidade e senso crítico, fomentando a alfabetização audiovisual, a criticidade e a busca da reflexão. (ALMEIDA et al., 2015, p. 06)

Almeida et al. (2015), apresentam, detalhadamente, orientações consideráveis para que o professor mediador obtenha bons resultados em seu trabalho. Dessa maneira, é preciso:

(...) analisar os pontos positivos e negativos do vídeo além do contexto e enredo é fundamental para a escolha do vídeo mais adequado; observar se as imagens despertarão a criticidade do aluno e sua reflexão; verificar a faixa etária dos alunos para a linguagem e imagem do vídeo a ser exibido; buscar contextualizar o vídeo com atividades e exercícios propostos; verificar a qualidade do áudio e do vídeo, a qualidade do equipamento; duração do tempo da aula e do vídeo; observar os elementos do vídeo como imagens, cores, elementos, texto e linguagem; evitar a utilização dos vídeos apenas para cumprir a carga horária e informar aos alunos que o vídeo é uma das inúmeras ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula para o ensino e aprendizagem. (ALMEIDA et al., 2015, p. 06)

Este excerto concerne ao papel do planejamento no trabalho do educador que utiliza vídeos para complementar suas sequências e estratégias didáticas. A utilização deste recurso deve ser intencional e cuidadosa. O “uso pelo uso” não colabora para a construção de conhecimento e pode banalizar o processo de ensino e aprendizagem. Importante destacar que o vídeo em si não educa, mas é a mediação do professor que promove, no estudante, uma instabilidade cognitiva necessária para a estruturação do conhecimento é essencial para uma futura assimilação.

Além de abordar conteúdos, facilitando a compreensão destes, os vídeos, se utilizados de maneira coerente, educam e reeducam audiovisualmente, dinamizam o olhar, a criticidade, a reflexão, estimula a pesquisa, a produção de ideias, a contextualização, a formação de opinião e o debate. O mundo está em transformação e está interferindo no âmbito escolar “remodelando maneiras de ler, observar, transcrever e produzir conhecimentos e saberes” (ALMEIDA et al., 2015).

Uma vez que as informações estão facilmente disponíveis aos estudantes e o mundo digital se mostra atraente com rápidas atualizações, é papel da escola

capacitá-los para a utilização responsável dos meios midiáticos, além de apresentar novas possibilidades de protagonismo.

Para que a escola 2.0, a escola do futuro, seja uma realidade, a “atualização” dos recursos e dos modos de ensinar e aprender precisa de fato acontecer. Abandonar os discursos entusiastas e vazios é um ponto de partida para repensar e colocar em prática estratégias didáticas pedagógicas inovadoras e efetivas, onde o professor é o mediador e responsável por todo o processo cuidadosamente planejado, e este é o assunto que tratamos na próxima seção.

2.3 METODOLOGIAS ATIVAS E CÍRCULO DE CULTURA: UMA APRENDIZAGEM PARA A EQUIDADE

A esta altura, convém levar em consideração a necessidade de uma mudança metodológica. Muito se ouve nos discursos pedagógicos acerca de metodologias e estratégias didáticas que revolucionam e vão ao encontro das demandas educacionais atuais, porém, a prática ainda está muito dissociada da teoria, perpetuando estigmas do ensino tradicional e frustrando os envolvidos neste processo. Sobre o ensino tradicional:

A (...) educação brasileira está inserida numa lógica de produção e trabalho capitalista. Essa subordinação formativa ao capital se desenvolve quando a universidade, escola e o espaço da sala de aula se tornam tradicionais (concepção bancária de educação), em que o educador (depositante) detém os conhecimentos e o educando (depositário) recebe os conteúdos, sem uma proposição de diálogo reflexivo da realidade. Esse modelo de ensino não só aprofunda o avanço ideológico do capital, como direciona a formação de professores a dar continuidade e reproduzir um ensino dentro dessa mesma perspectiva tradicional aos novos profissionais, estabelecendo um ciclo vicioso (SANTOS et al., 2022, p. 34).

É inevitável que se rompa paradigmas em prol de um processo de ensino e aprendizagem cada vez mais dinâmico, colaborativo, criativo e significativo, onde o estudante tenha o papel central na construção do conhecimento e as avaliações tenham um caráter mais formativo, considerando o saber e o saber fazer.

Em relação a isso, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018, p. 14), afirma que “a sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender,

como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado”.

De acordo com o documento em questão e com o novo cenário mundial, é necessário que a educação privilegie a formação e o desenvolvimento humano global, que enxergue os estudantes enquanto sujeitos de aprendizagem, capazes de:

reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Os estudantes são agentes ativos de sua aprendizagem, as metodologias ativas visam estimular a curiosidade e a auto aprendizagem por meio da pesquisa e da experimentação, acarretando em tomadas de decisões autônomas, reflexivas e críticas, assim como Dewey (1959 e 1976) já havia proposto.

Foi com o movimento da Escola Nova que as Metodologias Ativas surgiram no Brasil. O manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁶ ganhou força em 1934 com a promulgação da Constituição Federal, reforçando que a educação é direito de todos.

O objetivo não é apenas preparar o estudante para a sala de aula, mas prepará-lo para a vida. Essa perspectiva possibilita o despertar da curiosidade e promove o engajamento entre os conhecimentos científicos e as experiências vividas, assim como propõe a segunda competência geral da BNCC:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação

⁶ O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova almejava, como um dos pontos de partida, uma escola totalmente pública, que fosse essencialmente gratuita, mista, laica e obrigatória, em que se pudesse garantir uma educação comum para todos, colocando, assim, homens e mulheres frente à iguais possibilidades de aprendizagem e oportunidades sociais, abolindo os privilégios de gênero ou mesmo de classe social. Também, inspirados nas ideias do filósofo e educador norte-americano John Dewey, o Manifesto da Educação Nova defendia o estabelecimento de uma relação intrínseca entre a escola, o trabalho e a vida, isto é, entre a teoria e a prática, em favor da reconstrução nacional. Entre os vinte e cinco signatários do Manifesto da Educação Nova figuram nomes de proeminentes educadores, cientistas e intelectuais, envolvidos com movimentos de modernização educacional e cultural do Brasil, como Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Roquette Pinto entre outros. (Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP).

e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018, p. 9).

O professor é responsável por acolher o estudante e promover um espaço de reflexão, participação e de pesquisa. Ele é o mediador do processo, facilitando o caminho a ser percorrido e direcionando o aluno para que consiga construir o próprio conhecimento, tornando-o significativo:

A aprendizagem é ativa e significativa quando avançamos em espiral, de níveis mais simples para mais complexos de conhecimento e competência em todas as dimensões da vida. Esses avanços realizam-se por diversas trilhas com movimentos, tempos e desenhos diferentes, que se integram como mosaicos dinâmicos, com diversas ênfases, cores e sínteses, frutos das interações pessoais, sociais e culturais em que estamos inseridos (BACICH; MORAN, 2018, p. 35).

De acordo com Ausubel (2003) e Moreira (2005), para que a aprendizagem seja significativa, de fato, os conhecimentos prévios dos estudantes precisam ser valorizados, o que também favorece a predisposição do aluno em aprender.

Segundo Rodrigues e Amaral (1996, *apud* Kato e Kawasaki, 2011) “contextualizar o ensino significa trazer a própria realidade do aluno, não apenas como ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem, mas como o próprio contexto de ensino”.

Kato e Kawasaki (2011, p. 39) afirmam que

(...) aprender é essencialmente criar significados para as atividades reais do dia a dia, para isso, o ensino deve oferecer ambientes e atividades que propiciem a vivência destas situações reais, concretas e práticas. (...) A consideração do contexto de vida de quem aprende, seja em seu âmbito pessoal, profissional ou social, demonstra a necessidade de se incluírem, nas práticas pedagógicas, atividades de ensino articuladas com as experiências de vida dos aprendizes. (...) As relações estabelecidas com o cotidiano do aluno devem permitir dar significado ao conteúdo curricular, fazendo a ponte entre o que se aprende na escola e o que se faz, vive e observa no dia a dia, mas estas não devem ser confundidas com abordagens espontaneístas e imediatistas deste cotidiano. Sendo assim, os processos de ensino e aprendizagem deverão buscar vínculos efetivos com o cotidiano, porém deverão superá-lo, buscando uma articulação entre este cotidiano os níveis mais conceituais e abstratos da aprendizagem, num movimento permanente de ação e reflexão.

Buscando promover uma aprendizagem mais significativa e capaz de atender às diferenças e à diversidade entre os estudantes, esta pesquisa propõe uma série de atividades desenvolvidas em grupos colaborativos, estratégia que favorece um ensino para a equidade, uma vez que a sala de aula é um sistema social onde, ao

ampliar as possibilidades de interações entre seus sujeitos, ampliam-se também os exercícios de equidade e, conseqüentemente, há a ampliação da aprendizagem.

As autoras Elizabeth Cohen e Rachel Lotan (2017) são referências quando o assunto é trabalho em grupo e o definem como estudantes trabalhando juntos em pequenos grupos, participando de atividades por meio de tarefas definidas e, espera-se, que estes sejam capazes de desempenhar suas funções sem supervisão direta ou imediata do educador, revelando a relevância da autonomia e da colaboratividade neste processo. Sobre a formação destes grupos, as autoras afirmam que:

Os grupos que trabalham em atividades pertinentes precisam ser mistos quanto a desempenho acadêmico, sexo, proficiência da língua e outras características de status. [...]Essa heterogeneidade pode ser alcançada com a composição intencional dos grupos pelo professor ou com a permissão para que os alunos escolham grupos de acordo com os seus interesses nos tópicos que os grupos vão estudar. (COHEN; LOTAN, 2017, p. 68).

Um aspecto importante do trabalho em grupos colaborativos é o impacto na participação e na aprendizagem devido à diferenciação entre os estudantes, que pode ser de ordem social, racial e intelectual. Neste sentido, o trabalho do professor em atribuir competência aos estudantes (principalmente para aqueles que se consideram inferiores) é algo essencial para o ensino para a equidade, é o reconhecimento público de que o estudante contribuiu para a realização da tarefa.

É completamente possível que, em algumas situações, alguns estudantes se sobressaiam e que comparações sejam feitas entre eles, além disso, atitudes discriminatórias e preconceituosas podem aparecer. O professor deverá estar preparado⁷ para lidar com estes casos. Em relação às ideias discriminatórias e preconceituosas, essas deverão ser amadurecidas durante a experiência de aula em grupos, sendo contrapostas à colaboração e ao respeito de cada um. A ambivalência escolar implica uma radical consciência crítica do principal elemento deste espaço, que é o professor.

⁷ A proposição de um futuro e de uma humanidade decolonial não passa somente pela escola, mas esta poderá assumir seu protagonismo a depender da postura dos professores frente a esse desafio. A formação continuada de professores não pode permanecer alheia a essa nova demanda, visto que é por ela que a docência revigora seu compromisso com o que atinge crianças e adolescentes. Essa formação, por sua vez, exige uma nova configuração, sem as amarras da formação convencional em que alguém fala à docência e replica o que lhe é proposto. É tempo de darmos audiência à voz docente e construirmos uma *práxis* outra, desprovida de formatações, sustentada pela reflexão crítica de sua prática (TOMELIN; RAUSCH, 2021).

Outro ponto a destacar, é a presença de três características fundamentais para que o trabalho em grupo aconteça. São elas: a delegação da autoridade, a compreensão de que os alunos precisarão uns dos outros para cumprir as tarefas e a própria natureza da atividade. Sobre a primeira característica:

Delegar autoridade em uma atividade é fazer com que os alunos sejam responsáveis por partes específicas de seu trabalho; os alunos estarão livres para cumprir suas tarefas da maneira que decidirem ser a melhor, mas ainda são responsabilizados pela entrega do produto final à professora. (COHEN; LOTAN, 2017, p. 2).

A segunda característica apresentada pelas autoras é a noção de que os estudantes necessitarão, em algum momento, um dos outros para a realização das atividades e, para que isso aconteça, o professor precisa planejar de modo que o trabalho possa ser compartilhado. Sobre isso as autoras defendem que:

Os alunos assumem o papel de professores quando sugerem o que os outros devem fazer, quando ouvem o que os outros estão dizendo e quando decidem como finalizar o trabalho, dado o tempo e os recursos limitados estabelecidos pelo instrutor. (COHEN; LOTAN, 2017, p. 2).

Sobre a natureza da atividade, terceira característica do trabalho em grupos colaborativos, é preciso que as tarefas apresentem dilemas e problemas complexos, com possíveis soluções que estimulem a criatividade e o engajamento dos estudantes, permitindo uma comunicação produtiva entre eles para que possam fazer escolhas e tomar decisões. Conforme as autoras discorrem, “a atividade de aprendizagem requer pensamento conceitual, em vez da mera aplicação de um algoritmo ou memorização de informações factuais” (COHEN; LOTAN, 2017, p. 10). Ainda sobre as tarefas:

[...]Tarefas adequadas ao trabalho em grupo exigem que os alunos descrevam e compartilhem suas experiências, expressem e justifiquem suas crenças, valores e opiniões pessoais. [...] Em geral, ao buscarem soluções para problemas abertos, os membros do grupo precisam articular as condições sob as quais uma solução se torna ideal e, dessa forma, é a correta para um grupo específico. As tarefas em grupo podem apresentar uma resposta correta, mas várias maneiras de chegar à resposta ou de representar a resposta. (COHEN; LOTAN, 2017, p.80).

Utilizamos também a metodologia ativa Aprendizagem Baseada em Projetos - ABP (BENDER, 2015), um modelo de ensino que consiste em permitir que os alunos

confrontem problemas do mundo real que consideram significativos, determinando como abordá-los e agindo de forma cooperativa em busca de soluções.

Segundo Bender (2015, p. 15):

A ABP pode ser definida pela utilização de projetos autênticos e realistas, baseados em uma questão, tarefa ou problema altamente motivador e envolvente, para ensinar conteúdos acadêmicos aos alunos no contexto do trabalho cooperativo para a resolução de problemas.

Na ABP, os estudantes se envolvem em problemas autênticos e em processos e procedimentos complexos (planejamento, comunicação, autogestão), investigam causas, elaboram e testam hipóteses para compreender e intervir na realidade. Essa metodologia possui alguns elementos básicos para a sua implementação: Âncora, Brainstorm (“chuva” de ideias), Questão Motriz, Elaboração das Etapas (Canvas), Processo de Pesquisa e Produto.

O projeto inicia-se com um problema ou com uma questão motivadora e desafiadora que instiga os estudantes a questionarem e a pesquisarem, buscando respostas e soluções plausíveis para o problema inicial, apresentando um produto como resultado de suas aprendizagens ao final do processo.

Cria-se um ambiente de aprendizagem na qual a construção do conhecimento se dá por meio da experiência concreta e da reflexão, estabelecendo relações. Conhecimento e ação devem ser entendidos como partes de um mesmo processo no qual o estudante tem um papel ativo para o seu aprendizado.

O professor e os estudantes, de forma colaborativa, elaboram o projeto a ser desenvolvido utilizando o modelo Canvas, um mapa estratégico com o resumo de alguns pontos principais do projeto, como se fosse um “desenho”. Essa estratégia é importante para definir as expectativas de ensino e aprendizagem, os cronogramas, os instrumentos de avaliação e o produto. É o momento de planejar o que os estudantes deverão fazer para responder à questão motriz, questão que orienta todo o trabalho do projeto.

O Canvas (quadro 4) é um instrumento do professor, mas é válido apresentá-lo aos estudantes ou construir com eles, uma vez que possibilita a visão geral do projeto. Existem diferentes tipos de Canvas e o professor pode customizá-los de acordo com a sua intenção didática.

Segundo Bender (2015), a voz, escolha e decisão do aluno são itens fundamentais para a ABP, pois favorecem a participação ativa e a apropriação do projeto por parte dos estudantes. Além disso, o grau de participação dos estudantes nas escolhas pode variar, dependendo de fatores como a idade e a maturidade. Sobre as escolhas:

Os professores que estão começando a adotar o ensino na ABP devem considerar não apenas que tipo de escolhas de ABP serão mais significativas para os alunos, mas também qual delas tem maior possibilidade de funcionar para eles próprios. (BENDER, 2015, p.46).

As possibilidades de escolha são decisões que devem ser feitas pelos professores e podem permear todas as etapas do projeto ou apenas algumas, mas elas são cruciais para garantir a participação ativa e o envolvimento dos estudantes.

Na definição das expectativas de aprendizagem, o papel do professor é central, pois ele tem o diagnóstico da turma e conhece os objetivos de aprendizagem adequados ao nível de ensino, selecionando as habilidades mais pertinentes ao momento.

Além disso, para o desenvolvimento das atividades propostas por esta pesquisa de mestrado (descritas detalhadamente no capítulo 3 - Desenvolvimento e etapas da pesquisa), nos inspiramos nos espaços dos círculos de cultura ao propor o encontro entre estudantes para discutir e problematizar situações sociais buscando por soluções, criando uma plataforma para a construção de um artefato tecnológico de aprendizado amistoso.

Os círculos de cultura, sistematizados por Paulo Freire (1991), se opõem às práticas da educação bancária e fundamentam-se em uma proposta pedagógica democrática e libertadora que busca romper com a fragmentação da aprendizagem, suscitando uma posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Embasados no diálogo e nas experiências de seus atores:

Não tinham a alfabetização como objetivo central, mas a perspectiva de contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade. (...) propõem uma práxis pedagógica que se compromete com a emancipação de homens e mulheres ressaltando a importância do aspecto metodológico no fazer pedagógico que mediatiza esta ação, possibilitando a tomada de consciência do educando, mediante o diálogo e o desvelamento da realidade com suas interligações, culturais, sociais e político-econômicas (DANTAS; LINHARES, 2014).

Segundo Freire (1991), os círculos de cultura promovem a integração e a transformação social, onde o importante não é a transmissão de conteúdos específicos, mas sim despertar uma nova forma de se relacionar com a experiência vivida.

Essa concepção visa o respeito pelo aluno, o desenvolvimento da autonomia e a dialogicidade, possuindo uma estrutura didática dividida nos seguintes momentos: a investigação do universo vocabular, palavras geradoras, tematização e problematização, que é um momento decisivo da proposta, pois o objetivo é superar a visão ingênua por meio do movimento da ação-reflexão-ação, assim como as próprias metodologias ativas que, segundo Moran (2015, p. 33) “tiram o foco do conteúdo que o professor quer ensinar, permitindo que o aluno estabeleça um vínculo com a aprendizagem baseado na ação-reflexão-ação” de ser e estar no mundo.

Asseguramos que os círculos de cultura contribuem para a construção de metodologias ativas na sala de aula, transcendendo inclusive os seus limites, indo:

ao encontro de formar o educando e educador num processo permanente de aprender e ensinar a partir dos conhecimentos científicos e as experiências cotidianas em diferentes tempos e espaços educativos. É uma formação permanente de experiências que se origina nas práticas democráticas no espaço da sala de aula, mas que vai além, servindo de mecanismos para avançar nos processos de ensino e de aprendizagem em suas diferentes especialidades. É um processo inacabado, construído na história de vida, nas práticas da experiência pessoal e coletiva, determinante para o habituar o educando e educador a estar em constantes diálogos e experiências, alargando os conhecimentos de si e do mundo.

Ao identificar a dicotomia entre o modelo de educação tradicional em relação à pedagogia libertadora, Paulo Freire remonta às raízes da metodologia ativa, caracterizando-a como problematizadora e horizontal, na qual o professor é um aliado ao estudante e ambos, de forma colaborativa, produzem e compartilham saberes, humanizando o espaço da sala de aula, mas mais do que isso,

Essa perspectiva de diálogo em relação à cultura torna-se uma das primeiras práticas pedagógicas que conduz o educando como sujeito de sua história. Os Círculos de Cultura contribuem para que os educandos assumam a sua dignidade como sujeitos de si e do mundo, detentores da história e de sua cultura, propiciando a cada educando a partir do diálogo, se constituir como seres humanos emancipados. Essa práxis pedagógica possibilita a tomada de consciência do educando, mediatizado pelo diálogo,

sobre e com a realidade, desvelando as facetas culturais, sociais e político-econômicas (SANTOS et al., 2022, p. 37).

Observar e problematizar as antinomias da realidade, é arquitetar uma realidade concreta a partir do homem-sujeito da realidade (e não homem-objeto) que, ao transformar-se, também a transforma. É com essa ideia que encerramos este subcapítulo e iniciamos a próxima seção, apresentando uma discussão sobre racismo, discriminação, preconceito, cidadania, ecologia de saberes e educação antirracista.

2.4 A EDUCAÇÃO E SEU PAPEL NA LUTA CONTRA O PRECONCEITO

Silva (2007) aponta que a o projeto de nação brasileira não deu espaço aos povos negros, indígenas e mestiços em sua construção, afirmando que o currículo escolar eurocêntrico perpetua a visão de mundo colonizado e explorado, que subjuga seus principais agentes. Reconhece-se, portanto, que não há como ensinar e aprender sobre a História do Brasil sem abordar o tema racismo, pois este está incorporado historicamente e culturalmente em nossos valores, posturas e atitudes.

Diante deste panorama, buscamos contextualizar a aprendizagem de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental referente aos conteúdos de História do Brasil utilizando o tema racismo de acordo com as situações vivenciadas por eles, ora como espectadores, ora como agentes, visando a superação do ensino tradicional que, muitas vezes, não propõe reflexão e nem ação diante do que se é estudado.

Uma educação tradicional tende a abordar a escravidão como a única história do povo negro, deslegitimando minorias e colocando colonizadores como “descobridores do Brasil” e responsáveis pelo “progresso”, mesmo que tenham cometido “injustiças” para isso. Nega-se as desigualdades, conforma-se com a história apresentada e, de maneira otimista (pra não dizer perversa), acredita-se que os preconceitos se diluirão com o tempo, como se fossem problemas individuais de cada ser humano e não como um problema institucionalizado.

Conforme afirma Munanga (1986):

Quando os primeiros europeus desembarcaram na costa africana em meados do século XV, a organização política dos Estados Africanos já tinha atingido um nível de aperfeiçoamento muito alto. As monarquias eram constituídas por um conselho popular no qual as diferentes camadas sociais eram representadas. A ordem social e moral equivalia à política. Em contrapartida, o desenvolvimento técnico, incluía a tecnologia de guerra,

era menos acentuado. Isto pode ser explicado pelas condições ecológicas, sócio-econômicas e históricas da África daquela época, e não biologicamente, como queriam os falsos cientistas (Munanga, 1986, p. 8).

Assim como afirma Boaventura (2007, p. 7) sobre os cientistas do período, “com base nas suas refinadas concepções de humanidade e de dignidade humana, os humanistas dos séculos XV e XVI chegaram à conclusão de que os selvagens eram sub-humanos”, ou seja, negros e indígenas vistos como selvagens, bárbaros sem alma, sem o direito divino da ciência, da cultura e da beleza, o que justificava e legitimava o preconceito, a discriminação e o racismo (West, 2002)⁸, reforçando o conceito de descartabilidade humana e bloqueio da cidadania.

Ao propor novas discussões, novas reflexões e novos conhecimentos que desconstroem os preconceitos e ofertam uma nova perspectiva à história do povo brasileiro, espera-se poder contribuir para a transformação da sociedade, entendendo que a carência de saberes é um dos fatores que dificultam a superação de barreiras como o racismo, crime naturalizado e institucionalizado.

Sobre isso, Munanga (1986) também afirma que:

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso, mais as necessidades econômicas de exploração, predispuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 1986, p. 9).

A realidade é uma verdadeira fábrica de perversidade institucional sistêmica consolidada pela ação hegemônica, planejada para ser individual e indiferente ao seu entorno e responsável por uma violência estrutural, mãe de todas as outras violências e reforçada pela ignorância. Daí o surgimento do termo “racismo estrutural⁹” que, segundo Silvio Almeida (2018), a sociedade normaliza e repete padrões e situações baseadas em princípios raciais discriminatórios reforçados pelo processo histórico, econômico e político, tornando-o uma regra e não uma exceção.

⁸ Conforme o autor, “a ideia de supremacia branca é um enorme intestino solto pela estrutura do discurso moderno, uma secreção significativa gerada a partir da fusão criativa de investigação científica, filosofia cartesiana e estética clássica e normas culturais. Desnecessário dizer, o odor deste intestino e as emanações desta secreção continuam a poluir o ar de nossos tempos pós-modernos” (p.69).

⁹ Conceito criado nos Estados Unidos pelos Panteras Negras na década de 70.

O autor, assim como Milton Santos (2001) e Boaventura (2007), defendem que o termo “estrutural” não implica em algo impossível de se reverter ou que as ações políticas institucionais antirracistas sejam inúteis, ao contrário, é possível construir uma nova epistêmise, uma nova globalização, uma globalização contra-hegemônica.

Milton Santos (2000, p. 4) afirma que, “na realidade, de uma forma do apartheid à brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil”.

Dessa maneira, é importante definir a diferença entre os conceitos de racismo, preconceito e discriminação para melhor compreendermos o papel desta pesquisa de mestrado diante desta realidade tão complexa.

O racismo¹⁰ é o aniquilamento da população negra como um projeto estrutural, cristalizado no século XIX por meio de ideias eugenistas consolidadas pelo racismo científico¹¹ que organizaram a política, a sociedade, a cultura e a economia, fundando, estruturando e replicando essa violência e genocídio no Brasil.

A discriminação racial está relacionada à segregação¹² devido à falta de políticas públicas de ações afirmativas que distinguem, excluem e violam os direitos da população negra com base em ideias preconceituosas e injustificáveis.

O preconceito racial imprime a ideia de menor valia, envolvendo aspectos emocionais e cognitivos que negam totalmente ou parcialmente, a humanidade de pessoas não-brancas, reforçando estigmas e estereótipos (CAVALLEIRO, 2012).

É neste último conceito que concentramos nossos estudos. O preconceito pode ser combatido por políticas públicas, inclusive pela educação, que tem possibilidades de ser um espaço de enfrentamento neste sentido. A educação não elimina o racismo, mas nos leva à luz do seu aniquilamento.

Não podemos esquecer que:

¹⁰ A Lei 14.532 de 2023 considera o racismo e a injúria racial como crime com uma pena de dois a cinco anos de reclusão.

¹¹ O século XIX foi marcado pela estruturação do racismo na sociedade brasileira por meio das instituições, inclusive de ensino superior (ensino superior do racismo). Boaventura de Sousa Santos (2007) afirma que o conhecimento científico não é distribuído socialmente de forma equitativa, uma vez que sua origem transformou o sujeito do conhecimento em objeto de conhecimento, incutindo um pensamento abissal no ocidente moderno. Segundo o autor, um pensamento abissal consiste na divisão da realidade social em dois universos distintos, onde, para além da linha, há apenas inexistência e invisibilidade.

¹² Cristalizada no século XX devido à consolidação de um ensino e de uma pesquisa com caráter patriarcal, capitalista e supremacista branco.

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir (LOPES, 2015, p. 187).

O Brasil foi o último país no mundo de relevante população negra a adotar políticas de ações afirmativas, o que dificulta ainda mais a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que “alcançar a busca política genuína e constitucional de remédios estruturais e duradouros” seja a principal solução para este problema (SANTOS, 2001, p. 116).

O ano de 1988 foi um marco para a redefinição do papel do continente africano na formação da nação brasileira, pois o reconhecimento da pluralidade étnica da sociedade brasileira e a garantia do ensino das contribuições das diferentes etnias na formação do povo brasileiro, foram assegurados nos artigos 215 e 242 da Constituição Federal.

Na década de 90, com as reformas educacionais, o documento dos Parâmetros Nacionais Curriculares foi elaborado e incorporou o conteúdo de diversidade cultural como um dos “temas transversais” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

Foi apenas no século XXI que houve mudanças neste sentido com a alteração na Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996) por meio da Lei 10.639/2003¹³ que institui a obrigatoriedade no ensino fundamental e médio, público e particular, do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, ação de especial importância para a divulgação/valorização do legado cultural africano desde o século XVI. Mais tarde, essa Lei foi atualizada, incorporando a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura indígena Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008).

A professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva elaborou o parecer CNE/CP 3/2004 e a Resolução CNE/CP 1/2004 sobre a Lei 10.639/03, afirmando que:

¹³ Esta Lei é fruto de uma tentativa global de criar políticas públicas de enfrentamento ao racismo, assim como propôs o Manifesto da Representatividade Humana, publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2001. É possível perceber este movimento também nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) em 2000 e na Agenda 2030 em 2015. No Brasil, a Lei é uma discussão entre os Movimentos Negros desde a década de 70, alcançando maior notoriedade no campo político na década de 80.

O Parecer CNE/CP 3/2004¹⁴ e a Resolução CNE/CP 1/2004 configuram importante política curricular para a educação de todos os cidadãos brasileiros. Política esta que visa ao reconhecimento da inestimável contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para construção da nação brasileira, a reparações que lhes são devidas em virtude dos sérios danos que o racismo e políticas tácitas de exclusão lhes vêm, há cinco séculos, causando. Esta política curricular orienta os sistemas e os estabelecimentos de ensino no sentido de educar para relações étnico-raciais positivas, a partir da divulgação, respeito e valorização da cultura e história dos africanos escravizados no Brasil, dos seus descendentes, relacionando-as às histórias e culturas dos africanos do Continente e da Diáspora. Políticas são elaboradas e implantadas com o intuito de promover aperfeiçoamentos na sociedade, garantir e proteger direitos. Neste sentido espera-se que as Diretrizes Curriculares em pauta possam corrigir distorções, incentivar avanços (SILVA, 2006, n.p).

Abre-se espaço para um novo cenário nacional (e internacional) com a possibilidade de se reinventar o ensino superior, a pesquisa e a extensão por meio da produção de uma diversidade epistêmica. Amplia-se o número de publicações acadêmicas em revistas de divulgação científica e nas mídias com uma nova forma de pensar e abordar a realidade política, econômica, social, tecnológica e científica, com vistas à superação da visão axiológica da pesquisa que sempre colocou as minorias como objetos de pesquisa em vez de sujeitos.

Outra ação afirmativa de grande relevância é a Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012 que prevê cotas nas universidades para alunos autodeclarantes como pretos, pardos e indígenas. A política deve ser sempre ampla e com uma visão de conjunto de realidades e de relações, se realizando apenas quando há a consideração de tudo e de todos, “as chamadas políticas públicas, quando existentes, não podem substituir a política social, considerada um elenco coerente com as demais políticas (econômica, territorial etc.)” (SANTOS, 2001, p. 75).

De acordo com Boaventura (2007, p. 10), “a luta pela justiça social deve ser (...) uma luta pela justiça cognitiva global. Para ser bem sucedida, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal”, contra-epistemológico, assim como a ecologia de saberes, resultante do novo surgimento político de povos e de visões do mundo a partir de um pensamento pluralista e propositivo. É uma epistêmise desestabilizadora e comprometida com uma crítica radical da política do possível. A existência é a sua própria pedagogia.

Assim, reforçamos o papel da educação nesta jornada. Segundo Candau (2008), o currículo escolar deve ser multiétnico, contemplando as diferenças

¹⁴ Disponível no site do Ministério da Educação (MEC) em:
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf> Acesso em: 01/02/2023

existentes na população, se opondo à imposição e à assimilação da cultura hegemônica.

Uma política assimilacionista - perspectiva prescritiva - favorece que todos se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade, procura-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica. (...) Essa posição defende o projeto de construir uma cultura comum e, em nome dele, deslegitima dialetos, saberes, línguas, crenças, valores “diferentes”, pertencentes aos grupos subordinados, considerados inferiores, explícita ou implicitamente (CANDAU, 2008, p. 50).

A escola, lugar por excelência de conhecimento e transformação, serviu de suporte para a manutenção de preconceitos e de violências¹⁵, agora, esta mesma instituição deve servir para a superação desta perversidade, deve devolver o lugar de cidadania a quem foi tirado este direito. Trata-se de uma construção de baixo para cima, reconhecendo a existência de individualidades, assegurando os sentimentos de compaixão e solidariedade com os indivíduos entre si e entre a sociedade, reduzindo as fraturas sociais e impondo uma nova ética para o assentamento de bases sólidas para um novo mundo.

Sabemos que o ideal ainda está distante, mas buscamos esperançosos, por meio de uma perspectiva intercultural e crítica (OLIVEIRA; CANDAU, 2010), alcançar as competências gerais, 1 e 9, propostas pela BNCC, que versam sobre conhecimento, empatia e cooperação:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 9 e 10).

¹⁵ Segundo Cavalleiro (2012, p. 34), “o racismo é um problema que está presente no cotidiano escolar, que fere e marca, profundamente, crianças e adolescente negros”. Assim como a autora, outros também afirmam que é possível perceber explicitamente o resultado das violências sofridas pelas pessoas negras em seus comportamentos de inação e silenciamento, reforçados pelo ambiente escolar, pelas atitudes e falas dos educadores (inclusive inconscientes) e pelos materiais didáticos que omitem sua história e sua cultura, bem como a sua existência (BOAVENTURA, 2007; OLIVEIRA; CANDAU, 2010; WEST, 2002). “Apesar do processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças de negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na „negritude e na mestiçagem”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior” (MUNANGA, 2006, p.16).

Os autores Luiz Oliveira e Vera Maria Candau (2010, p. 32) estabelecem uma relação entre as políticas afirmativas e o papel da escola. Ambos asseveram que:

essa demanda, destinada aos sistemas de ensino, escolas e professores, responde às reivindicações de políticas de ações afirmativas, reparações, reconhecimento e valorização de histórias, culturas e identidades dos movimentos sociais negros. Busca combater o racismo a partir do reconhecimento estatal e propõe a divulgação e a produção de conhecimentos que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico com direitos garantidos e identidades valorizadas.

Dessa maneira, reiteramos o compromisso desta pesquisa com a promoção de uma educação antirracista *in locus*, colaborando com a desconstrução do mito da democracia racial por meio da adoção de estratégias pedagógicas voltadas à valorização da diversidade e do questionamento sobre as relações étnico-raciais fundadas em preconceito e discriminação. Assim como a professora Petronilha escreveu em seu parecer sobre a Lei 10.639/2003 “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebras de desconfianças, projeto conjunto para a construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004, p. 6).

Segundo Lopes (2015, p. 186), a problematização, do mesmo modo como propõe Paulo Freire nos círculos de cultura, é uma abordagem pedagógica indispensável para a construção de conhecimentos escolares por meio da relação crítica entre as realidades (presente/presente; presente/passado) e o futuro, com a possibilidade de prever, de maneira criativa, “alternativas de soluções para problemas existentes, (...) os de racismo, preconceito e discriminação racial, realidades em nosso meio”.

É urgente colocar em prática uma educação para a equidade que, de fato, seja crítica, reflexiva e reparadora, a qual dê voz aos sujeitos historicamente, culturalmente e cientificamente negados e excluídos, às suas práticas de vida e existência, valorizando e potencializando sua diversidade, identidade e seus conhecimentos. Sobre isso, Eliane Cavalleiro (2001) defende a educação antirracista e define as características necessárias para a sua efetivação as quais listamos abaixo:

- 1.Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
- 2.Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.

3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do 'eurocentrismo' dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de 'assuntos negros'.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Atrelada à Educação Antirracista, assim como foi pontuado neste trabalho, há a célere necessidade em desenvolver uma Educação Digital e Midiática, uma vez que os processos de preconceito e de discriminação são cristalizados por meio da difusão veloz de desinformação e do uso de recursos como *fakenews* e *deepfakes* para o benefício individual do mercado e de políticos.

Além disso, levando em consideração a desigualdade racial que assola nosso país, muitos não possuem acesso a recursos tecnológicos digitais e de comunicação, mas a escola pode e deve ser uma alternativa para este problema, lançando mão destas tecnologias para pensar uma sala de aula expandida.

Em consideração ao que foi abordado até o presente momento e com base neste referencial teórico aqui descrito, apresentamos os procedimentos metodológicos deste trabalho no próximo capítulo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa pertence ao campo das relações étnico-raciais, é descritiva, de caráter qualitativo e visa descrever e analisar uma intervenção realizada com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental 1, com o objetivo de contribuir para desenvolvimento de valores e atitudes antirracistas. Dessa maneira:

(...) é preciso considerar que as pesquisas qualitativas não se distinguem das quantitativas apenas em decorrência da natureza de seus dados. Elas se distinguem das quantitativas, em decorrência, principalmente, da adoção de enfoque interpretativista, (...). Segundo o enfoque interpretativista, o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo as perspectivas daqueles que o vivenciam, o que implica considerar que o objetivo de pesquisa é construído socialmente. Assim, a pesquisa qualitativa passou a ser reconhecida como importante para o estudo da experiência vivida e dos complexos processos de interação social (GIL, 2019, p. 63).

Este trabalho, como fruto de um estudo relacionado às ciências sociais, volta-se à investigação, com o objetivo de produzir novos conhecimentos, integrando-os ou corrigindo-os, descrevendo e compreendendo o comportamento humano em sua complexidade, buscando explicar o processo pelo qual seus agentes sociais concebem os significados sociais, formulando conceitos heurísticos que representam essa realidade múltipla e dinâmica, analisando-a de modo crítico e reflexivo (SILVA, 2013).

Segundo Silva (2013, p. 17):

A complexidade e subjectividade do social podem ser captadas através da observação participante, da entrevista em profundidade ou da história de vida realizados sob a forma de estudos de caso, os quais podem revelar a singularidade dos contextos. A “perspectiva” e o “subjectivismo” surgem como categorias fundamentais e o investigador aparece como intérprete de um processo de leitura crítica do social. (...) o investigador não é um mero relator passivo e distante, que “lê” a realidade de fora e procura, com neutralidade ou isenção, fazer interpretações. Ele é um participante na vida dos sujeitos que investiga, de modo a apreender e reconstruir o sentido que dão ao seu cotidiano. Essa reconstituição do real, criticamente elaborada, permite obter uma compreensão mais plausível da acção humana porque é congruente com a visão dos actores sociais. (SILVA, 2013, p. 17).

Para investigar qualitativamente nas ciências sociais, é preciso ampliar o contexto de análise, buscando uma compreensão mais aproximada do real de

maneira objetiva (BOGDAN; BIKLEN 1994); descrever o processo de coleta e análise das informações embasados teoricamente, valorizando diferentes métodos e asseverando sua validade por meio da garantia da sua replicabilidade; assegurar um processo de busca deliberativa e interativa, definindo critérios racionais e consistentes para sustentar a confiabilidade dos dados, o que propomos nesta pesquisa.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram gravação de aulas, registro de conversas por chat, observações realizadas pela pesquisadora/professora, produção de vídeos para canal no YouTube feitos pelos alunos e questionários com questões abertas e fechadas, desenvolvidos pela pesquisadora/professora e aplicados aos alunos.

Para o tratamento dos dados obtidos pelos questionários, utilizamos a análise descritiva proposta por Gil (2019).

3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, seguimos as exigências conforme as resoluções vigentes do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O projeto submetido foi aprovado sob o parecer nº 4.904.249 (Anexo A) com registro CAAE nº 47919221.00000.5398. Foram seguidos os princípios nas pesquisas com seres humanos estabelecidos pela resolução de Brasil (2013).

Antes de iniciar os procedimentos da pesquisa, foram lidos e explicados os seguintes documentos: a) Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – destinado aos responsáveis legais pelos estudantes; b) Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) – destinado aos estudantes; c) Termo de Autorização do Uso de Imagem, Voz e Som - destinado aos Estudantes e aos seus responsáveis legais. O consentimento e o assentimento para participar do estudo foi anuído por meio da assinatura do documento, bem como o termo de autorização da supervisora escolar para o exercício da pesquisa in loco.

(Apêndices D, E, F, G e H).

3.4 LOCAL E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo, em uma escola particular de Ensino Fundamental 1 e 2, situada em um bairro industrial desde 2004. A maioria dos alunos não reside próximo à escola e utilizam vans e carros próprios como principais meios de transporte. O entorno de nossa escola é composto por comércios, algumas indústrias, um horto florestal, um prédio do Batalhão da Polícia Militar e por um prédio da polícia ambiental.

Além das salas de aula, a escola conta com Laboratório de Mídias e Tecnologias, biblioteca, quadra de esporte coberta, refeitório com pátio, auditório e laboratórios móveis de ciência e de informática. Esses espaços podem ser organizados e utilizados de diferentes formas pelos docentes e discentes, promovendo atividades relacionadas à aprendizagens sociais, afetivas e cognitivas. Em 2022, foi construído um ginásio poliesportivo agregado ao prédio da escola.

Os estudantes matriculados do 1º ao 5º ano estudam em período integral, e permanecem 9 horas no ambiente escolar. Já os estudantes do Ensino Fundamental 2, estudam meio período, sendo os 6º e 7º anos no período vespertino, e 8º e 9º anos no período matutino. Ao todo, 864 estudantes são atendidos pela escola.

Na Proposta Pedagógica, Plano de Ação e Plano de Gestão escolar, é possível reconhecer, claramente, os objetivos educacionais e o compromisso com uma educação de qualidade que respeite a pluralidade e a diversidade de culturas, mas não há uma ação educativa específica de combate ao racismo.

Com o objetivo de garantir o desenvolvimento da concepção sociointeracionista, a rede escolar SESI-SP busca, em diferentes teóricos, aspectos voltados ao processo de aprendizagem no qual o protagonismo e a autonomia do sujeito são explorados de forma a avaliar de que maneira eles contribuem para uma educação equitativa e inovadora.

É perceptível a busca pela contemplação dos quatro pilares da educação propostos por Delors (1998): aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer; de modo a considerar o estudante como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, com foco na formação integral, tendo em vista o seu desenvolvimento como pessoa e cidadão, aliado ao seu projeto de vida.

Estes documentos estão em consonância com o Referencial Curricular proposto pela própria rede de ensino e com os documentos oficiais do Ministério da Educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Dessa maneira, consideramos que a proposta desta pesquisa de mestrado, além de ser uma demanda social, também se relaciona com o currículo da rede que possui princípios semelhantes.

A Proposta Pedagógica visa preparar seus estudantes para o exercício da cidadania e, com a intenção de subsidiá-los para suas escolhas e projeto de vida, a rede escolar está atenta às novas demandas de educação, reconhecendo os variados locais de discurso e representações de cultura, as novas maneiras de ler e interpretar o mundo, integradas às culturas digitais e aos multiletramentos; e as necessidades da sociedade contemporânea.

Numa visão da formação de um indivíduo integral, o trabalho da rede escolar busca garantir que as habilidades cognitivas e socioemocionais sejam desenvolvidas de forma integrada, transformando o currículo das escolas. Portanto, há que investigar, refletir e propor ações que considerem as competências socioemocionais, como autoconhecimento, empatia, colaboração, responsabilidade, cidadania, capacidade de trabalhar em equipe etc. com a mesma seriedade com que os conteúdos acadêmicos são tratados.

Por essa razão, traz em sua concepção pedagógica, o trabalho com a educação integral que garanta aos nossos estudantes o desenvolvimento em todas as suas necessidades – intelectual, física, emocional, social e cultural –, organizando-se como um projeto coletivo envolvendo estudantes, famílias, educadores, gestores e comunidade.

O foco da educação integral é, portanto, educar para a diversidade, respeitando a todos com suas histórias, culturas, etnias, saberes e experiências, acreditando que o estudante será mais do que apenas um observador, passando de expectador para protagonista de sua história, sendo incentivado a ser um agente transformador de si mesmo e do mundo.

A partir dessa perspectiva, a escola assume papel fundamental na formação do indivíduo, com o estabelecimento de três eixos de atuação: a identificação da escola como espaço de construção de uma cultura democrática, de uma educação de sentimentos e valores e da construção do projeto de vida.

A equipe escolar, por sua vez, é muito determinada e comprometida. A gestão estimula o uso de recursos tecnológicos digitais e de metodologias ativas na prática docente, oferecendo sistematicamente, formações nas reuniões pedagógicas.

Nos últimos anos, a preocupação com a formação continuada de profissionais da educação tem se intensificado devido ao reconhecimento do papel atribuído aos docentes na melhoria dos sistemas educacionais e às novas demandas decorrentes das transformações sociais, cujos reflexos se fazem presentes na escola e no trabalho pedagógico.

As tendências contemporâneas de formação concebem o educador como um profissional em contínuo processo formativo, tendo como currículo as demandas de suas práticas e experiência no âmbito de seu fazer, incluindo o desenvolvimento pessoal, profissional e o organizacional. Desse modo, a rede busca contemplar as modificações sociais ocorridas em paralelo durante as formações oferecidas, acreditando que é importante formar os professores para que saibam transformar a informação em conhecimento; com postura autocrítica em relação aos fenômenos sociais e sejam capazes de compreender e trabalhar com a diversidade e participar ativamente na construção de projetos de cidadania democrática.

Além dos professores, a equipe escolar conta com equipe administrativa e pedagógica, inspetores de alunos, estagiárias, cozinheiras, auxiliares de cozinha, bibliotecária, nutricionista, equipe terceirizadas de monitoramento remoto para a segurança, de jardinagem, de limpeza e de portaria.

A Clientela atendida pela Unidade Escolar é composta, basicamente, por famílias de classe média e baixa, conforme resultado de pesquisa de perfil socioeconômico, já realizada pelo rede de ensino. A escola atende preferencialmente aos filhos de funcionários do setor industrial, aos quais denominamos beneficiários.

No total, 818 alunos estão matriculados no Ensino Fundamental. Deste total, temos: 69% beneficiários, 31% não beneficiários, 271 alunos isentos por renda e 23 por serem filhos de funcionários da rede, totalizando 294 alunos isentos, ou seja, que não pagam mensalidade escolar.

Os alunos estão na faixa etária ideal para frequentarem o ano em que estão matriculados, o que quer dizer que não há um disparate entre idade/ano escolar, assim como também não há evasão escolar.

Há alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental com deficiências e transtornos de aprendizagem, que precisam de acompanhamento diferenciado, desde aqueles que precisam de pequenas adaptações até aqueles que necessitam de adaptações curriculares de grande porte.

A escola faz, com frequência, pesquisas de satisfação para conhecer as necessidades da clientela e planeja ações que contribuam para o envolvimento das famílias na vida escolar de seus filhos.

No total, 44 estudantes de 5º ano entre 10 e 12 anos foram sujeitos desta pesquisa, sendo 25 meninas e 19 meninos. A maioria é branca, e o grupo conta apenas com 5 meninas negras e 3 meninos negros.

3.5 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O projeto iniciou-se remotamente no ano de 2020, em meio à pandemia do COVID-19 durante as aulas de Práticas Sociais e Culturais (PSC), com 22 estudantes. Ao todo, foram 09 encontros por 3 meses e aconteciam pela manhã, uma vez por semana com duração de 50 minutos cada.

As aulas on-line no período pandêmico aconteciam via Teams, recurso da Microsoft desenvolvido para facilitar a comunicação e promover a colaboração entre pessoas de uma mesma equipe. O Microsoft Teams do Office 365 é um espaço de trabalho online baseado em chats, que podem ser privados ou abertos e que dispõe de diversas ferramentas, como chamadas de vídeo e de áudio, upload e download de arquivos e apresentações de tela.

Ao longo do ano, nas aulas de PSC, são desenvolvidos 3 projetos durante o ano e cada um tem duração de 3 meses, atendendo turmas multi etárias compostas por 32 estudantes do 4º ano e 32 estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, totalizando 64 alunos.

A proposta da disciplina de PSC é integrar diferentes áreas de conhecimento, promover experiências de aprendizagem de conteúdos disciplinares em geral, contextualizadas na realidade, e desenvolver habilidades e competências cognitivas e socioemocionais por meio da metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos.

A primeira aula da disciplina, que ocorre a cada 3 meses, acontece por meio de uma reunião dirigida por 3 professoras responsáveis pelo componente curricular

PSC, as quais apresentam, de maneira expositiva, os objetivos e a estrutura da disciplina, engajando os estudantes com vídeos e fotos que dão exemplos de ações possíveis de serem realizadas, e a importância de serem sujeitos ativos na sociedade, que identificam possíveis problemas e se organizam para pesquisar, discutir entre os pares, entender, buscar e propor soluções.

Ao final desta reunião, os estudantes são encorajados a sugerir temas que gostariam de estudar e/ou apontar problemas que merecem atenção e que são passíveis de resolução. As professoras registram as hipóteses levantadas e encerram as aulas.

Em outro momento, com as sugestões dos alunos em mãos, as professoras a sós, selecionam três opções de temas sugeridos na aula anterior (as opções mais votadas pelos estudantes ou as mais viáveis de acordo com a opinião das professoras), sendo que cada uma será responsável por um tema específico, ou seja, será responsável por um projeto com duração de 3 meses.

Na segunda aula, as professoras apresentam aos estudantes os três temas selecionados e iniciam uma discussão sobre a necessidade de aprofundamento em cada um deles. Sem saberem quem é a professora responsável por cada tema (que já foi definido pelas mesmas anteriormente), os estudantes se inscrevem em uma das três equipes conforme o seu interesse pessoal. Estes não são avisados previamente sobre as professoras responsáveis por cada tema de projeto para não influenciar suas escolhas, garantindo que estas realmente sejam conforme o interesse e não pelo “favoritismo” por professoras.

Por serem duas turmas de 32 alunos cada, as três equipes (uma de cada tema selecionado) terá, no máximo, 22 estudantes para que os grupos tenham o mesmo número de participantes.

Com os alunos inscritos em seus temas de interesse e os grupos formados, as professoras se apresentam e cada uma reúne a sua equipe para uma roda de conversa.

Os estudantes se apresentam uns aos outros e contam seus motivos para a escolha do tema, apresentando suas expectativas quanto às próximas ações. A educadora aproveita para fazer registros e diagnosticar os conhecimentos prévios apresentados pelas crianças.

Como apresentado anteriormente no capítulo “Referencial Teórico”, a metodologia da ABP possui alguns elementos básicos para a sua implementação:

Âncora, Brainstorm (“chuva” de ideias), Questão Motriz, Elaboração das Etapas (Canvas), Processo de Pesquisa e Produto. Este produto, por sua vez, resultou no artefato pedagógico digital, o canal de YouTube “Da escola para o mundo”.

No ano de 2020, os procedimentos ocorreram apenas nas aulas de PSC, mas o projeto teve continuidade no ano de 2021, na modalidade presencial com outra turma de 5º composta por 22 estudantes com a duração de um ano letivo, pois a elaboração, o desenvolvimento e a aplicação do produto educacional referente a esta pesquisa, ocorreram durante as aulas de Língua Portuguesa, Ciências Humanas e PSC, ministradas pela pesquisadora, também professora das turmas citadas.

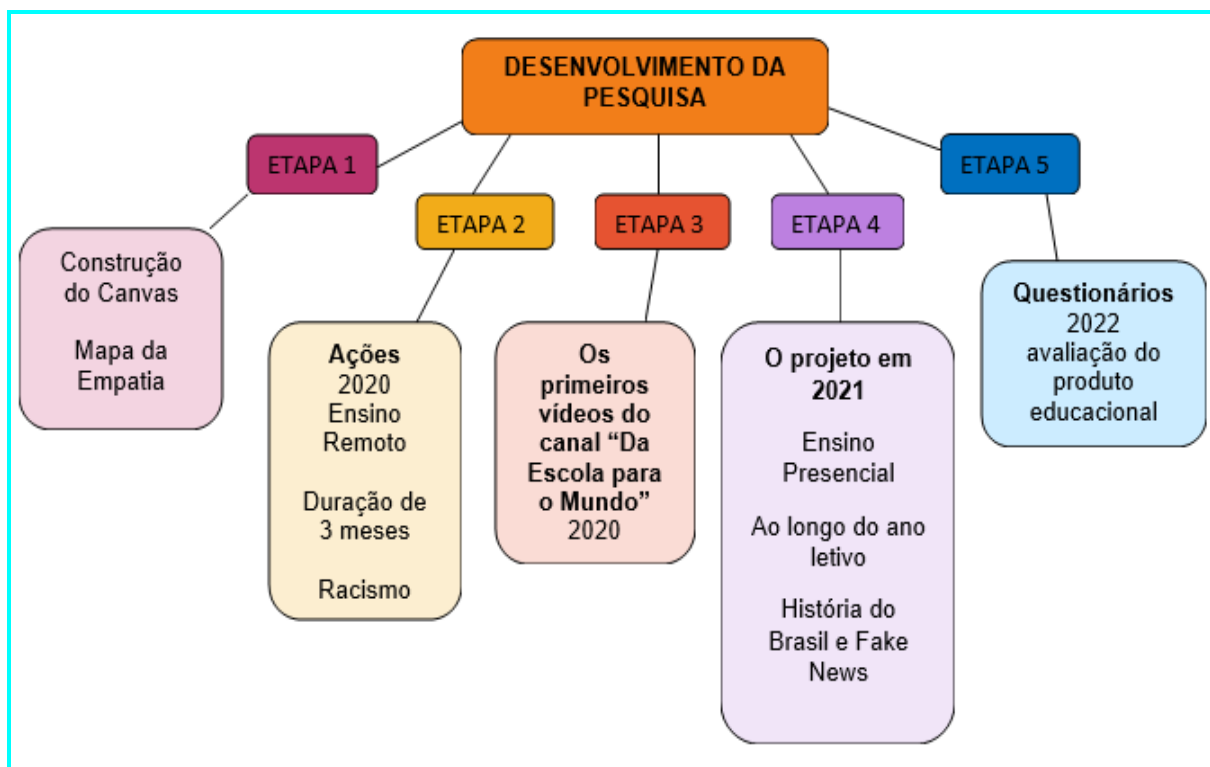
Um dos desafios enfrentados, foi a ausência dos estudantes durante as reuniões em 2020, pois muitos não participavam das aulas online. Embora 22 estudantes estivessem matriculados no projeto, a média de presença nas aulas era de, no máximo, 10 estudantes. Destes 10, muitos não eram assíduos, faltando com frequência.

Em 2021, com o retorno gradativo das aulas presenciais, nem todos haviam voltado presencialmente ou não mantinham assiduidade nas aulas por motivos de saúde, outros ainda relataram estar em viagem de lazer com a família após o período de quarentena. Nós professores, disponibilizamos as atividades para realização remota, não sendo possível contabilizar as faltas, mas estivemos em constante contato com as famílias.

A seguir, no capítulo 4, apresentaremos as etapas da pesquisa.

4. DESENVOLVIMENTO E ETAPAS DA PESQUISA

QUADRO 3: Diagrama com as etapas da pesquisa



Fonte: o próprio autor

Etapas 1 - Construção do Canvas do projeto

As duas primeiras aulas do projeto foram descritas na seção “2.5 – Procedimento da Pesquisa. Na terceira aula online, construímos o Canvas do projeto com os alunos, que foi algo desafiador por ser uma nova realidade devido à pandemia do COVID-19, mas foi uma oportunidade para o desenvolvimento do letramento digital, tão necessário no século XXI.

O propósito da construção colaborativa do Canvas com os estudantes, foi estimular o protagonismo e os sentimentos de pertencimento e de responsabilidade com o projeto. Em uma roda de conversa, definimos os itens necessários que o constituíram. No quadro 4, apresentamos os registros desta etapa.

QUADRO 4: CANVAS – PSC - Racismo

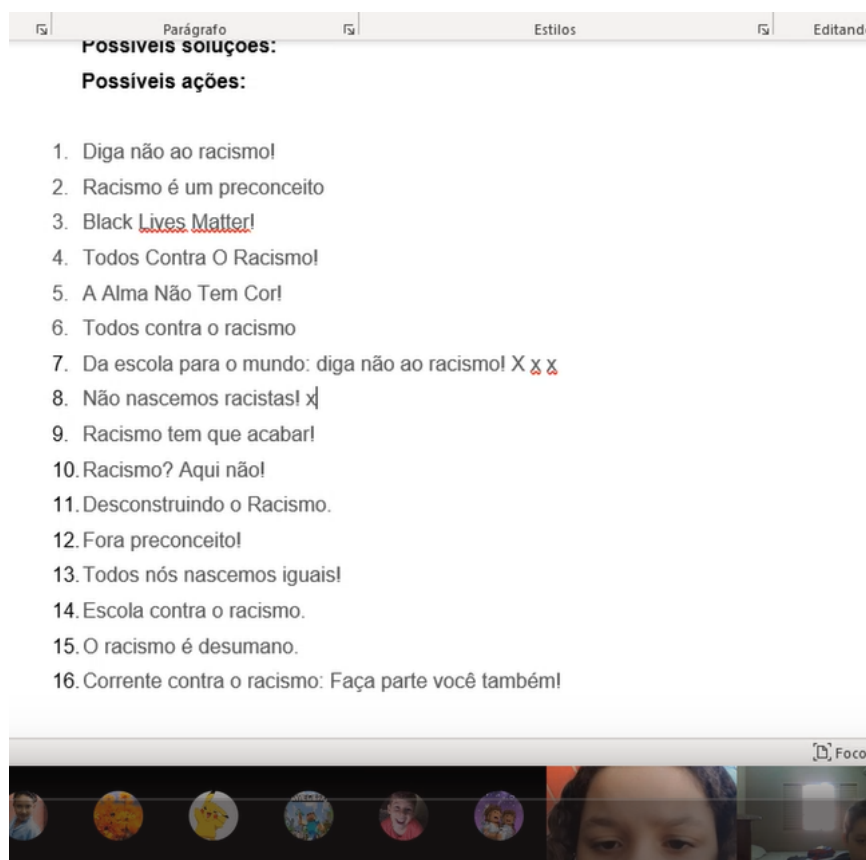
Resumo do projeto: O projeto visa propor ações de combate ao racismo, contribuindo para um mundo mais justo por meio da elaboração de um produto educacional produzido por estudantes.	
Título do projeto: Da escola para o mundo: Diga não ao racismo!	Etapa 1: Roda de conversa, levantamento dos conhecimentos prévios e definição das ações.
Questão motriz: Como desconstruir o racismo em nós e nas pessoas que convivem conosco utilizando recursos digitais de fácil acesso?	
Expectativas de Ensino e Aprendizagem: Ciências Humanas: EF.1a5.CH.78 Reconhecer o patrimônio cultural, compreendendo a importância de sua preservação para o fortalecimento da identidade de um grupo. EF.1a5.CH.80 Identificar as mudanças e permanências nas diversas linguagens, tradições e manifestações culturais presentes na região em que vive, valorizando e promovendo o respeito à pluralidade. EF.1a5.CH.87 Conhecer e respeitar as leis e normas da sociedade, reconhecendo seus direitos e deveres de cidadão. EF.1a5.CH.88 Identificar e analisar a diversidade do povo brasileiro por meio de diferentes manifestações culturais pertencentes a várias tradições (indígenas, africanas, europeias, entre outras). EF.1a5.CH.121 Entender que os direitos e deveres são regulamentados pela legislação e fiscalizados por órgãos públicos, identificando mudanças e permanências com relação à concepção de cidadania ao longo do tempo. EF.1a5.CH.122 Analisar o processo de formação do povo brasileiro para compreender a diversidade étnica e cultural do Brasil. Língua Portuguesa: EF.1a5.LP.02. Falar e escutar em diferentes situações comunicativas formais e informais, expressando opiniões, posicionando-se com autonomia, respeito e criticidade, sendo capaz de estabelecer negociações e acordos. EF.1a5.LP.03. Expor trabalhos oralmente, utilizando recursos gráficos ou tecnológicos para apoio à memória, e ouvir com atenção a exposição de colegas, percebendo que o tempo de manutenção da fala é mais longo nessa situação. EF.1a5.LP.13. Pesquisar, em meios físicos ou ambientes digitais, textos de diferentes gêneros, utilizando a seleção e a verificação EF.1a5.LP.35. Planejar a elaboração de textos orais e escritos, considerando o contexto de produção e situações comunicativas, os interlocutores, a finalidade, o suporte, a linguagem, entre outros,	Etapa 2: Pesquisa, elaboração e produção do produto educacional da disciplina PSC.

que possam ser repassados por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeos. EF.1a5.LP.37. Produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, em meios digitais, audiovisuais ou impressos, considerando a organização textual, a função social, a finalidade e os aspectos linguístico-discursivos. EF.1a5.LP.39. Revisar e reelaborar os textos em situações coletivas e individuais, evitando repetições, melhorando argumentos e adequando os sentidos, por meio da análise da língua	
Produto final: Perfil na rede social “Instagram”. Canal no YouTube	Etapa 3: Apresentação do produto à comunidade escolar.

Fonte: o próprio autor

As expectativas definidas no quadro 4, são referentes às disciplinas de Língua Portuguesa e Ciências Humanas, selecionadas do referencial curricular da própria rede escolar e elaboradas de acordo com as competências e habilidades definidas na BNCC (BRASIL, 2018).

Para a construção do Canvas do projeto, os estudantes levantaram hipóteses e deram opiniões. Por meio de votação, decidimos o título e o produto. A figura 1 apresenta as opções levantadas pelos estudantes.

FIGURA 1 - Sugestão de títulos para o projeto

FONTE: Acervo da pesquisa

Para a construção da questão motriz: “como desconstruir o racismo em nós e nas pessoas que convivem conosco utilizando recursos digitais de fácil acesso?”, foi preciso retomar com os estudantes o problema inicial proposto por eles na primeira reunião: o racismo.

Posto isso, elaboramos questões essenciais aos alunos não buscando respostas prontas, mas com o objetivo de promover uma reflexão e o engajamento intelectual. Como aponta Wiggins (2019) a elaboração de questões que requeiram não apenas responder “sim” ou “não”, ou repetir frases copiadas, é um dos pontos essenciais do planejamento de atividades, para que os alunos sejam ativos intelectualmente, expondo suas ideias, discutindo, argumentando, refletindo e pesquisando para chegar às respostas. As questões essenciais propostas foram:

- O que queremos fazer com o racismo?
- Será que é possível, neste momento e apenas com o nosso trabalho, acabar com o racismo de vez?
- Será que todas as pessoas sabem o que é o racismo?
- Vocês sabem o que é?

- Como saber o que é racismo?
- Como ensinar outras pessoas a saberem o que é racismo?
- Como fazer isso na pandemia, já que todos estão em suas casas?

O conjunto de questões elaboradas teve o propósito de promover maior conhecimento e reflexão sobre racismo, além de evidenciar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto.

Após discussões, análise e reflexão de informações, os estudantes, concluíram que não seria possível acabar com o racismo apenas com o nosso trabalho, pois isso é um problema mundial que depende de muitos outros fatores, mas que seria sim possível contribuir para tomarmos consciência do racismo velado que pode existir em nós, em nossa família e em outras pessoas da escola.

A resposta consensual apresentada pelos estudantes, de que não é possível acabar com o racismo apenas com o trabalho deles, mas que podem sim, contribuir para causar reflexão e alterar atitudes deles mesmos e de pessoas mais próximas indica:

- entendimento da complexidade do tema;
- não simplificação, ou ilusão de soluções milagrosas e simples.

Como destacado por segundo Freire (1987) esse tipo de atividade promove o desenvolvimento do pensamento crítico, contribuindo para formação de cidadãos críticos, tão essencial nos dias atuais onde fake news são disseminadas de forma virulenta.

Ainda nessa etapa, observamos a apropriação de novos termos, ou seja, a ampliação de vocabulário pelos estudantes, por exemplo o termo “desconstruir”. Ao fazer intervenções nas falas dos estudantes utilizamos analogias com a palavra desconstruir, como na transcrição de um trecho da fala da professora/pesquisadora em uma aula:

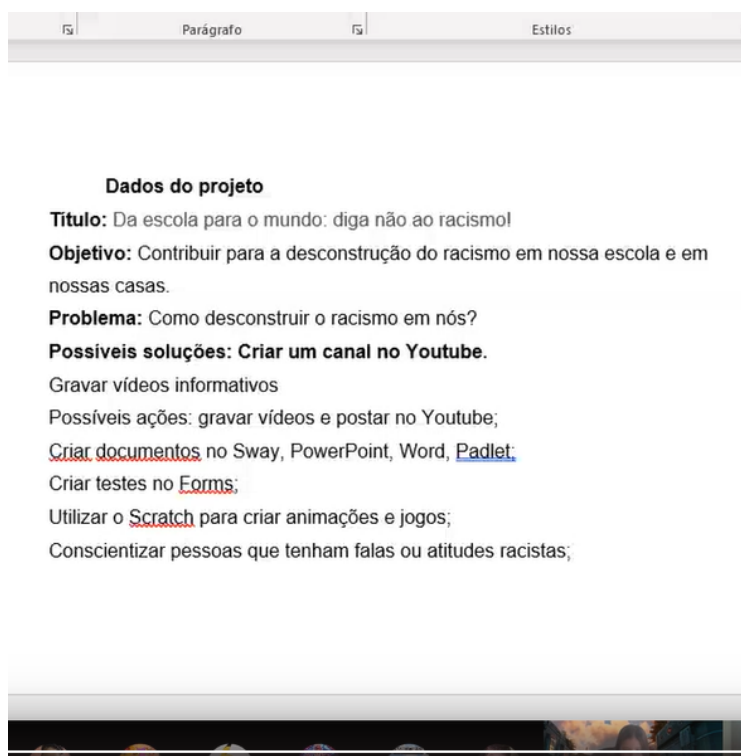
“Suponhamos que uma casa precise de reforma por ser muito antiga e estar muito velha. Tem como acabar com essa casa de uma vez? Tem como fazê-la sumir para depois construir outra? É preciso “desconstruir” a casa. Derrubar as paredes, demolir, para depois construir uma nova casa. A mesma coisa acontece com o racismo. Ele é uma “casa antiga e velha”, que precisa ser “desconstruída” para construir uma casa nova e moderna, com valores antirracistas. ”

Após definir a questão motriz (“como desconstruir o racismo em nós e nas pessoas que convivem conosco utilizando recursos digitais de fácil acesso?”),

decidir o produto não foi a etapa mais difícil. Os estudantes apresentaram suas ideias que foram discutidas coletivamente, onde analisando a viabilidade de cada uma, com a mediação do professor. O papel do professor como mediador do processo é essencial, para que seus alunos alcancem os objetivos de aprendizagem pretendidos por ele, pois será possível ao professor obter as evidências dessa aprendizagem. Segundo Ausubel (2003) sem estas considerações, a mediação do produto final pode ser inócuo do ponto de vista pedagógico, ou seja simplesmente ser uma atividade engajadora do ponto de vista lúdico, mas sem objetivos específicos de engajamento intelectual, aprendizagem significativa e avanços cognitivos.

Para a definição das ações, utilizamos uma chuva de ideias na qual as sugestões iniciais dos estudantes foram:

- criar perfis nas redes sociais como o Instagram e Facebook sobre o tema racismo;
- produzir imagens informativas para o compartilhamentos nas redes sociais e aplicativos de mensagens como o WhatsApp;
- produzir animações utilizando programas on-line;
- criar um canal no site do YouTube para a produção e compartilhamento de vídeos informativos, assim, poderíamos atingir nosso objetivo de contribuir para a desconstrução do racismo utilizando um recurso digital de fácil acesso, assim como mostra a figura 2.

FIGURA 2: Brainstorming - registro dos dados do projeto

FONTE: Acervo da pesquisa

Observando as sugestões de ações e possíveis soluções para resolver o problema “racismo”, é possível identificar que todas são recursos digitais, evidenciado os estudos de Marc Prensky (2001) sobre os nativos digitais, habituado a utilizar recursos digitais para a comunicação, entretenimento e estudo.

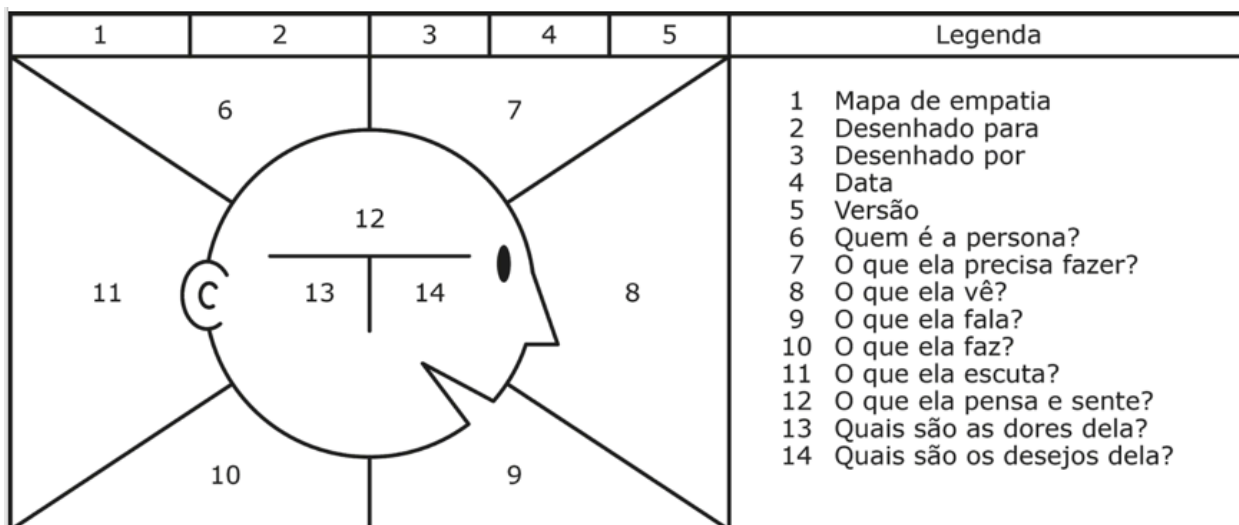
Para definir as ações, foi preciso conhecer melhor o público-alvo desta pesquisa e para isso, utilizamos o mapa da empatia (GRAY, 2009). O intuito foi refletir sobre quem são os principais integrantes deste público, o que fazem, vêem, pensam, sentem e ouvem, facilitando o processo de planejamento do produto educacional do projeto.

Este recurso é uma ferramenta muito utilizada no Design Thinking segundo Arrudas, (2020) processo de pensamento crítico e criativo que organiza ideias de modo a estimular tomadas de decisão e a busca por conhecimento em uma perspectiva coletiva e colaborativa por meio de cinco etapas: 1 - criar empatia; 2- definir; - 3- idear; 4 - prototipar e 5 - testar (COLAÇO, 2022).

Na figura 3, mostramos o modelo adaptado de mapa da empatia (MENEQUETTE, 2019) utilizado para escolher o produto educacional.

Cada campo do mapa corresponde a um descritor conforme a legenda demonstra abaixo.

FIGURA 3 - Modelo de Mapa de Empatia

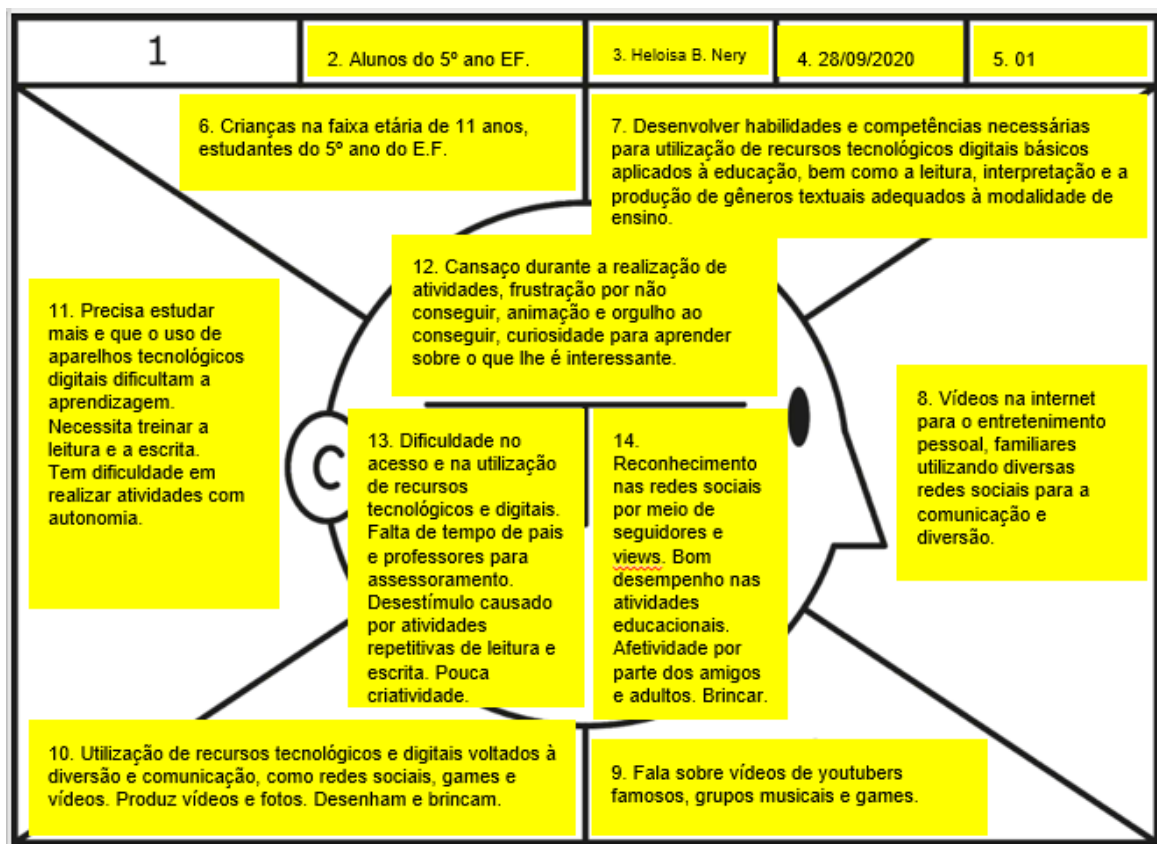


Fonte: https://www.academia.edu/41680284/Mapa_de_Empatia_Acess%C3%ADvel

Para coletar estes dados, realizamos uma roda de conversa com os estudantes para conhecê-los mais, e utilizamos os descritores do mapa da empatia representado na figura 3, especificamente as questões de 6 a 14. Por esta pesquisadora, também ser a professora da turma, questão 7 foi previamente respondida.

Na figura 4, mostramos o resultado diagnóstico do público-alvo do mapa da empatia.

FIGURA 4 - MAPA DA EMPATIA - Dados coletados para Prototipagem do Produto Educacional



FONTE: a própria autora.

O mapa da empatia construído com os dados coletados com os estudantes de 5º ano do Ensino Fundamental participantes da pesquisa mostram o diagnóstico:

- sentem-se cansados ao longo do dia com as atividades desenvolvidas na rotina escolar, mas são curiosos e se engajam quando algo lhes é significativo;
- se interessam por mídias sociais e gostam de assistir e gravar vídeos, assim como fazem os “*blogueiros*” e “*youtubers*” que são uma “*inspiração*” para eles;
- Se entretêm por meio de jogos digitais e on-line, e gostam de serem reconhecidos entre os seus pares, inclusive por meio de seguidores e “*views*” (visualizações) nas redes sociais.

Embora estejam imersos no mundo digital, estes estudantes utilizam os recursos tecnológicos digitais apenas para diversão, e como consumidores passivos. As respostas do mapa da empatia, assim como as observações do professor, indicam que não há a utilização desses recursos na própria educação. Embora fazendo parte dos nativos digitais, o entendimento desses jovens de que os

recursos digitais servem apenas como entretenimento, é um indicativo ser essencial que a escola, os professores se empenhem em promover o desenvolvimento habilidades e competências para utilização desses recursos para além da diversão, contribuindo para uma educação transformadora e crítica. Neste trabalho, buscamos contribuir também para a utilização das tecnologias digitais pelos estudantes de forma segura, crítica e responsável.

Essa primeira etapa de planejamento foi essencial para a tomada de decisão sobre qual produto educacional seria mais significativo produzir, de modo a contribuir para o engajamento dos estudantes nas etapas seguintes.

Etapa 2: Ações

Com o objetivo de registrar os conhecimentos prévios dos estudantes, na quarta aula, disponibilizamos um arquivo online de edição de texto para que pudessem registrar seus conhecimentos sobre o que é racismo de maneira colaborativa (mostramos o resultado no quadro 7).

Solicitamos também aos alunos que buscassem informações sobre o tema na internet e/ou em outros recursos, para discutirmos na próxima aula. Enfatizamos que o material selecionado por eles deveria ser de qualidade (fontes em jornais, revistas de ampla circulação, evitar vídeos caseiros, sem referências...) e, preferencialmente, produzidos por pessoas negras, pois ouvi-las é um passo para a desconstrução do racismo. Também criamos um chat no “Teams” para que pudessemos trocar informações de maneira mais rápida e prática.

A aula foi encerrada e, à tarde, uma aluna enviou mensagem no chat avisando que tinha dois vídeos para indicar. Outras duas alunas também indicaram mais dois vídeos após a aula.

Durante a semana, fora do período da aula, outra aluna (A 4), ao assistir aos vídeos sugeridos, comentou no chat:

- Oi, prô! Bom dia! Então a desigualdade racial vai cair no nosso tema de racismo? Eu achei um vídeo muito importante sobre isso.

A aluna 4 faz a sugestão do seu vídeo e a aluna 1 logo responde a mensagem, afirmando que o vídeo era legal e que tinha mais um vídeo para indicar.

Outra aluna, que chamaremos de aluna 5, entrou na conversa para apresentar sua sugestão de vídeo e, mais uma vez, a aluna 1 respondeu com outra sugestão. No quadro 5, apresentamos as sugestões de vídeos propostas pelos estudantes.

QUADRO 4 - Sugestões de Vídeos pelos alunos sobre Racismo

	Título do vídeo	Canal	Link	Objetivo
A 1	Negro ou preto?	De Pretas - Gabi Oliveira	https://www.youtube.com/watch?v=xXZCcQpUfUk Acesso em: 24/10/2022	Discutir sobre o uso adequado dos termos “negro” ou “preto”.
A 2	Você sabe o que é racismo? - Quebrando o Tabu	GNT	https://youtu.be/dU-hqu7aqj4 Acesso em: 24/10/2020	Apresentar o conceito de racismo.
A 3	Série “A Verdade sobre a escravidão negra no Brasil” - Segunda Reportagem	EBC na Rede	https://youtu.be/Uxq_p9y7-mM Acesso em 24/10/2020	Relacionar desigualdade social à falta de políticas públicas no fim do período da escravidão.
A 4	Desigualdade racial no Brasil - 2 minutos para entender	Superinteressante	https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0 Acesso em: 24/10/2020	Relacionar desigualdade social à desigualdade racial, apresentando dados estatístico.
A1	Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam Gabi Oliveira - TEDxUNIRIO	TEDx Talk	https://youtu.be/FYg-vQwm3Lo Acesso em 24/10/2020	Discutir sobre estética negra e relações étnico- raciais.
A 5	Ninguém nasce racista. Continue criança.	TV Globo	https://www.youtube.com/watch?v=qmYucZKoxQA Acesso em 24/10/2020	Demonstrar que o racismo é construído socialmente por meio de um teste social.
A1	Racismo na escola - Teste social Teste da Boneca	Precisava Ouvir Isso	https://www.youtube.com/watch?v=ILOtEvtwVV8 Acesso em 24/10/2020	Demonstrar que o racismo é construído socialmente por meio de um teste social.

		Elix Comunicação	https://www.youtube.com/watch?v=FBTI_po3F4k Acesso em 24/10/2020	Identificar como o grau de marginalização causado pelo preconceito é sentido pelas crianças por meio de um teste psicológico.
--	--	------------------	---	---

Fonte: a própria autora.

No geral, os vídeos sugeridos foram produzidos por canais jornalísticos e de comunicação, como a EBC - Empresa Brasil de Comunicação, Canal GNT do grupo de rádio e TV Globo, além disso, alguns deles são protagonizados por duas mulheres pretas, Djamila Ribeiro, uma das principais vozes do movimento negro feminista e Gabi Oliveira, uma das YouTubers mais famosas que conquistou espaço na internet com assuntos importantes da comunidade negra.

Pode-se afirmar que estas estudantes estavam engajadas intelectualmente na atividade proposta e foram capazes de pesquisar, selecionar e julgar informações, respeitando o critério estabelecido de utilizar material produzido por pessoas negras.

Iniciamos a quinta aula lembrando o que foi proposto anteriormente e realizamos a leitura do documento editado de modo colaborativo, revisando as respostas dos estudantes sobre o que sabiam sobre racismo, compondo a avaliação diagnóstica do projeto (apresentamos as respostas no quadro 7).

Os vídeos sugeridos foram exibidos no mesmo encontro e as estudantes que apresentaram as sugestões, relataram o motivo das escolhas. À medida que os vídeos eram apresentados, fazíamos algumas pausas para intervenções, objetivando simplificar informações que poderiam ser complexas e atrapalhar o processo de compreensão; fazer questionamentos; problematizar; e apresentar exemplos e contraexemplos, estabelecendo relações entre os conteúdos apresentados nos vídeos.

As discussões durante a exibição dos vídeos também promoviam maior participação dos estudantes, mantendo-os atentos. Alguns estudantes começaram a

se sentir mais à vontade para contar situações racistas que presenciaram ou que ficaram sabendo de alguma forma.

Após os vídeos e discussões, retomamos o documento da avaliação diagnóstica e registramos nossas conclusões, comparando com as hipóteses da aula passada. É o que se pode ver no quadro abaixo.

QUADRO 5 - O que eu sei e o que aprendi sobre o que é Racismo

Aluno	O que eu acho que é racismo - Aula 1	O que eu aprendi sobre o que é racismo - Aula 2
A1	Eu acho que racismo é pessoas principalmente brancas que na maioria das vezes julgam uma pessoa preta ou negra por sua cor. E as brancas sentem tanta raiva dos negros só por sua cor que chegam a machucar verbalmente ou até fisicamente. #VIDASNEGRASIMPORTAM!!!!!!	Aprendi várias coisas!! Mas o que mais lembro foi que Racismo não é só com a cor negra (PRETA). Também pessoas com pele (AMARELA), (MORENA) ETC...
A2	Eu acho que o racismo é pela pessoa ser diferente a outra pessoa acha que ela tem o direito de se achar superior a outra pessoa e fica fazendo brincadeiras sem graça com a outra pessoa por ela ser diferente	O racismo é um preconceito contra a nacionalidade da pessoa e também pela cor da pele.
A3	O racismo é um preconceito que as pessoas têm contra os negros.	Eu aprendi que RACISMO é uma discriminação e um preconceito que as pessoas tem contra os negros, mas ninguém nasce sendo RACISTA, essas pessoas se tornaram assim porque aprenderam com os pais, mãe, família e etc., mas o RACISMO não é só com os negros, mas também com índios, chineses e várias outras pessoas. Nós todos somos iguais, mas cada um é especial com suas características e sempre se lembre, não faça com os outros o que não gostaria que fizessem com você.
A4	Racismo e um preconceito entre as pessoas brancas tem com os negros, e por isso eles sofrem muito racismo são, julgados, humilhados por causa da sua cor #VIDASNEGRASIMPORTAM	Eu aprendi que o racismo é um preconceito contra os negros e uma discriminação a humanidade. E também por causa da raça das pessoas
A5	É um preconceito que as pessoas brancas têm com os Negros, e por isso as pessoas Negras são sempre julgadas, humilhadas e acusadas por coisas que não fizeram. Hoje acontecem Protestos nos Estados Unidos pela Paz.	Eu aprendi que o Racismo não é só com os negros...O racismo acontece com todos que não tem a pele branca, tipo pele amarela, morena, etc. Nós temos que parar de julgar pela pele, pelo que a pessoa tem e não tem, Nós temos que parar de julgar e conhecer melhor a pessoa.
A6	Racismo é brancos xingando e acusando os negros	Eu aprendi que o racismo não é só com pessoas negras, também é com as pessoas amarelas, morenas etc.
A7	Para mim racismo é a injustiça dos brancos com os negros.	Racismo é a injustiça dos brancos não só com os negros também com os diversos tipos de raças.

A8	Eu acho que é preconceito com as pessoas negras e pobres.	Eu aprendi que racismo não é só com as pessoas negras, é também com as pessoas que vem de outros países e também com os índios.
A9	Pessoas brancas julgam as pessoas negras pela cor.	Preconceito contra os negros.
A10	Racismo é um preconceito com as pessoas negras, pois quando acontece algum furto ou algo do tipo as pessoas sempre apontam para negros por conta de sua pele #vidas negras importam !!!	Eu aprendi que o RACISMO é uma discriminação contra os negros. E as pessoas que praticam o racismo, NÃO NASCEM racistas, elas SE TORNARAM racistas, às vezes pelos pais, avós, tios, ou até mesmo pelos seus colegas, a criança se torna racista a partir de um deles, por exemplo os pais, a criança vê os pais praticando o racismo, e ela quer praticar também, achando que é certo apenas porque viu seus pais praticando o ato, e não só crianças, mas como todos! <u>#vidas negras importam!!!!</u>
A11	Racismo para mim é discriminação pela cor da pele	Eu aprendi sobre que o racismo é tanto por custos financeiros ou pela a moradia, a maioria das vítimas do racismo são negros tantos adultos e crianças
A12	Racismo pra mim é quando uma pessoa xinga a outra de animal ou pela cor da pele	
A13	Racismo para mim é algo injusto que fazem com as pessoas por causa da cor da pele.	Eu aprendi que o racismo não é só com pessoas negras e sim com outros tons de pele e também julgam pela aparência.
A14	Racismo na minha opinião é pessoas brancas contra a pele negra/pobres.	Eu aprendi que racismo não é que a pele branca contra a negra a pele asiática mata outras peles que n são do país dela.
A15	Racismo pra mim é quando os brancos fazem preconceito com os negros e os pobres.	
A16	Racismo pra mim é quando as pessoas ficam julgando os negros falam que brancos e negros não podem morar na mesma cidade	
A17	Racismo é uma discriminação racial pela cor da pele. E as condições financeiras.	Que é uma discriminação racial que não é só pela pele, pela condição financeira e aonde vive.
A18	Pessoas brancas machucando os negros	Infelizmente o racismo se tornou em geral a todas as pessoas, não só negras, mas as pessoas pobres, pardas, amarelas, etc... Não nascemos racistas, as pessoas se tornam racistas ,o que muda é só a cor da pele ,porque somos todos iguais.
A19	Racismo é uma discriminação racial de negros	Eu aprendi que racismo é preconceito entre pessoas negras e pobres

FONTE: a própria autora.

A primeira coluna se refere à identificação do aluno e, de 22 estudantes inscritos no projeto, 19 responderam, destes 19, 3 responderam apenas a segunda coluna, correspondente aos conhecimentos prévios dos estudantes referente ao que

sabiam sobre racismo. A terceira coluna apresenta as respostas dos estudantes após assistirem aos vídeos sugeridos e participarem das discussões.

Selecionamos as palavras mais frequentes utilizadas nas respostas das crianças sobre o que é o racismo, e as organizamos em uma “Nuvem de palavras”, buscando apresentar palavras-chave por meio do apelo visual, conforme mostram as figuras 5 e 6.

FIGURA 5 - Nuvem de Palavras 1 - O Que eu acho que é Racismo



FONTE: Acervo da pesquisa

QUADRO 6 -Termos mais utilizados pelos alunos ao discutir sobre o Racismo

Avaliação diagnóstica - aula 1		Avaliação formativa - aula 2	
Termo utilizado	Quantidade	Termo utilizado	Quantidade
Negros	11	Negros	12
Branços	8	Branços	3
Cor da pele	6	Cor da pele	5
Preconceito	4	Preconceito	5
Julgar	4	Julgar	1
Acusadas	3	x	x
Discriminação	3	Discriminação	4
Raiva	1	x	x
Diferente	1	x	x
Direito	1	x	x
Superior	1	x	x
Brincadeiras	1	x	x
Humilhados	1	x	x
Injustiça	1	Injustiça	1
Condições financeiras	1	Condições financeiras	2
x	x	Asiáticos/amarelos	5
x	x	Ninguém nasce racista, torna-se racista	3
x	x	Índios	2
x	x	Iguais	2
x	x	Raça	2
x	x	Pardos	1
x	x	Pobres	1
x	x	Aprender	1

FONTE: Acervo da Pesquisa

Na avaliação diagnóstica, é possível identificar que os estudantes sabiam que o racismo é um tipo de preconceito e discriminação com pessoas negras, julgadas e injustiçadas devido a cor da pele por pessoas brancas que se sentem superiores e

com direito de acusá-las, humilhá-las e de fazer brincadeiras sem graça por serem diferentes.

Nesta perspectiva, o sofrimento das pessoas negras frente às injustiças cometidas por pessoas brancas é o ponto central, portanto, o racismo é errado, injusto e cruel.

Após as discussões, reconhece-se durante a avaliação formativa, que os estudantes entendem que o racismo é o preconceito e a discriminação contra as raças “não brancas”, portanto, também acomete outras raças como os indígenas, que foram dizimados pelos europeus e os asiáticos, vistos como um único povo e, com a pandemia do Covid-19, têm enfrentado a xenofobia.

O discurso de que “ninguém nasce racista, mas torna-se racista” também é algo a destacar. Fica claro que o racismo não é algo biológico, mas é um fator social perpetuado de geração em geração. Entendido isso, o que fazer para romper com este ciclo de discriminação racial? Esta questão foi motivadora para iniciarmos a próxima aula.

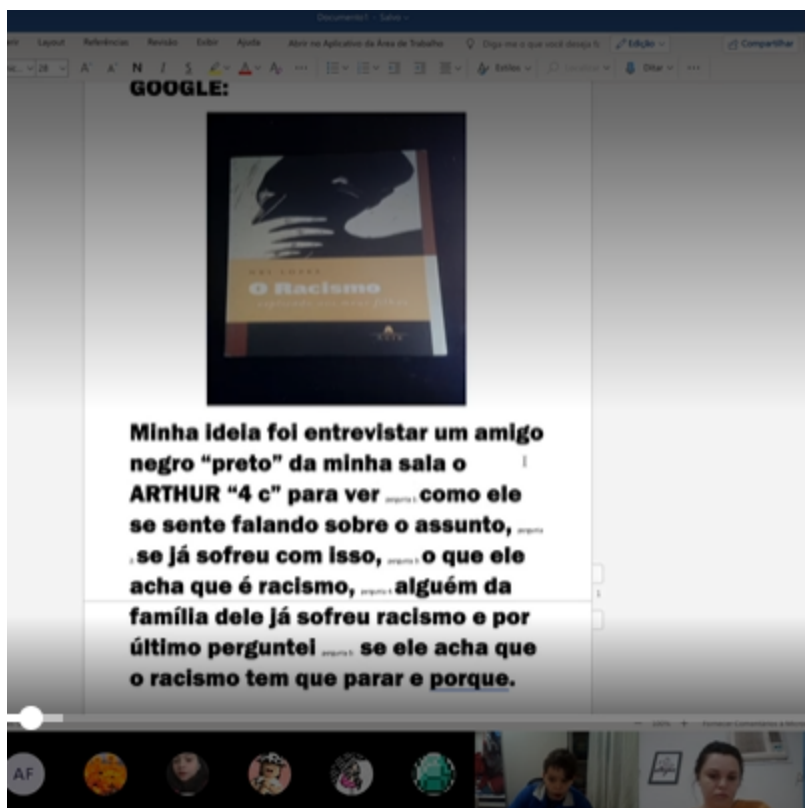
Na sexta aula, os estudantes estavam mais falantes, querendo conversar e contar os acontecimentos da semana. Foi possível perceber que estavam se sentindo mais conectados uns com os outros e que se sentiam seguros para se expressarem.

Começamos a aula pedindo para que relatassem o que havíamos feito na aula anterior e uma estudante pediu a fala e disse que queria indicar um livro que havia começado a ler na sua casa. Ela socializou o conteúdo da leitura com os demais, relacionando os fatos da história apresentada com os nossos diálogos anteriores, compreendendo que o racismo existe nas práticas do dia a dia.

O livro “O racismo explicado aos meus filhos” do escritor e compositor Nei Lopes (2007), era desconhecido por nós, então, decidimos pesquisar mais sobre ele e sobre o autor na internet para compreender melhor do que se tratava. Ao perceber que o livro era adequado, propusemos a gravação de um vídeo com a indicação da referida obra literária para que mais pessoas pudessem ter acesso à informação. Ressaltamos que a estudante buscou, mais uma vez, consumir e indicar material produzido por uma personalidade negra, mostrando estar atenta aos critérios que sugerimos inicialmente.

A estudante também trouxe para a aula o conteúdo de uma entrevista que a mesma fez com um amigo para saber o que ele tinha a dizer sobre racismo. Na figura 7 mostramos um print da tela da aula onde a aluna relata sua entrevista.

FIGURA 7 - Imagem da Videoaula: Pauta de entrevista realizada por uma estudante.

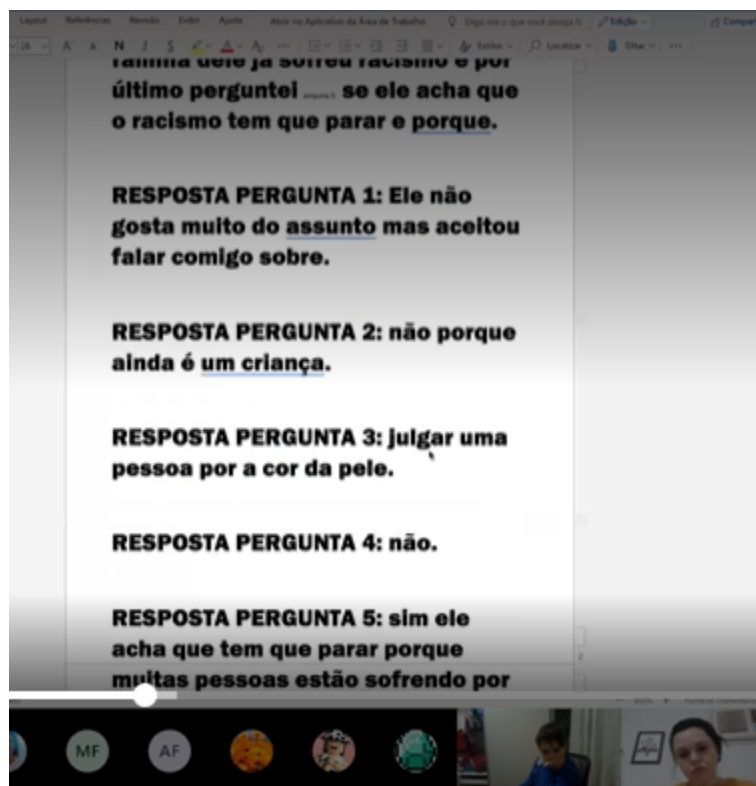


Fonte: Acervo da pesquisa.

Segundo a estudante (branca), ela decidiu entrevistar um amigo negro para conhecer as impressões dele sobre racismo, em vez de ouvir a opinião de pessoas brancas sobre esse mesmo assunto.

O colega entrevistado disse que não gostava de falar sobre racismo, mas que aceitaria a entrevista. Ele afirmou que não sofreu com situações racistas por ainda ser criança. Na figura 8, mostramos o print da tela com o resultado da entrevista.

FIGURA 8 - Imagem da Videoaula: Resultados da Entrevista



Fonte: Acervo da pesquisa.

Questionamos à autora da entrevista sobre o que ela havia aprendido com essa ação e ela respondeu: *“aprendi mais sobre o olhar da pessoa negra e aprendi mais sobre o que elas sentem”*.

Logo ao saber que a estudante branca havia abordado um outro estudante negro para entrevistá-lo, sem nenhuma orientação, ficamos atentos. Ouvimos todo o relato com atenção para poder intervir da maneira mais adequada possível, até porque, outro aluno branco também se interessou e se dispôs em realizar outras entrevistas.

A questão é que, em situações semelhantes, tende-se a expor pessoas negras, deixando-as em uma posição desconfortável e até humilhante, supondo que elas devam sempre falar sobre racismo e como isso as afeta, compartilhando seus sentimentos com uma pessoa branca “curiosa” e com “boas intenções”.

Agradecemos a aluna pela contribuição, mas fizemos os seguintes questionamentos para o restante da turma: *“era necessário entrevistar o colega para sabermos que racismo existe? Nós já sabemos que existe e que é algo cruel que precisa acabar, então, qual é a finalidade de ficar reproduzindo os mesmos tipos de*

pergunta? Ficar perguntando para pessoas negras se elas já sofreram racismo e o que elas sentem em relação a isso, vai fazer com que o preconceito acabe? Como será para uma pessoa negra ficar respondendo inúmeros questionamentos sobre isso? Será que é legal? Será que ela não tem algo mais interessante para falar? Realmente, não podemos falar de racismo ouvindo apenas pessoas brancas, mas já assistimos a vários vídeos, contamos diversas histórias e agora temos os resultados desta entrevista. Portanto, não faremos outras entrevistas com esse tipo de pauta. Nosso objetivo não é reforçar o sofrimento que o racismo causa, mas sim, valorizar a negritude, mostrar toda a sua beleza, força e inteligência. Tenho certeza que o entrevistado tinha informações interessantes sobre a vida dele, mas por ser negro, ficamos perguntando apenas sobre racismo. Isso nos mostra que cometemos racismo mesmo tentando combatê-lo, por isso, precisamos estudar e refletir muito a respeito das nossas práticas”.

Propusemos uma discussão sobre a fala do entrevistado ao afirmar que, por ser criança, ainda não tinha sofrido racismo. Para isso, utilizamos uma situação que aconteceu com a professora/pesquisadora desta pesquisa no início de 2019, quando ministrava aulas para uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, conforme mostra a transcrição: *“eu sempre elogiava a beleza de uma aluna e, certo dia, após receber o elogio, ela olhou para a amiga e disse que nunca haviam elogiado o cabelo dela, mas eu sempre fazia isso”.*

O objetivo de contar a experiência era levá-los a refletir sobre racismo velado, que acontece no dia a dia e não vem acompanhado de ofensas explícitas. Portanto, uma criança nem sempre percebe, de maneira imediata, que é vítima de preconceito, mas com o tempo, isso vai se tornando uma marca na vida dela. Quando esse caso aconteceu, a criança tinha seis anos de idade, ou seja, foram seis anos sem elogios.

Buscando promover um exame de consciência e de comportamento nos estudantes, fizemos os seguintes questionamentos: *“por que elogiamos apenas as pessoas brancas? Se fizermos uma busca de imagens na internet com o tema “pessoas bonitas”, que tipo de pessoas mais aparecerá? Pensem nas pessoas que vocês acham “bonitas”. Qual é a cor da pele delas? Como devemos nos comportar para diminuir esse tipo de preconceito? O que podemos fazer para contribuir com o reconhecimento e o fortalecimento da beleza da pessoa negra? Elogiar! Faça esse exercício. Elogiem pessoas negras. Elogiem seus cabelos, suas roupas, suas*

tarefas... e se elogiem! Todos nós somos lindos! Então, olhem-se nos espelhos da casa de vocês e elogiem seus cabelos, o nariz, os olhos, a boca, a cor da pele. Diga: Meu cabelo é lindo! Eu sou corajosa, sou corajoso! Sou inteligente! ”

Uma aluna (negra) se manifestou e mostrou a sua boneca “Barbie” preta, comprada em uma viagem para o nordeste (segundo ela). Ao apresentar sua boneca, a aluna sorri demonstrando orgulho, devido a qualidade da câmera da aluna a imagem acabou ficando um pouco borrada e fora do foco. Ao contar a história de como comprou a boneca, ela afirmou que só haviam duas opções de bonecas pretas à venda, e aquela tinha sido a sua escolhida. É o que nos mostra a figura 9:

FIGURA 9 - A aluna mostra sua boneca negra em videoaula.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Seguimos a discussão criticando o padrão de beleza, onde só são bonitas as pessoas de um único modo, geralmente brancas, loiras e de olhos claros, padrão muito identificado nas bonecas, nos personagens de filmes, séries, desenhos, novelas.

Mostramos aos estudantes a porcentagem de pessoas negras no país (54%) e perguntamos qual era o motivo de vermos tantas pessoas brancas na TV e em outros lugares de visibilidade se a maioria da população brasileira é negra (PRUDENTE, 2020).

Mais uma vez, reforçamos com os estudantes que é preciso treinar o pensamento e o comportamento para enxergar e criticar essas diferenças, se atentando, inclusive, aos nossos próprios desenhos e pinturas, representando outros tipos de pessoas e não apenas um padrão excludente.

Uma aluna que gosta muito de desenhar, contou que tem usado lápis de outras cores para representar seus personagens, evitando usar a cor salmão com frequência. Ao interagir na discussão, uma estudante (negra) utilizou o termo “cor da pele” para se referir à cor salmão do lápis de cor. Combinamos de não usar mais essa expressão, pois aquela cor de lápis não representa todos os tons de peles existentes e exclui aquelas que são diferentes, reforçando o padrão de beleza criticado por nós durante a aula. Afinal, se somos racistas em desconstrução, precisamos eliminar palavras preconceituosas do nosso vocabulário.

Outra aluna se sentiu encorajada e mostrou a sua boneca negra de cabelo “Black Power”. Embora a aluna seja branca, ela possui cabelo crespo e se sentiu representada pelo cabelo da sua boneca. Veja a imagem na figura abaixo:

FIGURA 10 - A aluna mostra sua boneca negra em videoaula.



Fonte: Acervo da pesquisa

Aproveitamos o momento para discutir o significado de “Black Power” e a importância desse termo para a comunidade negra, representando força e poder. Uma estudante pesquisou no Google e apresentou o significado de “pretos no

poder”. Elogiamos publicamente as crianças que tinham cabelo crespo e encaracolado, dizendo que deveriam sempre mostrar seus cabelos, colocá-los para cima, enfeitá-los, esbanjando poder e beleza. Os demais estudantes também foram incentivados a elogiar os colegas. Foi perceptível a mudança de feição dos estudantes elogiados, que sorriam agradecendo as falas gentis e verdadeiras.

Um ponto a destacar foi o comentário de um garoto. Ele escreveu a seguinte frase: *“eu não gosto de boneca. Blééé!!!”* Aparentemente, seria um comentário qualquer. Mas a oportunidade para a humanização está nas entrelinhas. Está na discussão que, talvez, só acontecerá na escola. O professor precisa estar muito atento aos comentários, pois eles vêm carregados de informações essenciais que poderão propiciar momentos que garantirão uma educação transformadora.

O comentário suscitou a ideia de que meninos não brincam de boneca, um brinquedo destinado culturalmente e historicamente ao gênero feminino. Para ter certeza, perguntamos o motivo pelo qual o estudante não gostava de boneca. Foi perceptível o desconforto dele frente a pergunta, demonstrando que não esperava a intervenção.

O garoto apresentou dificuldade para responder, talvez dizer em voz alta que boneca era brinquedo de menina seria uma tarefa difícil, ou ele nunca havia pensado no fato em si, reproduzindo um comportamento machista passado de geração em geração.

Explicamos que os brinquedos são simbólicos, ou seja, representam coisas e, muitas vezes, representam elementos da vida adulta. Perguntamos aos alunos se sabiam o que as bonecas e bonecos representavam na vida real. Alguns responderam prontamente que representavam bebês, crianças e pessoas. Dissemos aos estudantes que a infância é uma preparação para a vida adulta e que as crianças se preparam brincando, portanto, se brincarmos de cuidar de um boneco, que representa um bebê, estamos imitando cuidar de uma criança.

Continuamos provocando a discussão: *“Alguns de vocês, quando se tornarem adultos e responsáveis, poderão desejar ter filhos, assim como os pais de vocês desejaram. Será que brincar de boneca e boneco na infância vai te ajudar a desempenhar essa tarefa? Será que só as meninas devem aprender a cuidar de bebês? E os pais? Eles não têm filhos que precisam ser cuidados? E se brincamos de cuidar de bebês, isso realmente vai significar que desejamos ter um bebê de verdade ou que estamos nos divertindo, imitando a vida? Pensem na casa de vocês.*

Tem algum adulto que cuida mais das crianças da casa? Este adulto é do gênero feminino ou masculino? Geralmente, é a mãe quem apresenta maiores cuidados com as crianças e com a casa e, muitas vezes, ela ainda trabalha fora. As meninas brincam de casinha, brincam de boneca e quando crescem, esse “trabalho” acaba ficando a cargo delas, como se os homens não morassem nas casas e não tivessem filhos. Cuidar da casa é papel de todas as pessoas que habitam nela. Todos devem trabalhar juntos para mantê-la limpa e organizada”.

Pedimos para que pensassem nos brinquedos destinados aos meninos: *“Geralmente, eles ganham carrinhos, bolas, postos de combustíveis, vídeo game, arminhas e outros brinquedos semelhantes. Muitas meninas são proibidas de brincar com carrinhos pelo simples fato de serem meninas. Será que meninas não serão donas de seus carros? Quando vocês vão brincar de bola, há mais meninas ou meninos na brincadeira? Será que eles já nascem melhor do que as meninas no esporte?”.*

A essa altura da discussão, as crianças já estavam comentando sobre o assunto. Alguns contaram como foram proibidos de brincar com certos brinquedos, outros comentaram o quanto as mães são sobrecarregadas, enquanto os pais assistem televisão e descansam.

Com os questionamentos, os estudantes concluíram que não existe brinquedo de menino ou de menina e que todas as crianças têm o direito de brincar, de se divertir e de aprender, se preparando para uma vida adulta saudável e harmônica.

Finalizamos esta discussão afirmando que havia mais um preconceito que precisa ser combatido: o machismo, que coloca os homens acima das mulheres, negando seus os direitos de igualdade. Dissemos aos estudantes: “nós, que estamos estudando, evoluindo e buscando um mundo mais justo e igualitário, temos que começar a refletir sobre nossas ações e falas, pois, assim como já aprendemos, elas podem ser preconceituosas, transmitindo a discriminação e a violência de geração em geração”.

Ao realizar ações de combate ao racismo, é inevitável abordar outros preconceitos que, devido ao racismo estrutural, atingem e atacam pessoas negras com maior intensidade em relação a outras. Daí a importância de uma formação inicial e continuada que prepare, efetivamente, um professor reflexivo e ativo, capaz de propor ações transformadoras, desenvolvendo valores éticos, morais e o pensamento crítico, elementos essenciais para o exercício de uma cidadania crítica.

Ao final da aula, uma aluna pediu para apresentar seus desenhos pintados com lápis de cor “marrom”. Outra mostrou o seu kit de lápis de cor com diferentes colorações que podem ser usadas para colorir “peles”, é o que mostramos nas figuras 11, 12 e 13.

FIGURA 11 - Desenho de uma bailarina negra



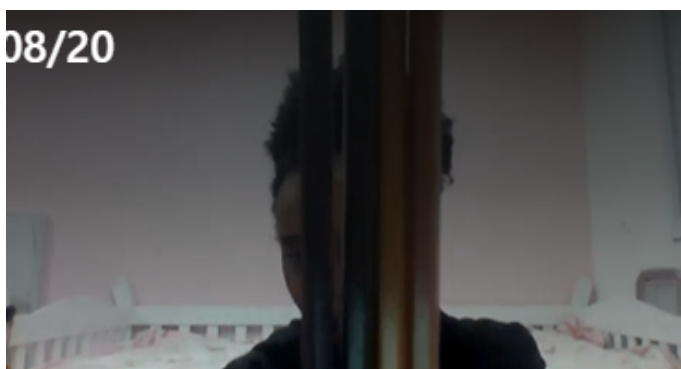
Fonte: Acervo da pesquisa

FIGURA 12 - Desenho do deus Tupã



Fonte: Acervo da pesquisa

FIGURA 13 - Aluna mostra diferentes cores de lápis para colorir “peles”.



Fonte: Acervo da pesquisa

Um aluno comenta que é “surpreendente” saber que o racismo acontece no Brasil desde a colonização e que foi trazido pelos europeus. Aproveitamos para abordar algumas consequências da chegada dos portugueses em nosso território e sua exploração: a desvalorização do nosso povo e da nossa cultura, e depois o tráfico e a escravização de negros. Por isso é importante estudar lendas indígenas, contos africanos, história do Brasil e outros conteúdos que valorizam nossa ancestralidade, reconhecendo e legitimando a nossa verdadeira história.

Outro aluno se manifestou comentando que na maioria dos filmes, os personagens são brancos e quando são pretos, eles são os vilões. Mais uma vez, comentamos a importância de olhar a nossa volta, tentando perceber como acontecem esses “racismos” que surgem disfarçadamente, sempre se atentando a dois questionamentos: tem pessoas negras? Quais papéis elas desempenham?

A mesma estudante que mostrou a “Barbie” negra, os lápis representando diferentes tons de pele, cita o filme da Disney “Tiana”, como sendo o único filme que ela já assistiu com uma princesa negra. Outro aluno, fala sobre o livro “A menina bonita do laço de fita” da escritora Ana Maria Machado, e a menina se manifesta novamente: *“eu adorava e só pegava esse livro na biblioteca”*, pois segundo a mesma se identificava com a personagem principal por ela ser uma criança negra.

As descrições das falas ocorridas nas aulas apresentadas anteriormente, mostram o quanto as crianças negras buscam por representatividade em meio a tantas violências que negam e invalidam sua existência, um problema que precisa ser enfrentado pela escola por meio de uma educação antirracista efetiva que transcenda o senso comum.

Durante este bate papo, uma aluna alterou o próprio fundo de tela, trocando o cenário do aplicativo Teams por uma imagem baixada da internet referente a data de 13 de maio, Dia Nacional da Luta Contra o Racismo. Os alunos ficaram curiosos para saber como ela havia feito a troca, pois só sabiam utilizar os cenários disponíveis pelo aplicativo. Sugerimos que a mesma gravasse um tutorial para compartilhar, ensinando outros alunos a baixar, salvar e utilizar uma imagem retirada da internet ou fotos pessoais como fundo de tela para chamadas de vídeo.

FIGURA 14 - Cenário utilizado em video chamada referente ao Dia Nacional da Luta Contra o Racismo



FONTE: Acervo da pesquisa

A aula foi encerrada, mas durante a semana, a estudante que apresentou a indicação literária, gravou dois vídeos: um tutorial de como alterar o cenário no aplicativo Teams (vídeo 1) e outro indicando o livro “O racismo explicado aos meus filhos” de Nei Lopes (vídeo 2). Ambos exibidos na aula 7.

Assim como as aulas anteriores, a sétima aula começou com um bate papo informal. Os alunos contavam acontecimentos, faziam comentários e perguntavam sobre diversos assuntos de maneira descontraída, nem sempre sobre a temática da aula.

Em meio a conversa, um estudante disse que pessoas racistas são “retardadas”. Intervimos e dissemos que entendíamos o quanto isso provocava o sentimento de raiva, mas que era preciso se atentar às palavras que utilizamos, pois podemos cometer outros preconceitos. Explicamos que a expressão “retardado” é capacitista, utilizada pejorativamente para se referir a pessoas com algum tipo de deficiência, ofendendo e excluindo essas pessoas, portanto, não se pode combater um preconceito cometendo outros.

Essas intervenções são essenciais para que as atividades estejam adequadas para atender as necessidades dos alunos, e que o professor não seja apenas um reprodutor de informações. No caso específico de combate ao racismo, as ações não devem ser propostas isoladamente, pois compreende-se que Direitos Humanos são normas que reconhecem e protegem a dignidade dos seres humanos, assim abordar fala-se também sobre machismo, homofobia, xenofobia, gordofobia, capacitismo e outros preconceitos que legitimam a exclusão de minorias.

Ainda na aula 7, assistimos ao vídeo elaborado por uma aluna com o tutorial de como alterar o cenário no aplicativo Teams (vídeo 1) e, também, o vídeo sobre o livro “O racismo explicado aos meus filhos” de Nei Lopes (vídeo 2). A proposta era definir o objetivo do projeto de acordo com a questão motriz lançada na 1ª aula (como desconstruir o racismo em nós e nas pessoas que convivem conosco utilizando recursos digitais de fácil acesso?) e as próximas ações que nos levariam à elaboração do produto da aula de PSC.

A maioria dos estudantes disse que o objetivo deveria ser “acabar com o racismo”. Intervimos para que percebessem a intensidade do verbo “acabar” e que, no momento, seria algo impossível de acontecer, uma vez que o racismo é de ordem estrutural e, que são necessárias ações efetivas de combate propostas pelo governo, e assim as práticas racistas poderão diminuir ao longo dos anos. Lembramos aos estudantes que o nosso papel neste projeto é refletir sobre as nossas próprias práticas, transformando-as e ajudando outras pessoas a fazer o mesmo. Depois da discussão, com a anuência de todos os estudantes presentes, alteramos o verbo “acabar” pelo verbo “contribuir”.

Os estudantes decidiram produzir um canal no YouTube, levando em consideração que o site é um meio de comunicação de fácil acesso e democrático. Outra proposta foi criar um perfil na rede social *Instagram* para compartilhar materiais de combate ao racismo como imagens, vídeos e reportagens, assim como mostra o Canvas do projeto apresentado no quadro 4.

Ao final da aula 7, solicitamos aos estudantes que pensassem e trouxessem para a próxima aula seus interesses em relação ao projeto, quais ações e papéis gostariam de desempenhar, pesquisas e ideias.

Durante a semana, fora do período de aula, uma outra estudante gravou um vídeo e postou no chat, pois ela gostaria de ajudar na produção de vídeos. No vídeo, a estudante fala sobre racismo e o quanto isso é ruim, pedindo para que as pessoas não cometam esse tipo de preconceito e comenta ainda sobre o uso de expressões racistas.

O vídeo foi assistido com a turma na 8ª aula e foi importante para discutirmos sobre conteúdo, postura e contexto de produção adequados, pois não basta apenas gravar o que temos vontade ou achamos que é certo, é preciso planejar, organizar, testar e avaliar.

Iniciamos a 8ª aula assistindo ao vídeo produzido pela colega durante a semana e discutimos sobre os seguintes elementos:

- Roupas e postura adequadas.
- Produção de roteiro.
- Conteúdos e argumentos provenientes de pesquisa.

Agradecemos a estudante pela iniciativa e por ela nos ajudar a aprimorar nossas técnicas e habilidades, propiciando a produção de vídeos mais profissionais. O vídeo não foi postado no canal pois consideramos que precisava de algumas melhorias.

Definimos ainda na aula 8, as ações de cada estudante presente na elaboração do canal de YouTube.

A administração do canal ficou para a professora/pesquisadora, e os dois primeiros vídeos a serem postados seriam os vídeos: Tutorial de como alterar o cenário no aplicativo Teams (vídeo 1) e Indicação Literária “O racismo explicado aos meus filhos” de Nei Lopes (vídeo 2), que já tinham sido produzidos como citamos anteriormente.

Um estudante se dispôs a tentar uma entrevista com um advogado amigo da sua família, homem negro e ex-estudante da nossa escola. Discutimos então sobre a necessidade de produzirmos um roteiro de entrevista, de acordo com a estrutura do gênero textual. Lembramos que as questões da entrevista deveriam ser encaminhadas com antecedência para o entrevistado, e planejadas com antecedência e apoio da Professora, para que as perguntas estivessem dentro do assunto.

o objetivo de conhecer a história do advogado, e também fazer a divulgação da legislação vigente sobre o crime de racismo e injúria racial, estimulando a denúncia por parte das vítimas.

Decidimos também produzir um outro vídeo, ensinando o que era o racismo e comentando sobre nossas aprendizagens durante o projeto. O formato escolhido foi o de um programa de entrevistas. Registramos os principais pontos que seriam abordados e dividimos os papéis entre os estudantes. Com o objetivo de promover o protagonismo das crianças negras participantes, estas ficaram com os papéis centrais no vídeo. Os assuntos escolhidos foram:

- O que é racismo?
- O que é racismo estrutural?

- Racismo é crime?
- O que são expressões racistas?

Combinamos que os estudantes fariam pesquisas na internet sobre os assuntos citados acima e que, na próxima aula, trariam suas ideias e falas escritas, para então estruturarmos o roteiro do vídeo.

Na aula 9, assistimos ao vídeo da entrevista realizada com o advogado e decidimos que ele seria postado no canal. Também ouvimos e discutimos sobre as ideias e pesquisas trazidas pelos estudantes, e estruturamos o roteiro do vídeo a ser elaborado. Durante a semana, os estudantes deveriam treinar suas falas, pois a gravação aconteceria na próxima aula.

Iniciamos o décimo encontro ensaiando o roteiro. Um estudante faltou à aula e uma aluna que não estava presente na semana passada, mas estava presente neste dia, fez a parte dele. O vídeo foi gravado e o postamos no canal (vídeo 4).

Para finalizar o décimo encontro, pedimos para que os alunos imaginassem, desenhassem e pintassem um rei, se atentando às características físicas e às cores utilizadas. Em seguida, com os desenhos prontos, os estudantes apresentaram, descrevendo e explicando seus desenhos. Dos 10 estudantes presentes, metade desenhou o rei com pele clara e metade desenhou com a pele escura. Três meninas preferiram desenhar uma rainha em vez de desenhar um rei. Na maioria dos desenhos, os olhos dos personagens foram pintados de azul ou verde e a maioria também usou as cores preta e marrom para representar os cabelos. Quatro crianças utilizaram cabelos encaracolados no desenho.

Estabelecemos uma discussão sobre padrões de beleza e algumas falas nos chamaram atenção, conforme a transcrição abaixo.

“Professora, não por mal, mas eu já tive isso na minha cabeça. Eu queria ser branca, loira, de cabelo liso e olhos azuis. Eu já pensei isso, mas não por mal. Eu quero tirar isso da minha cabeça. Não quer dizer que ter o cabelo assim (mostrando o próprio cabelo na câmera), o olho assim, é feio. Têm várias pessoas assim. Eu, a Júlia... não quer dizer que é feio. É lindo.”

“Eu quis tentar fazer um rei da África, por isso fiz a pele marrom e o cabelo preto cacheado.”

“Eu quis fazer uma rainha africana parecida comigo, com cabelo Black Power. Eu vi no filme “Um príncipe em Nova York”.

“Eu, participando de um projeto antirracista, desenharia um rei de pele preta e cabelo Black Power, mas como a maioria dos reis tem pele branca, eu preferi desenhar assim.”

A aluna, ao ser questionada sobre desenhar desta maneira apenas no projeto, ela respondeu:

“Fora do projeto eu também desenharia, mas preferi assim porque não tenho referência. É influência que eu vejo, que eu vejo na TV. Me inspirei nos príncipes europeus. Nunca vi um rei africano porque nunca me mostraram nada.”

“As pessoas gostam bastante de pele branca, mas eu não. Eu gosto bastante da minha cor, então fiz um desenho parecido comigo.”

Ao questionar a estudante o motivo pelo qual as pessoas preferem a pele branca, ela respondeu que o motivo era o racismo. Mesmo após todo o projeto, ainda tivemos dois estudantes que se referiram à cor salmão como “cor de pele”. Um deles ainda comentou que a maioria das pessoas do mundo, atualmente, tem a cor de pele “normal”, que é a cor salmão. Este estudante foi o mesmo que afirmou, durante a 6ª aula, não gostar de bonecas. Outro estudante também comentou “também existem pardos, meio escurinhos, mas brancos”.

Estes comentários feitos por estudantes de 11 anos que participaram de um projeto antirracista por três meses, evidenciam quão difícil é desconstruir o racismo estrutural, repetido cotidianamente. Embora todo o processo tenha ocorrido de maneira remota e com pouca assiduidade de alguns estudantes, fica claro que não é apenas um projeto na escola que resolverá o problema do racismo.

Perguntamos aos estudantes se eles sabiam o porquê desta proposta de atividade e prontamente uma aluna respondeu:

“Pra gente perceber as cores que usamos no desenho. Querendo ou não, é uma partezinha de racismo quando preferimos usar o salmão em vez do marrom e do preto”.

Encerramos a discussão fazendo a leitura da história “O amigo do Rei” da escritora Ruth Rocha (1993). O livro conta sobre dois amigos, Matias e Ioiô. Um era escravizado e o outro era patrão. Os meninos brincavam e brigavam como crianças comuns, sem saber que um dia, um deles seria rei. O objetivo foi, mais uma vez, propor uma reflexão acerca da identidade negra, rompendo com o estereótipo de inferioridade.

Durante a semana, mesmo com as ações encerradas, um estudante gravou um vídeo contando como foi a sua experiência no projeto e como ele começou a perceber o racismo nas atitudes dele e da família. Abaixo, apresentamos a descrição.

Muito triste que aconteceu comigo.

Quando eu tinha seis anos, eu era do primeiro ano e aí era o horário do meu lanche da manhã, para eu tomar café. E lá na escola, quando você vai tomar café, todas as outras salas vêm junto tomar café com você também.

Então era todo mundo junto que ia. E aí tinha um amigo meu que se chama Bernardo e ele é negro. E aí quando ele entrou no banheiro, eu falei que ele tinha cara de macaco.

E todo mundo sabe que isso é feio, né? Isso aí é racismo.

Só que eu tinha seis anos e eu não fazia a mínima ideia do que eu estava falando. Tipo, era uma coisa normal. Se eu quisesse falar aquilo, eu falaria de novo pra qualquer pessoa naquela época.

E aí eu fui estudando mais, fui para o terceiro ano, e depois o quarto ano e hoje eu estou no quinto ano.

Aí eu percebi que aquilo era uma coisa racista e quando eu percebi que aquilo era uma coisa racista, doeu em mim porque eu soube, que eu estava magoando uma pessoa e para mim eu não estava.

Aquilo era uma coisa normal.

E aconteceu com a minha mãe, que antes ela falava assim: quando alguma pessoa faz um trabalho ruim. Ela sempre falava “trabalho de preto”, que isso é uma coisa racista, é tipo trabalho ruim, é trabalho de preto. Logo, o trabalho do negro, e isso é ser um pouco racista, não, isso é totalmente racista!

E a outra frase racista era o preto: não faz burrada na entrada, mas faz burrada na saída.

Então ela quis dizer que o preto sempre faz burrada e é logo com preto, não é tipo, a pessoa não faz burrada na entrada, mas faz burrada na saída, não é? O preto sempre era o preto. E então? Foi bem triste quando eu percebi isso.

E a gente está fazendo o mais possível para melhorar o mundo inteiro, não só o nosso país, mas o mundo inteiro.

E cada dia que passa vai ficando mais complicado. Mais coisas racistas estão acontecendo. Só notícia ruim. Com esta quarentena aí também. É fogo!

Então se você faz isso, você não é racista, mas conhece alguma pessoa que faz isso, fala para ela: - Ô pessoa, isso é feio e você está estragando o nosso mundo, que esse mundo não é o que a gente esperava. E outra coisa o mundo com educação, com respeito, carinho.

A seguir, na etapa 3, apresentaremos os vídeos produzidos para o canal de YouTube “Da escola para o mundo”.

Etapa 3 - Os vídeos do canal “Da escola para o mundo”.

Nesta etapa, apresentaremos os roteiros dos vídeos produzidos e postados no canal de YouTube “Da escola para o mundo”, discutindo sobre cada um deles, apresentando o contexto de produção, estratégias, recursos, materiais utilizados e os resultados obtidos.

Os vídeos são amadores, gravados durante videoconferências, com webcam e/ou com câmera de celular. Todos produzidos e editados pelos próprios estudantes, que também ensinaram a professora/pesquisadora ao longo do projeto, como fazer edições básicas. Sendo assim, não possuem alta qualidade, com alguns prejuízos no áudio e na imagem.

A participação nos vídeos não era obrigatória e os alunos que queriam participar se prontificaram. Como a maioria dos estudantes era branca, sempre que possível, nos certificamos de que papéis mais centrais fossem protagonizados por crianças negras.

No caso das crianças brancas, o intuito era fazer com que reconhecessem o racismo sutil do dia a dia, desenvolvendo uma postura mais crítica e reflexiva para a

consolidação de valores antirracistas. Em relação à participação das crianças negras, o objetivo era possibilitar momentos de protagonismo, onde pudessem se auto afirmar, fortalecendo suas potencialidades.

Procuramos, ao máximo, utilizar uma abordagem clara e objetiva para evidenciar a importância de falar sobre racismo, pois só reconhecendo a sua existência, poderemos combatê-lo. Além disso, o assunto foi tratado conforme a perspectiva histórica dos colonizados e não dos colonizadores, como ainda se vê com frequência nas escolas.

A seguir, apresentamos as transcrições dos vídeos, redigidas de acordo com as falas dos estudantes, por isso, em alguns momentos, vemos a presença de gírias e vícios de linguagem.

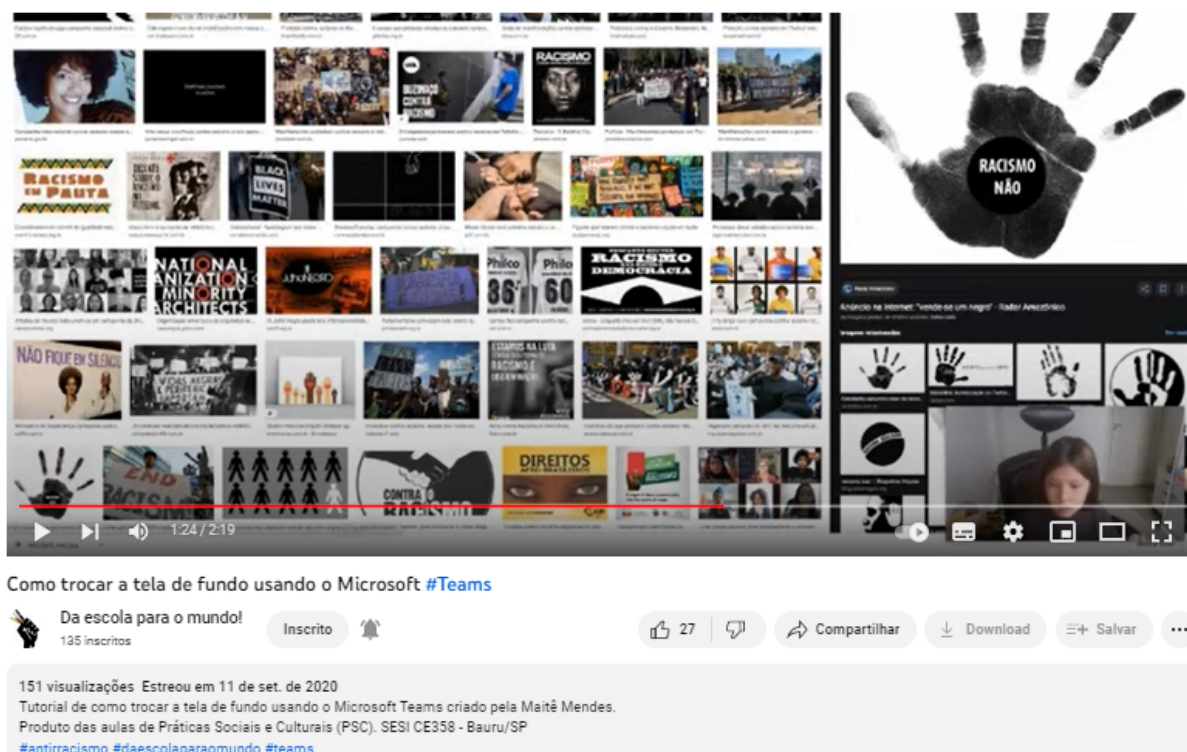
Vídeo 1: Como trocar a tela de fundo utilizando o Microsoft #Teams

Os estudantes acessavam de suas casas, por meio do computador ou celular, o aplicativo Teams para participar das aulas online. Logo começaram a descobrir as diferentes funcionalidades disponíveis, bem como a possibilidade de trocar o fundo de tela nas chamadas de vídeo, o que evitava que outras pessoas da chamada vissem o local onde você estava, trocando o cenário por wallpapers ofertados pelo próprio Teams ou por imagens da galeria do computador ou celular. Além de oferecer mais privacidade durante as aulas online, também deixavam o ambiente da sala de aula virtual mais divertido.

A troca de cenário se tornou uma “febre” entre os estudantes, mas muitos ainda não sabiam como proceder. A conversa veio à tona em nossa reunião durante a aula de PSC e uma aluna se prontificou a gravar um vídeo ensinando os demais. O tutorial foi gravado pela estudante e postado pela professora/pesquisadora no canal para facilitar o compartilhamento dele por link.

É interessante observar que, ao ensinar a trocar o cenário da chamada de vídeo, a estudante faz uma busca no Google por imagens de combate ao racismo e as utiliza como exemplo enquanto mostra o passo a passo da ação, demonstrando preocupação em não fugir da proposta do canal. Veja a imagem do vídeo na figura 15.

FIGURA 15 - Imagem do vídeo “Como trocar a tela de fundo utilizando o Microsoft #Teams” disponível no canal “Da escola para o mundo”.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=e12UZ7JF4rw&t=31s>

O vídeo, que ainda está disponível teve, até o momento da redação desta dissertação, 153 visualizações, mas não faremos a transcrição dele por não ser fruto de uma proposta educativa específica, não sendo possível avaliar a efetividade desta ação como um resultado da pesquisa.

Vídeo 2: Indicação literária - “O racismo explicado aos meus filhos” de Nei Lopes.

O segundo vídeo publicado no canal, com 198 visualizações até a data da redação desta dissertação, foi produzido totalmente por uma estudante que, engajada pelas discussões iniciais, começou a ler o livro juvenil “O racismo explicado aos meus filhos” do escritor e compositor Nei Lopes (2007), por conta própria em sua casa.

O vídeo foi postado pela professora/pesquisadora, mas não houve nenhuma intervenção no modo da produção dele. Apenas assistimos e verificamos se estava adequado para postagem.

Abaixo, segue a transcrição do vídeo conforme as falas da estudante:

Transcrição do vídeo 2: Indicação literária - “O racismo explicado aos meus filhos” de Nei Lopes.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cZoM_Vecnhw

198 visualizações

VINHETA DE ABERTURA

ALUNO 01: - Oi, gente! Tudo bem? Hoje eu vim falar de um livro chamado “O racismo explicado aos meus filhos”. Esse livro conta a história de Nei Lopes, um homem que é professor e escritor negro que tem dois filhos. Ele admitiu no livro que, quando seus filhos eram pequenos, não gostava de falar muito sobre o assunto porque achava meio avançado para a idade deles, eles eram bem pequenininhos e eram negros. Ainda são, né!?

- Conforme os filhos dele foram crescendo, é óbvio que eles foram descobrindo né!?

E teve um dia que a Paulinha, que é a filha dele, já adolescente, chegou em casa toda esbaforida e assustada. Nei Lopes pergunta o que aconteceu e ela disse que o motorista do ônibus estava brigando: - Seu Jorge vinha dirigindo calmo, aí veio um carro e fechou ele.

- Então aconteceu todo o conflito... Quem será que bloqueou ele, né? Quem bloqueou o motorista do ônibus dela e tal?

- Acontece todo esse conflito e, em seguida, o cara do carro de pele branca veio e xingou ele de crioulo e disse que só poderia ser um crioulo para fazer uma burrice daquelas, então assim gente a gente já percebe o racismo e sabemos que não pode! Portanto, só para confirmar o que significa crioulo, que eu não sei, e eu vou aprender aqui com vocês agora!

- Eu vou pesquisar no Google qual o significado de crioulo. Significado de crioulo, quem ou que nasce escravo em país Sul-americano, a quem já chegou na África com essa destinação, que ou quem embora decente de europeus nasci no país e hispano-americanos e em outros originais de colonização europeia.

- Eu não entendi nada! Mas, assim dá para ver que tem racismo! Não precisa entender para você já saber que tem racismo na situação!

- Então assim gente não faz racismo tá!

- Se inscreva no canal! Deixa o like! É isso gente, eu vou colocar a foto aqui do livro e é isso gente, tchau!

Vejam se vocês conseguem pesquisar na internet alguma coisa, que é muito bom para ler! É isso! Tchau! Tchau!

No vídeo, a estudante procura na internet o significado do termo “crioulo” por nunca ter ouvido antes e, ao ler o significado, não o compreende, mesmo assim, ela percebe o racismo no ato referido.

Essa situação foi discutida na aula de PSC, onde pudemos pesquisar e compreender o surgimento da expressão “crioulo” e de outras expressões racistas que utilizamos até hoje sem nos dar conta de seus reais significados.

Para isso, utilizamos a cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? O racismo sutil” produzida em 2020 pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) no Programa de Diversidade “Para todos” do Sistema Fecomércio do Rio Grande do Sul que propõe uma reflexão acerca do racismo sutil cometido no dia a dia pelo uso de expressões racistas naturalizadas. Nas figuras 16 e 17, mostramos a capa e parte do conteúdo da cartilha.

FIGURA 16 - SESC e SENAC - Capa da cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? O racismo sutil”.



Fonte: <https://fecomercio-rs.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Cartilha-Palavras-Racistas.pdf>

FIGURA 17 - SESC e SENAC - Fragmento da cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? O racismo sutil”.



Fonte: <https://fecomercio-rs.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Cartilha-Palavras-Racistas.pdf>

Muitos alunos começaram a perceber que já haviam ouvido familiares utilizando alguns destes termos e, inclusive eles, faziam uso de algumas palavras, assim como “lista negra” e “nega maluca”, nome dado a um bolo de chocolate muito apreciado por eles. Na cartilha também é possível encontrar alternativas às expressões racistas e frases ditas por personalidades negras na luta contra o racismo.

Vídeo 3: Entrevista - Advogado Edilson Marciano fala sobre infância e racismo.

Neste vídeo, um estudante sugere entrevistar um conhecido da família dele, o advogado Edilson Marciano, que também estudou na mesma instituição de ensino quando criança.

A proposta era ouvir as lembranças de infância do Edilson enquanto estudante e conhecer o que a legislação prevê diante dos crimes de racismo e injúria racial.

O entrevistado conta que, quando criança, enfrentou algumas situações de racismo na escola. Ele aproveita para dar conselhos às pessoas que estão sujeitas a situações semelhantes e as orienta a fazer boletim de ocorrência na delegacia e que, a Ordem do Advogados do Brasil (OAB), possui uma comissão de igualdade racial responsável por resguardar vítimas de racismo e injúria racial.

Nesta atividade, atingimos as seguintes expectativas de ensino e aprendizagem descritas no canvas do projeto:

- EF.1a5.CH.87 Conhecer e respeitar as leis e normas da sociedade, reconhecendo seus direitos e deveres de cidadão.
- EF.1a5.CH.121 Entender que os direitos e deveres são regulamentados pela legislação e fiscalizados por órgãos públicos, identificando mudanças e permanências com relação à concepção de cidadania ao longo do tempo.
- EF.1a5.LP.35. Planejar a elaboração de textos orais e escritos, considerando o contexto de produção e situações comunicativas, os interlocutores, a finalidade, o suporte, a linguagem, entre outros, que possam ser repassados por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeos.
- EF.1a5.LP.37. Produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, em meios digitais, audiovisuais ou impressos, considerando a organização textual, a função social, a finalidade e os aspectos linguístico-discursivos.

A estrutura da entrevista foi construída pelo estudante com apoio da família dele. Eles entraram em contato com o Edilson e agendaram a entrevista, que ocorreu fora do período escolar, em um sábado de manhã.

Os familiares dos estudantes também se engajaram no projeto. Enquanto essa família se organizava em busca de uma entrevista com uma personalidade negra que admiravam, outro familiar elaborava a identidade do canal “Da escola para o mundo”. O pai de uma estudante, designer, produziu nossa logomarca, representando a luta antirracista por meio da educação. Abaixo, na figura 18, apresentamos nossa identidade visual.

FIGURA 18 - Identidade visual do canal “Da escola para o mundo”.



Fonte: acervo da pesquisa

A seguir, a transcrição do conteúdo da entrevista realizada com o advogado Edilson Marciano na cidade de Bauru com 213 visualizações.

Vídeo 3: Entrevista - Advogado Edilson Marciano fala sobre infância e racismo.

Disponível em: <https://youtu.be/vf0lv8zgLT0>

213 visualizações

VINHETA DE ABERTURA

ALUNO: E hoje eu irei fazer uma entrevista com Edilson, meu nome é Matheus e hoje estamos no canal “Da Escola para o mundo”

Boa tarde Edilson!

ENTREVISTADO: Boa tarde!

ALUNO: Sou o Matheus do CE 358 e estou no quarto C

ENTREVISTADO: Oi, boa tarde Matheus, tudo bem? Obrigado pelo convite!

ALUNO: Eu posso fazer algumas perguntas para você?

ENTREVISTADO: Pode vamos embora! Vamos conversar um pouco!

ALUNO: Você foi aluno do Sesi?

ENTREVISTADO: Sim Mateus! Eu fui aluno do Sesi, estudei aqui em Bauru mesmo, no Sesi 296 que ficava ali na Vila Santa Luzia.

ALUNO: Você teve alguma dificuldade por causa da sua cor na escola?

ENTREVISTADO: Sim Mateus, às vezes alguns amigos brincavam, faziam piadas em relação a minha cor e isso me machucava bastante.

ALUNO: O que você pode me dizer sobre o racismo?

ENTREVISTADO: Mateus, o racismo é algo que é muito ruim, porque ele fere demais as pessoas Negras e tiram a sua confiança em relação à sua capacidade, então é algo que a gente tem que combater a nossa sociedade.

ALUNO: E hoje, você é um excelente advogado, você pode me dizer se existe, se tem algum conselho com as pessoas que enfrentam ações de racismo no dia a dia.

ENTREVISTADO: Mateus, eu acho que o primeiro conselho que eu posso dar é para as pessoas que não são negras né, elas se colocarem no lugar das outras e pensar no que elas dizem e como aquilo atingir as pessoas que são vítimas do racismo e para as pessoas que são vítimas de racismo existe hoje uma legislação no Brasil, sobre injúria racial, sobre racismo e elas devem procurar a delegacia para registrar o boletim de ocorrência. Inclusive a OAB em Bauru, também em todo o Brasil, tem comissões que podem auxiliar essas pessoas a resguardar o seu direito.

ALUNO: Muito obrigado Doutor Edilson pela sua participação!

ENTREVISTADO: Obrigado Matheus.

ALUNO: Esse foi o vídeo! Se inscreva no canal aqui embaixo e dê like no vídeo e ative o sino de notificações! Tchau galera!

Vídeo 4: O que é racismo?

Este foi o último vídeo postado no ano de 2020 e com ele encerramos os 3 meses de projeto. A proposta foi apresentar como surgiu o racismo e o conceito de racismo estrutural, mostrando a importância de combatê-lo, inclusive por vias legais, uma vez que racismo e injúria racial são crimes conforme a Lei nº 7.716 de 1989 e artigo 140 do Código Penal.

Os estudantes discutem sobre comportamentos que naturalizam o racismo, retomando algumas expressões apresentadas pela cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? O racismo sutil” produzida pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) no Programa de Diversidade “Para todos” do Sistema Fecomércio do Rio Grande do Sul, apresentada nas figuras 18 e 19 desta pesquisa.

O roteiro foi construído coletivamente durante as reuniões e o papel desempenhado pela professora/pesquisadora foi de escriba e mediadora. Durante uma roda de conversa, dissemos aos alunos que deveríamos gravar um vídeo informativo resumindo o que aprendemos durante o projeto e pedimos para que relembassem os principais pontos discutidos que foram:

- O que é racismo?
- O que é racismo estrutural?
- Racismo é crime?
- O que são expressões racistas?

Os estudantes ficaram responsáveis por pesquisar informações na internet e prepararem conteúdo para compor a escrita coletiva do roteiro de vídeo transcrito abaixo e com 179 visualizações.

Vídeo 4: O que é racismo?

Disponível em: <https://youtu.be/M-1fhsF2jWY>

179 visualizações

VINHETA DE ABERTURA

ALUNA 01: - E aí galera que nos assiste tudo bem com vocês? Eu sou a Júlia e o nosso vídeo está muito top, cheio de informações!

ALUNA 02: - É isso mesmo! Eu sou a Rafaela e junto com a Júlia irei conduzir este bate-papo entre alguns convidados da nossa escola Sesi 358 de Bauru! Então se liga, não perca isso por nada!

ALUNA 01: - Como vocês já sabem estamos aqui para combater o Racismo, mas o que é o racismo? Para responder essa pergunta eu convido a nossa amiga Juliana! Juliana, tudo bem com você?

ALUNA 03: - Tudo assim estou muito contente de poder participar do canal obrigada

ALUNA 01: Seja bem-vinda mais uma vez! Agora não responda o que é o racismo?

ALUNA 03: - Racismo é um sistema que acredita na hierarquia das raças e etnias, ou seja, quando uma raça se sente superior a outra e tenta dominá-la!

ALUNA 01: - Entendi, obrigada! ALUNA 2, é com você!

ALUNA 02: - Agora convido nosso amigo ALUNO 04. ALUNO 04, conta para gente

como foi que sistema surgiu? E por que ele dura tanto tempo, já que todo mundo sabe que o racismo não é uma coisa legal.

ALUNO 04(Davi): -Boa pergunta Rafaela, o racismo surge normalmente no século 16 e 17 os europeus praticaram a escravização e alguns séculos escravizam as pessoas da África e do Novo Mundo.

ALUNA 02: - Que sério isso né?

ALUNO 04: - Sim, muito sério! Eu gostaria de convidar o Marcelo para falar um pouco mais sobre esse assunto.

ALUNA 02: - Claro! Chega mais ALUNO 05!

ALUNO 05 (Marcelo): - Olá a todos! Espero que todos estejam bem! Isso aqui que o Davi disse que nós chamamos de racismo estrutural, que é quando uma sociedade é formada para privilegiar um de pessoas e excluir outros. Isso acontece de forma tão natural que as pessoas não percebem!

ALUNA 01: - E é por isso que estamos aqui para fazer com que as pessoas consigam perceber o racismo no seu dia a dia para combatê-lo.

ALUNO 06 (Jean): - ALUNA 01, é importante lembrar que o racismo é crime inafiançável e imprescritível a pena vai de um a três anos de prisão, além de uma multa. A Lei Nº 7.716 de 1989 apresentou racismo como crime, não contra uma coletividade e não contra uma pessoa específica pode ocorrer no meio de ofensas ao coletivo ou ações, como recusar a sessão estabelecimentos já faz 31 anos dessa lei também tem a lei da injúria racial, está no artigo 140 do Código Penal que é quando uma ou mais vítimas são ofendidas por causa da sua raça, cor, etnia, religião e origem. O crime inafiançável com três anos de prisão além de uma multa prescrita até de oito anos.

ALUNA 01: - Muito bem lembrado, obrigada ALUNO 06!

ALUNA 02: - Pelo que eu entendi o nosso país é um país racista e só vamos conseguir melhorar se continuarmos estudando a nossa história e levantando a bandeira antirracista!

ALUNA 01: - É isso mesmo, ALUNA 02! Temos que ficar atentos ao nosso comportamento agora eu convido a Ana Luiza para dar dicas de algumas palavras e frases que são racistas e que não devemos mais utilizá-las.

ALUNA 07 (Ana Luiza): - Olá Todos eu sou a ALUNA 7 do 5 ano C e hoje eu queria compartilhar algumas palavras e frases que as pessoas costumam usar,

mas que são racistas, portanto, devemos eliminá-las do nosso vocabulário. A coisa tá preta! O que tem a ver a situação está preta? Você é negra, mas é bonita independentemente da cor negra, a pessoa é bonita como qualquer outra pessoa e além dessas frases que eu falei tem muitas outras!!

ALUNA 02: - É! Muito bem ALUNA 07, agora podemos pensar um pouco melhor sobre essa e outras expressões e deixar de utilizá-las!

ALUNA 01: - Nosso vídeo está chegando ao final! Obrigado a todos que participaram e juntos lutaremos contra o racismo.

ALUNA 02: - E se inscrevam em nosso canal! Deixe o seu like, compartilhe com seus amigos e nos siga no Instagram “Da Escola para o Mundo”. Até mais pessoal!

TODOS: Tchau.

Os vídeos seguintes disponíveis no canal, foram produzidos no ano de 2021 e são apresentados e discutidos na etapa 4 desta pesquisa.

Etapa 4 - O projeto em 2021

Embora o projeto “Da Escola para o Mundo: Diga Não ao Racismo” tenha se encerrado nas aulas de PSC no ano de 2020, o canal de YouTube “Da escola para o Mundo” continuou ativo em 2021 com outra turma de 5º ano, composta por 32 estudantes. Destes 32 estudantes, 10 haviam participado do projeto em 2020, quando estavam no 4º ano, mas apenas 7 alunos mantinham assiduidade às aulas.

A proposta ocorreu, principalmente, nas aulas de Ciências Humanas (CH) onde estudamos História do Brasil desde o período da Colonização até a Redemocratização do país seguindo as atividades propostas pelo material didático produzido pela própria Rede de Ensino, com as expectativas de Ensino e Aprendizagem alinhadas às habilidades de História e Geografia dispostas na BNCC (2018) para o Ensino Fundamental - Anos iniciais.

No quadro 7, apresentamos as unidades do material didático de CH “Movimento do Aprender” (2018) trabalhadas durante o ano letivo de 2021 e seus respectivos conteúdos e objetivos.

QUADRO 7 – Unidades, objetivos e conteúdos dispostos no material didático de Ciências Humanas

Unidade	Título	Objetivos e Conteúdos
1	Gestação do Brasil	Compreender o processo histórico por meio da periodização da história (décadas, séculos, milênios e períodos históricos). Explorar a noção das transformações políticas ocorridas no Brasil do século XIX. Pensar a construção do país desde o (des)encontro de culturas com a chegada dos europeus às terras de além-mar, importante evento que desafiou a noção de mundo dos europeus com as grandes navegações e implicou o extermínio e a reconfiguração de diversas etnias indígenas.
2	A Formação do Estado Brasileiro	Problematizar, por meio da história da formação do Estado Brasileiro ao longo do século XIX, os conceitos de Estado e Nação. Discutir sobre o longo processo da Independência brasileira, que pouco se relaciona com uma suposta harmonia e caráter heroico mostrados no conhecido quadro de Pedro Américo, mas como um acontecimento que se deu ao longo do tempo com diversos conflitos e violência envolvidos. Comparar as mudanças na estrutura dos sistemas políticos do Império e o atual, de forma que o estudante compreenda a sua construção histórica e como essa estrutura funciona atualmente. Debater a questão da localização do Brasil e das fronteiras como territórios de disputa, por meio da leitura de diferentes fontes como mapas, imagens e textos, mostrando aos estudantes como as fronteiras e os limites de um país também são construções históricas, por meio da contextualização a partir da Guerra do Paraguai, um importante conflito militar e político que aconteceu no longo reinado de Dom Pedro II e que demarcou parte das fronteiras do Brasil e outros países da América do Sul.
3	Projetos de Nação	Introduzir a noção de que a unificação das nações pode ser classificada como projetos políticos que tanto definem quanto excluem identidades e populações. Explorar a noção de que, ao se definirem etnias, grupos culturais e identidades, se estabelecem relações de poder gestadas nesses processos históricos que hierarquizam os grupos humanos. Apresentar aos estudantes uma forma de valorizar o patrimônio cultural do Brasil: como pertencente a diferentes grupos, além dos europeus, que formaram nossa coletividade e nos transformam em cidadãos que fazem parte de uma sociedade que é sempre múltipla. Ampliar o conhecimento sobre algumas das populações nativas (indígenas) e escravizadas (africanas), pensando a construção nacional

		do Brasil como um movimento dinâmico de seleções. Trabalhar com a interpretação de mapas e a localização espacial de processos migratórios da África para o Brasil, situando-os no tempo e no espaço.
4	Modernizar para crescer	Introduzir os estudantes na compreensão de dois regimes políticos: a monarquia e a república. A partir das transformações ocorridas no Brasil no fim do século XIX, ou seja, desde a queda do Segundo Império brasileiro de D. Pedro II e da Proclamação da República, busca-se discutir as transformações desse período, conceituando as práticas que fazem parte das mudanças políticas. Apresentar aos estudantes o primeiro conjunto promulgado de leis do país sob regime republicano, para refletir sobre como as normas de um país estabelecem direitos e deveres a seus cidadãos, além de definir quem são os habilitados a participar da vida política. Explicar que toda norma ou lei faz parte de um contexto social que possibilita seu surgimento e que, por causa desse mesmo contexto, tais leis não são absolutas, mas sim limitadas à época que as produziu, beneficiando grupos específicos e excluindo os demais. Apresentar as principais modernizações que vieram com a República, como a reforma das cidades, os meios de transporte e a mudança da força de trabalho no país, ressaltando de que maneira a produção de riqueza pelo homem altera sua relação com a natureza e com os outros indivíduos, destacando-se a transição do trabalho escravo para trabalho livre a partir do estudo dos fluxos migratórios entre Itália e Brasil no início do século XX, sem se esquecer de que ambos (ex-escravos e imigrantes) são, nesse período, excluídos da esfera pública e da participação social.
5	Tecendo o Brasil	Apresentar aos estudantes um panorama geral das diversas disputas que tiveram lugar no Brasil durante o período republicano. Através da comparação entre atividades industriais e agrícolas, diferentes tipos de mão de obra, da industrialização crescente nas cidades e a marginalização do espaço rural, bem como das diferentes revoltas que aconteceram nesse período, os estudantes poderão perceber que criar um novo país, sob um novo regime de governo, trouxe à tona muitos questionamentos sobre quais seriam as bases desse Brasil. Apresentar as relações entre as atividades econômicas de trabalho e os conflitos sociais que se articularam nesse período, enfatizando que as demandas nos espaços urbanos nem sempre coincidem com as demandas das populações que moram e

		trabalham no campo. Identificando os jogos de poder durante a República, os estudantes poderão perceber as conexões entre economia e política, e identificar como as instituições políticas do nosso país impactam o cotidiano do cidadão.
6	Transformações na vida urbana	Apresentar aos estudantes um panorama dos diversos aspectos que envolveram a Era Vargas e o Estado Novo no Brasil. Por meio do conhecimento do surto de industrialização dos anos 1930 e 1940, bem como das relações entre novas tecnologias e práticas políticas e dos impactos dos novos artigos industrializados no cotidiano das classes médias urbanas do Brasil, o estudante poderá perceber as transformações que ocorreram no país a partir das disputas e querelas do fim da República Velha. Abordar os meandros da construção identitária nesse período a partir da abordagem teórica de Benedict Anderson, segundo a qual uma nação nunca é um dado pronto, mas sempre uma comunidade imaginada. Levar o estudante a refletir como se dá esse processo de construção de uma comunidade sob a tutela governamental, com a forma de uma propaganda política e a veiculação de uma ideia autorizada da cultura brasileira, podendo perceber e explorar a contribuição das manifestações artísticas para a elaboração de uma ideia de Brasil, bem como o importante papel que elas tiveram em criticar o autoritarismo das construções oficiais. Explorar as relações entre o contemporâneo e o histórico por meio da comparação da propaganda política e da educação na Era Vargas com o seu cotidiano escolar para, dessa forma, desenvolver um pensamento histórico crítico e capaz de estabelecer e reconhecer relações entre diferentes conjunturas históricas. Por fim, trabalha-se a divisão do Brasil.
7	Progresso pra quem?	Apresentar temas relacionados principalmente ao contexto nacional entre as décadas de 1950 e 1960, mais especificamente ao governo de Juscelino Kubitschek, discutindo com os estudantes uma série de questões importantes para compreender o país no presente. Nesse sentido, alguns assuntos tratados ao longo das atividades são: as condições de vida nas cidades brasileiras, o deslocamento de pessoas em busca de melhores condições de vida, as escolhas políticas quanto ao modelo de transporte ou ao local ideal para instalar a capital federal, entre outros. Retomar o conhecimento prévio dos estudantes sobre os assuntos tratados e ampliar o repertório a partir de

		problematizações. Para isso, são propostos diferentes momentos de conversas e produção de texto em grupo, pesquisas e registros das impressões pessoais da turma sobre determinado tema. O objetivo é aproximá-los dessas questões – que inicialmente podem parecer distantes, mas fazem parte do contexto que vivemos – e desse modo propiciar a reflexão. Reafirma-se o compromisso com um ponto de vista sobre a história que busca compreender o papel e a importância de diferentes sujeitos – como os migrantes, de modo geral, e os candangos que participaram da construção de Brasília. Destacar que o espaço tem uma história e sofre alterações ao longo do tempo. Isso se reflete no modo de compreender o entorno e de se relacionar com ele. Um exemplo disso é o modelo de transporte escolhido para o Brasil durante o governo de JK: a opção por investimentos em carros e rodovias propiciou um desenho específico do espaço, bem como de escolhas na forma de transportar cargas e pessoas. Outro exemplo é a interiorização da capital do Brasil com a construção de Brasília, e as novas formas de se relacionar com aquele espaço político.
8	Ditadura Militar e Abertura Política	Conceituar termos fundamentais para o aprendizado da história do Brasil. São eles: ditadura e democracia. Por meio da observação das transformações das instituições políticas no país, os estudantes poderão perceber as diferenças fundamentais que existem entre os dois regimes, bem como compreender o papel fundamental da liberdade, em amplo sentido, para um exercício efetivo de cidadania. Além disso, a unidade oferece um panorama histórico dos processos que permitiram o advento da ditadura e, vinte anos depois, a redemocratização do país. Os temas e conceitos que norteiam toda a unidade são apresentados no início do trabalho com as atividades, bem como a apresentação do movimento popular e civil que pediu a intervenção militar para derrubar o governo de João Goulart. Apresentar as características fundamentais da ditadura militar, como o protagonismo das forças armadas e o cerceamento das liberdades e direitos, tendo contato com a propaganda oficial do regime e com a noção de patriotismo, fundamental para manter a ideologia autoritária em funcionamento na prática. A partir da aproximação com o conceito de Milagre Econômico, pelo viés desenvolvimentista, é apresentado aos estudantes um panorama da economia do período ditatorial. Desde

		anúncios de produtos que incentivavam o consumo das classes médias que apoiaram o golpe até a exaltação da Copa do Mundo de 1970, poderão perceber que o centro do discurso era o desenvolvimento do país e a união de toda a nação nessa meta, sob a tutela dos militares. São apresentadas, também, as críticas a essas propostas feitas por humoristas do período, que demonstravam as contradições desse tipo de discurso. Explorar mapas e imagens das obras de infraestrutura levadas a cabo, principalmente durante o governo Médici, para representar o espaço e identificar os impactos que essas obras tiveram no meio natural: relevo, bacias hidrográficas e vegetação. Abordando, então, o processo de abertura política e as manifestações pelas Diretas Já. Explorar como os movimentos de resistência surgem, muitas vezes, como uma resposta alternativa – a enorme censura e repreensão protagonizadas pelos militares. Discutir os processos memorialísticos pelos quais a sociedade passa após o fim de regimes autoritários, com a apresentação da Comissão Nacional da Verdade, principal órgão responsável por investigar e sistematizar as memórias do período.
9	O Brasil e o Mundo Globalizado	Tratar da inserção do Brasil no mundo globalizado. Inserir a temática da globalização por meio da comunicação e do mundo em redes, que serve de metáfora para a situação de proximidade e distanciamento, “tão longe e tão perto”, tema recorrente na vida contemporânea. O consumismo e o meio ambiente são trabalhados também na perspectiva da globalização, assim como seus efeitos, nem sempre benéficos, pois se referem diretamente aos hábitos da vida cotidiana. Explorar as mudanças políticas do período da redemocratização, tratando dos seus principais pontos, em uma primeira aproximação do tema pelos estudantes.

Fonte: A própria autora

O material didático produzido e utilizado pela rede de ensino apresenta um caráter crítico, buscando romper com os estereótipos e preconceitos amplamente difundidos pelo ensino de Ciências Humanas tradicional com conteúdos construídos e sistematizados a partir do ponto de vista dos colonizadores europeus.

É possível perceber essa criticidade nos momentos em que o livro aborda o extermínio dos indígenas com a invasão europeia (embora o livro não apresente o termo "invasão" e sim "chegada"), as relações e os jogos de poder que hierarquizam

grupos sociais, as injustiças cometidas pelo processo de escravização e abolição (mas não apresenta uma reflexão sobre quem eram as pessoas em seus países de origem antes de serem escravizadas no Brasil), valorização das culturas indígenas e afro-brasileira na construção da identidade da nação, o golpe do Estado Novo e de 1964, bem como o marco da chegada de um operário “não vindo da elite” à Presidência do País, com a implementação de uma política mais forte de distribuição de renda.

De modo geral, o livro é denso e consta com 368 páginas e mais duas unidades de estudo: A importância do Clima para o Ser Humano (unidade 10) e As Transformações no Espaço Brasileiro (unidade 11). Estas unidades não constam no quadro 9, por não abordarem, de maneira explícita, conteúdos que proporcionem uma discussão acerca do racismo, tema desta pesquisa. Além disso, pela quantidade de conteúdo programada para um curto prazo de tempo, não era possível aprofundar os estudos em determinados assuntos.

Embora o trabalho desenvolvido no ano de 2021 tenha durado 1 ano letivo, não foi possível produzir muitos vídeos, até porque eles são frutos de toda aprendizagem ocorrida durante os estudos propostos pelo material didático, compondo uma avaliação final, totalizando 3 vídeos postados no canal “Da escola para o mundo”.

Devido a alta demanda de trabalho nas aulas de CH, os vídeos foram produzidos nas aulas de Língua Portuguesa (LP) e nas aulas de PSC, ministradas também pela professora/pesquisadora responsável por esta pesquisa.

Levando em consideração os estudos que abordam as relações e jogos de poder ao longo da história da política brasileira, comparamos os fatos passados com os fatos ocorridos nos últimos anos na atual conjuntura da política brasileira, marcada pela desinformação sistematicamente divulgada pelas mídias sociais por meio das “Fake News”, que contribuem para o linchamento de inocentes, atentados à saúde pública, fortalecimento de preconceitos e para a legitimação da violência.

Buscamos contribuir para o letramento digital dos estudantes, saber extremamente necessário para os cidadãos do século XXI, imersos na cultura digital. Dessa maneira, propusemos a leitura coletiva da reportagem “O que são Fake News” escrita por Lorraine Vilela Campos da Equipe Brasil Escola (2021) e, em grupos colaborativos, os estudantes deveriam interpretar o texto, localizando

informações explícitas, com o objetivo de repertoriá-los sobre a temática. Abaixo, no quadro 8, mostramos as questões utilizadas para esta atividade:

QUADRO 8 - Questões da atividade de interpretação do texto “O que são fake news”.

Grupos	Questões
1	O que são fake news? Quem as publica e qual é objetivo desta prática? Segundo o texto, as fake news se espalham rapidamente. Por que isso acontece? Quem é persuadido pelas fake news? De acordo com o texto, as fake news sempre existiram, porém, não eram chamadas dessa forma. Quando o termo “fake news” ganhou força mundialmente e qual foi o contexto da época? Antigamente, informações falsas eram divulgadas por comunicados e obras de arte. Anos mais tarde, começaram a usar propagandas para disseminá-las. Como isso acontecia? Antes de compartilharmos qualquer informação na internet, precisamos verificar se ela é verdadeira. É fácil combater as fake news e quais sites podem nos ajudar a verificar a veracidade de informações?
2	De acordo com o texto, quem alimenta o mercado de fake news, ou seja, quem são os principais responsáveis? Quem são contratados para criar e disparar as fake news? Isso envolve muito ou pouco dinheiro? É fácil investigar e encontrar os criminosos? Por quê? Há punição para os criminosos?
3	Há mais interações de usuários em sites jornalísticos confiáveis ou em sites propagadores de fake news? Como estes sites legitimam as notícias falsas? Além das notícias manipuladas, quais outros recursos também são manipulados? Quando foi que a manipulação de imagens se intensificou no Brasil?
4	É perigoso espalhar fake news? Quais podem ser as consequências deste ato? Cite exemplos

Fonte: A própria autora.

Após a leitura coletiva com auxílio da professora/pesquisadora desta pesquisa, os estudantes foram divididos em 4 grupos para trabalhar colaborativamente. A tarefa era reler o texto e as questões norteadoras apresentadas no quadro acima, localizando e grifando as informações encontradas no texto para anotá-las, elaborando uma apresentação oral para os demais estudantes.

Após as apresentações, realizamos uma discussão coletiva sistematizando o que havíamos aprendido e, decidimos gravar um vídeo para postagem no canal “Da escola para o mundo”.

Abaixo, segue roteiro do vídeo 5 “O que são Fake News” com 231 visualizações até a presente data desta dissertação.

Vídeo 5: O que são Fake News?

231 Visualizações

VINHETA DE ABERTURA

ALUNA 01: - Fala galera do canal! Preparados para mais um vídeo? Espero que gostem!

VINHETA

ALUNA 02: - E aí? Você viu a notícia?

ALUNA 03: - Eu não vi! Você recebeu no Whats?

ALUNA 02: - Sim, mas também vi no Facebook, no Insta e no Twitter. Eu vou compartilhar com você e com mais uma galera! Foi um médico especialista que postou.

ALUNA 03: - Manda para mim porque também vou compartilhar, isso é um absurdo!

ALUNO 04: - Você já deve ter participado ou visto uma cena como essa!

ALUNO 05: - Esse tipo de situação acontece com frequência no dia a dia.

ALUNO 06: - Você também compartilharia essa informação?

ALUNA 03: - Mas foi um médico especialista que passou, é lógico que é verdade e é óbvio que vou compartilhar, eu estou revoltada e preciso compartilhar para que mais pessoas saibam e não sejam enganadas.

ALUNO 07: Você já ouviu falar em fake News?

ALUNO 08: - Se liga nessas dicas, que vão te ajudar muito!

ALUNO 09: - Fake News são notícias falsas geralmente transmitidas pelas mídias sociais e mexem com o emocional de quem recebe, fazendo-o acreditar e compartilhar.

ALUNA 01: - Todos podem cair em uma fake News! Pessoas de classe social mais baixa acreditam por depender da internet para se informar e, como o assunto geralmente envolve política, pessoas de classe mais altas, também acreditam e compartilham essas informações.

ALUNO 10: - Isso mesmo, e o pior de tudo é que essas notícias falsas são criadas propositalmente para prejudicar pessoas e legitimar ideias.

ALUNO 11: - De acordo com Yuri Castelfranchi, Mestre em Comunicação e Ciências, Professor do departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, as fake News não estão ligadas à ignorância das pessoas, mas aos valores e as condições de cada uma delas.

ALUNA 12: - As Fake News sempre existiram na história da humanidade, mas com o avanço tecnológico as notícias falsas são criadas e compartilhadas rapidamente, prejudicando diversas pessoas, chamada de Era da Informação.

ALUNO 13:- O Termo fake News apareceu em 2016 durante a eleição presidencial nos Estados Unidos onde os operadores do ex-presidente Donald Trump criaram uma rede para compartilhar várias notícias falsas, para prejudicar seu adversário político.

ALUNO 14: - As fake News podem acontecer por meio de manipulação de imagens dados de livros geralmente apresentados por esses falsos especialistas com interesses políticos e econômicos.

ALUNA 15: - Então se liga, pois, o compartilhamento das notícias falsas em inglês consequências como o incentivo a violência a intolerância principalmente de inocentes enraizamento de preconceitos Romano sob a xenofobia e racismo além de desinformar a população em relação à saúde pública.

ALUNO 16: - Um: Verifique o site que publicou a notícia, pesquise o nome do jornalista e especialista na internet: Ele é de confiança? Ele é quem diz ser: Onde se formou? Onde trabalha? É respeitado pelo meio científico?

ALUNA 17: - Segundo: acesse sites especializados em verificações de notícias como Fato ou FAKE do G1, boatos.org, Agência Lupa, aos fatos, e muitos outros. E você ficaria surpreso com a quantidade de fake News pairando por aí!

ALUNA 18: - Terceiro: Se você der um Google perguntando se determinado site é verdadeiro, você verá diversos sites que verificam as informações, mas atenção existem sites que verificam as informações, mas também tem os sites que propagam as fake News. Fiquem espertos!

ALUNA 19: - Quarta dica: notícias sensacionalistas com os títulos do tipo o segredo foi descoberto ou compartilhe até achar os suspeitos, ou eles não querem que você saiba são pistas para notícias falsas, assim como números muito grandes de informações absurdas.

ALUNO 20: - Vamos aprender a identificar e combater as fakes News!

TODOS: NÃO COMPARTILHE! DUVIDE! PESQUISE!

O engajamento dos estudantes para estudar *fake news* e gravar um vídeo informativo para compartilhamento no YouTube, também se deve ao fato da divulgação de *Fake News* durante a pandemia do COVID-19, atrapalhando o controle da pandemia e deixando muitas pessoas mal informadas, inclusive comprometendo a saúde de todos.

Uma das primeiras notícias falsas divulgadas em 2020, foi sobre o uso do termômetro. O uso do termômetro se tornou obrigatório para o acesso em lugares públicos e comerciais, como escolas e supermercados, por exemplo. Porém, muitos se negavam a aferir a temperatura corporal, por receio de prejuízo à saúde. Além disso, pesquisamos na internet informações sobre o funcionamento do termômetro infravermelho para que os estudantes tivessem argumentos para confrontar as ideias equivocadas amplamente divulgadas pelas mídias digitais.

Outra produção realizada com os estudantes, foi o vídeo “O que é o dia da Consciência Negra” (vídeo 6), feito especialmente para a data de 20 de novembro. O objetivo era abordar o assunto de maneira crítica, compartilhando informações com a comunidade escolar sobre o surgimento da data, exaltando Zumbi dos Palmares e sua luta que perdura até os dias atuais, nos posicionando a favor de uma reparação histórica que, inclusive, deve acontecer por meio da Educação, conforme aponta o conteúdo do vídeo transcrito abaixo.

VÍDEO 6: O QUE É O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA?

Disponível em: <https://youtu.be/-azl20Z3K20>

237 Visualizações

VINHETA DE ABERTURA

ALUNO 01: - Olá, galerinha!

Bem-vindos a mais um vídeo do canal “Da escola, para o mundo”.

ALUNO 02 - O tema de hoje é o Dia da Consciência Negra.

Vocês sabem o que isso significa?

ALUNO 03 - Então, roda a vinheta!

VINHETA DE ABERTURA

ALUNO 04 - O dia 20 de novembro reúne diferentes ações de combate ao racismo aqui no Brasil e foi instituído pela lei nº 10.639.

ALUNO 05 - Além disso, “História e Cultura Afro-Brasileira” se tornou componente curricular obrigatório nas escolas.

ALUNO 06 - Em 1978, ativistas do Movimento Negro Unificado (MNU) se reuniram na cidade de Salvador e decidiram que o Dia da Consciência Negra seria celebrado no dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, um dos nossos grandes heróis!

ALUNO 07 - A ideia da data não é celebrar, mas sim, lembrar a luta dos negros escravizados que se rebelaram contra o sistema escravista da época.

ALUNO 08 - Mas não acaba por aí! Afinal, essa luta não acabou.

ALUNO 09 - A desigualdade racial ainda existe e é um motivo para as desigualdades social e econômica.

ALUNO 10 - Nossa luta é por reparação histórica!

ALUNO 11 - Veja se na sua cidade haverá alguma ação no dia 20 de novembro e conte pra gente aqui nos comentários.

ALUNO 12 - Até o próximo vídeo!

O sétimo vídeo postado no canal tem o objetivo de indicar curtas e longas metragens e consta com 106 visualizações. A professora/pesquisadora e os estudantes trouxeram para as aulas de PSC, indicações de filmes que assistiram e que gostariam de compartilhar com outras pessoas.

Alguns dos filmes sugeridos foram assistidos pela turma durante as aulas ou como tarefa de casa, desde que atendessem ao critério de ser educativo ou de transmitir valores positivos, para isso, antes de exibirmos as películas aos estudantes, fizemos pesquisas referente à indicação da faixa etária e leitura de sinopses e resenhas, além disso, os estudantes, ao fazer sugestões, deveriam apresentar argumentos demonstrando que o filme, realmente, apresentava valores educativos. Abaixo, segue a transcrição do vídeo.

VÍDEO 7: INDICAÇÃO DE CURTAS E LONGAS-METRAGENS

Disponível em: <https://youtu.be/yOWYEc3SC5o>

106 Visualizações.

VINHETA DE ABERTURA

ALUNA 01: - E aí galerinha no canal!!! No vídeo de hoje, meus amigos e eu indicaremos alguns curta e longa metragens, se liga nessas dicas!

[Música]

ALUNO 02: - O primeiro filme que mais indicamos em Nova Holmes estrelado por Miley Bob Brown o filme conta a história de Enola, irmã do famoso Sherlock Holmes. É um filme de mistério e aventura onde a protagonista tenta desvendar o sumiço repentino de sua mãe, porém encontra muitos desafios pela frente, inclusive seus próprios irmãos, que tentam impedi-la.

ALUNA 03: - Esse filme mostra uma garota inteligente e criativa corajosa persistente e questiona o papel da mulher em uma sociedade comandada por homens, onde aquelas que não se encaixam no estereótipo padrão são chamadas de loucas, esse filme é divertido e vale a pena assistir.

ALUNA 04: Outro filme interessante, é o filme Matilda. O enredo é sobre uma menina de apenas 6 anos que vive sem o amor de seus pais. Matilda é autodidata e aprende a fazer tudo sozinha, inclusive ler. Ela é inteligente, alegre, toma boas decisões e exige que seus pais a matriculem em uma escola. Durante a trama, a garota descobre que tem poderes mágicos e, ao lado de sua professora, consegue derrotar uma diretora muito má.

ALUNA 05: Matilda mostra a importância da educação e da leitura para o desenvolvimento infantil, critica a superficialidade, o autoritarismo, o abandono e o abuso psicológico e físico que atinge muitas crianças. Você já assistiu?

ALUNO 06: - Sempre ao seu lado, é um filme baseado em fatos, onde Parker, um professor universitário, adota Hachi, um cachorro da raça Akita. Hachi acompanha seu dono todos os dias até estação de trem e fica lá esperando o seu retorno. Quando o Parker chega do trabalho, encontra Hachi na estação de trem e juntos voltam para casa. Mas um dia algo inesperado acontece deixando essa história mais emocionante do que ela já é! Se você quer saber o que acontece, veja o filme!

ALUNA 07: - Esse filme mostra a amizade e a lealdade dos animais com seres

humanos. Histórias como essas não são difíceis de se ouvir, o que nos faz compreender que os animais possuem sentimentos e precisam de atenção, cuidado e respeito. Essa história é tão emocionante que, no Japão, construíram uma estátua do cachorro Hachi, que a minha mãe teve a oportunidade de conhecer pessoalmente!

ALUNA 08: - Baseado no livro O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry, o filme conta a história de uma garota muito atarefada que depois de um acidente inesperado, conhece seu novo vizinho: um senhor que conta história sobre um príncipezinho que mora em um asteroide com sua rosa e, um dia, encontra um avião incomum pela terra.

ALUNO 09: - Esse filme é legal porque apresenta valores como amizade, esperança e resiliência. É um exemplo de como podemos superar momentos muito difíceis. Curiosidade: o personagem do Pequeno Príncipe é inspirado no próprio autor, sua esposa é representada pela rosa e a garota poderia ser uma amiga dele.

ALUNO 10: - O filme “Doutor Dolittle”, conta a história de um veterinário que além de atender a todo tipo de animal e tem a habilidade de falar com eles, mas após a morte de sua esposa, se isola em uma mansão. Quando uma jovem Rainha adoece, ele é forçado a entrar em uma aventura para encontrar a cura, enfrentando suas dificuldades e reencontrando sua coragem.

ALUNO 11: - O filme nos ensina sobre a proteção e o respeito aos animais de modo geral e apresenta valores como amizade, lealdade, coragem, trabalho em equipe e resiliência, que é a capacidade de superar as dificuldades. Você já assistiu?

ALUNO 12: - O filme “Bola na rede” conta a história de uma garota que ama estudar ciências. Mas após um acontecimento inesperado, em vez de participar de uma expedição científica, passa um semestre jogando futebol.

ALUNO 13: - O filme é interessante pois apresenta uma garota Negra como protagonista, o que ainda é muito difícil de vermos, infelizmente! Combate o preconceito de que futebol é coisa de menino e possibilita a representatividade feminina dentro de campo.

ALUNO 14: - O filme “Vida Maria”, é um curta cearense produzido em animação 3D, que ganhou diversos prêmios no cinema por causa do seu enredo educativo e

crítico. Conta a história de Maria José, uma criança de 5 anos que mora no sertão e precisa abandonar seus estudos para ajudar a família.

ALUNO 15: - Vida Maria é excelente pois apresenta a realidade vivida por muitos brasileiros, principalmente os sertanistas que não possuem oportunidades de viver com dignidade devido às condições sociais, econômicas e culturais. O filme mostra como é difícil quebrar o signo de uma vida tão dura e como isso atinge as mulheres que geralmente são obrigadas a se tornarem adultas antes do tempo.

ALUNO 16: Juízo é um documentário nacional que ganhou vários prêmios por retratar a realidade de jovens com menos de 18 anos, entre o instante da prisão e o julgamento por diversos crimes cometidos por eles. A identificação e a exposição dos jovens infratores são proibidas por lei, por isso jovens não-infratores vivem em situações similares os representaram. Realmente esse documentário é impactante.

ALUNO 17: - E assim como curta Vida Maria, este documentário é essencial para conhecer e refletir sobre desigualdade social, que assola a maioria dos jovens brasileiros e que infelizmente acaba definindo a vida deles. É possível estabelecer uma relação entre economia, política, educação e saúde, elementos importantes para uma vida digna e segura. Além disso, evidencia que a maioria das pessoas em condições precárias são negras reflexo de um passado e presente racista.

ALUNO 18: Canvas é uma animação que conta a história de uma avó que adora pintar, mas depois de uma perda dolorosa, perde a inspiração. Com o incentivo de sua neta, ele luta contra a tristeza e reencontra paixão pela pintura. Esse filme é super indicado porque além de apresentar uma família negra como protagonista, o que é super importante para a representatividade. Esta animação é sensível, comovente, delicada, inspiradora e simples.

ALUNO 19: - “Hair Love” é um curta-metragem premiado, conta a história de um pai que tenta arrumar pela primeira vez o cabelo de sua filha de sete anos, Zuri, que participará de um evento importante a trama é bem-humorada e gira em torno do afeto, da autoestima e da beleza dos cabelos crespos.

ALUNO 20: - Nós indicamos essa animação, porque traz uma importante mensagem sobre a situação da Beleza do cabelo crespo e a força que representa. É emocionante, inspirador e empoderador. O cabelo crespo é lindo e representatividade importa!

ALUNO 21: - E aí galera do canal? Gostaram das dicas? Então até o próximo vídeo! Tchau!

Para a produção do roteiro, os estudantes foram divididos em duplas de acordo com a preferência deles e tinham a tarefa de produzir uma resenha sobre um vídeo selecionado, revisada posteriormente de maneira coletiva com os demais alunos. Após o momento de revisão textual, montamos uma apresentação utilizando o recurso do Powerpoint.

O processo durou três meses e os vídeos abordam diversos temas, desde o respeito aos animais até desigualdade social e racial, sugestionando filmes mais lúdicos como “Hair Love” (2020) e até mais críticos, como o documentário “O Juízo” (2007).

A seguir, na quinta etapa desta pesquisa, apresentamos os resultados obtidos pelas avaliações do produto educacional desta pesquisa, o canal de YouTube “Da escola para o mundo”.

Etapa 05 - Questionários para Avaliação do Produto Educacional “Da escola para o mundo”.

No total, entre os anos de 2020 e 2021, 44 estudantes participaram desta pesquisa de mestrado, cujo o objetivo foi promover a construção de valores, atitudes antirracistas em estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental, por meio de atividades onde estes tiveram participação ativa na seleção e elaboração de materiais escritos e audiovisuais, como, reportagens, entrevistas, roteiros, resenhas e vídeos.

No segundo semestre de 2022, foram aplicados três questionários com o objetivo de validar e avaliar o canal “Da Escola para o Mundo”, sua contribuição à aprendizagem dos alunos participantes e sua aplicabilidade em outras realidades e práticas pedagógicas.

O primeiro questionário foi aplicado com os estudantes participantes desta pesquisa, considerando um espaço longitudinal de dois anos desde seu início em 2020, portanto, ao responderem aos questionamentos propostos, uma parte dos estudantes se encontrava no 6º ano e outra parte, no 7º ano.

O segundo questionário foi aplicado com alunos dos 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da mesma escola, que acessaram o canal e analisaram os vídeos produzidos, durante as aulas de Língua Portuguesa, registrando suas impressões e avaliando o conteúdo.

A seguir, apresentamos os dados obtidos pelos questionários.

Questionário 1 - Alunos participantes (Apêndice A).

A elaboração deste questionário seguiu o modelo proposto por Elisandra Pereira (2021) com algumas adaptações realizadas pela professora/pesquisadora nesta pesquisa de mestrado. O objetivo foi conhecer melhor o público participante, identificar as aprendizagens promovidas e avaliar o canal. No total, 33 estudantes com idade entre 11 e 13 anos responderam ao questionário.

Os demais 11 estudantes que participaram das ações desta pesquisa de mestrado e não responderam ao questionário, não estavam presentes no dia da aplicação, outros não estudam mais na escola e outros não devolveram o formulário.

Nos parágrafos seguintes, apresentamos as questões e as respostas dos estudantes, discutindo os resultados obtidos.

Na primeira questão, os alunos participantes deveriam assinalar a alternativa que representa a cor a qual eles se declaram. As opções de alternativas disponíveis eram: BRANCA, PRETA, PARDA e AMARELA. Como resultado a essa questão, apresentamos o gráfico abaixo:

GRÁFICO 02: Questão 01 – Questionário Alunos participantes



FONTE: a própria autora.

A questão 2 é uma continuidade da questão de número 1, pois os participantes que assinalaram as opções PRETO ou PARDO anteriormente, deveriam explicar de maneira dissertativa, se sempre se declararam assim ou se, em dado momento, passaram a se declarar diferentes. No total, 19 estudantes se declaram como pardos ou pretos. Destes, 17 sempre se declaram como pretos ou pardos e 2 responderam que começaram a se declarar depois conforme as seguintes justificativas:

“Comecei a me declarar como pardo depois que aprendi o que era “pardo””.

“Comecei a se declarar de cor preta quando estava no 4º ano do Ensino Fundamental”.

Foi possível identificar, por meio de uma entrevista, que outros três alunos considerados “brancos”, se declararam como pardos no questionário por terem pessoas negras em sua família e se identificarem como mestiços.

A questão 3 pergunta aos estudantes se participaram de alguma ação voltada ao combate do Racismo além do projeto “Da escola para o Mundo”. 23 estudantes responderam NÃO e os outros 10 estudantes responderam SIM, justificando suas respostas: 2 responderam que fizeram cartazes na escola, 1 respondeu que participou de discussões nas aulas de Arte, 1 respondeu que participou no carnaval, 3 responderam na escola, mas não especificaram o momento, 1 respondeu que discutiu o assunto com a psicóloga e 2 responderam que participaram de eventos com algumas palestras.

As questões 4 e 5 envolvem a presença de pessoas negras no campo social, familiar e em círculos de amizades dos estudantes. 26 estudantes afirmaram ter pessoas negras na família, 6 responderam não ter familiares negros e 1 não soube responder.

As questões 6 e 7 abordam a presença de professores e outros profissionais negros que atenderam estes estudantes. 33 estudantes responderam que tiveram aula com professores negros, 4 afirmaram não ter aula com professores negros, (apesar da professora de Arte ser negra). 25 estudantes afirmaram, em algum momento, serem atendidos por outros profissionais negros e 8 estudantes responderam que nunca foram atendidos por profissionais negros.

A questão 8 pergunta aos alunos se na sala de aula deles, tem alunos negros. 18 assinalaram a alternativa *“Sim, mais de 1, porém, menos de 5”* e 15 assinalaram a alternativa *“Sim, mais de 5, porém, menos de 10”*.

As questões 9 e 10 referem-se ao relacionamento dos estudantes com pessoas. 2 estudantes responderam que sim, há pessoas racistas em sua família. 23 estudantes responderam que não há pessoas racistas em sua família. 7 não sabem dizer se há pessoas racistas em sua família. 1 estudante não respondeu à questão.

Sobre amigos racistas, na questão 10, 6 estudantes responderam que possuem amigos racistas, 18 estudantes responderam não possuir amigos racistas, 7 não souberam dizer e 2 não responderam à questão.

Em relação ao comportamento racista, a questão 11 questiona se presenciaram alguma atitude racista e, segundo os estudantes, 16 responderam que já presenciaram atitudes racistas e 17 afirmaram não ter presenciado.

A questão 12 pergunta para os próprios estudantes se eles se consideram racistas e, de forma unânime, os 33 participantes responderam que não se consideram racistas.

A questão 13 relaciona o aprendizado dos alunos com termos ou assuntos que vem à mente deles quando questionados sobre a população negra no Brasil. Várias alternativas poderiam ser assinaladas. 25 estudantes assinalaram a alternativa “o período da escravização (senzala, sofrimento, morte, prisão)”, 7 estudantes assinalaram a alternativa “a perversidade das pessoas brancas contra as negras”, 14 estudantes assinalaram a alternativa “a cultura do povo negro (dança, culinária, adereços)”, 5 estudantes assinalaram a alternativa “os heróis e heroínas negros”, 7 estudantes assinalaram a alternativa “o tratamento de igualdade entre pessoa brancas e negras”. Veja o gráfico que ilustra os resultados:

GRÁFICO 03: Questão 13 – Questionário Alunos participantes

FONTE: a própria autora.

Com as respostas obtidas, identificamos que a escravização ainda é o aspecto mais lembrado da história do povo negro e que ainda há muito a se fazer na escola para repertoriar os estudantes e transpor a visão preconceituosa e assimilacionista imposta historicamente e culturalmente.

As questões 14 e 15 tem como foco o Projeto “Da Escola para o Mundo” e como as atividades desenvolvidas ajudaram a entender o racismo. Na questão 14, que questiona os estudantes como avaliam o projeto, 26 destes assinalaram a opção “Excelente”. 7 assinalaram a opção “Bom”.

Na questão 15, 30 alunos assinalaram “Sim”, para a pergunta “*Você considera que as atividades desenvolvidas em 2020 e 2021 lhe ajudaram a entender o racismo?*” e 3 alunos assinalaram a alternativa “Não participei”. Estes últimos não mantiveram assiduidade às aulas e, embora inscritos no projeto participando de algumas discussões e atividades, não participaram da produção dos roteiros e das gravações de vídeo.

A questão 16 complementa o bloco de questões que avaliam as atividades desenvolvidas pelo projeto e sua influência na construção de conhecimento sobre racismo nos estudantes. 32 estudantes afirmaram que as ações desenvolvidas no projeto colaboraram para desenvolver conhecimentos de combate ao racismo e 1 aluno respondeu “não”. Ao ser questionado sobre a resposta, o estudante justificou não ter participado da produção dos roteiros e das gravações de vídeo.

Na questão 17, os alunos são questionados sobre o hábito de falar sobre racismo com outras pessoas dentro e fora da escola. Segue abaixo o gráfico que ilustra as respostas dessa questão:

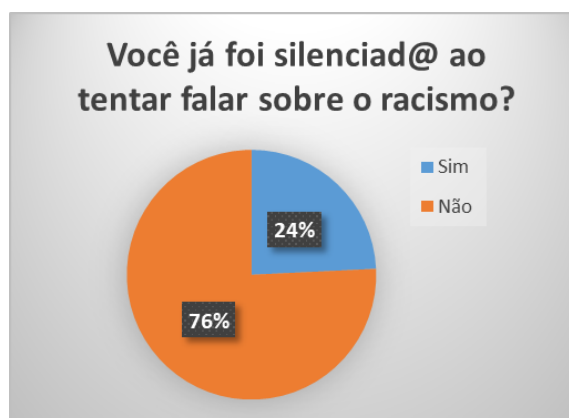
GRÁFICO 04: Questão 17 – Questionário Alunos participantes



FONTE: a própria autora.

Complementando a questão 17, a questão 18 questiona o entrevistado se “*Você já foi silenciad@ ao tentar falar sobre o racismo?*”, segue abaixo o gráfico que ilustra as respostas dessa questão:

GRÁFICO 05: Questão 18 – Questionário Alunos participantes



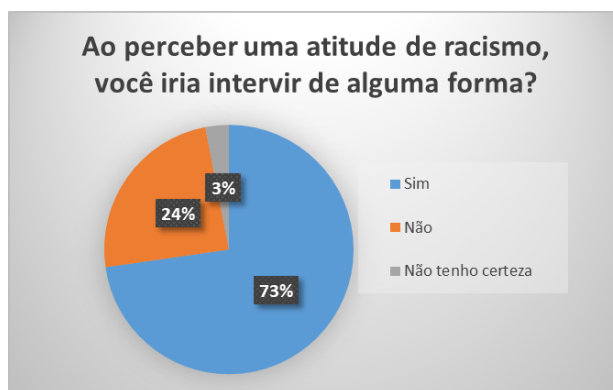
FONTE: a própria autora.

Analisando os gráficos 22 e 23, percebemos que a porcentagem de alunos entrevistados que NÃO foram silenciados quando falam sobre Racismo, compreende a 76% dos alunos entrevistados, mas, se compararmos as informações

da questão 17, onde 64% dos alunos entrevistados não falam sobre o Racismo dentro e fora da escola, percebemos que 64% dos 76% não foram silenciados, portanto, NUNCA falaram sobre o assunto com outras pessoas, o que resulta em apenas 12% dos participante falarem efetivamente sobre o racismo.

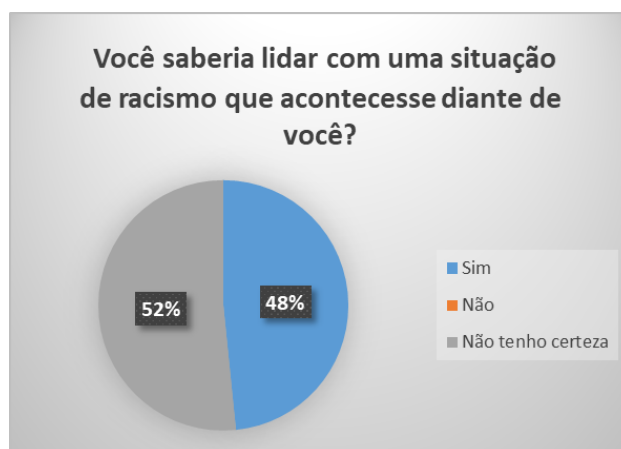
As questões 19 e 20 apresentam um cenário em suas respostas que acabam se complementando, primeiramente vamos observar os gráficos 06 e 07:

GRÁFICO 06: Questão 19 – Questionário Alunos participantes



FONTE: a própria autora

GRÁFICO 07: Questão 20 – Questionário Alunos participantes



FONTE: a própria autora.

Analisando ambos os gráficos acima, percebemos que, na questão 19, 73% dos estudantes interviriam se percebessem alguma atitude racista, o que evidencia o

senso de justiça e o desejo de fazer a diferença. Em contrapartida, na questão 20, 52% dos alunos não têm certeza se sabem lidar diante de uma situação de racismo e 48% afirmam saber como agir. Concluimos que, apesar da iniciativa em querer intervir em uma situação de preconceito, os alunos ainda não estão instrumentalizados para agir de maneira correta.

Na questão 21 perguntamos se os alunos acreditavam que o Projeto “Da escola para o mundo” poderia contribuir com outras pessoas na luta de combate ao racismo. 32 alunos participantes responderam que SIM e apenas 1 aluno respondeu que NÃO (sendo o mesmo que afirmou, na questão 16, que o projeto não contribuiu para o seu conhecimento sobre racismo).

A questão 22 pergunta aos alunos participantes se, na opinião deles, o projeto foi importante e, para as possíveis respostas, havia oito opções de alternativas que poderiam ser assinaladas. Obtivemos a seguinte projeção:

GRÁFICO 08: Questão 22 – Questionário Alunos participantes



FONTE: a própria autora.

Sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento das atividades com os alunos durante o projeto, a questão 23 pergunta aos alunos em qual tipo de aula ele se sente mais motivado a participar e aprender. Como resposta, haviam duas alternativas: a) “Aula Tradicional” e “Aulas mais ativas”. 13 estudantes afirmaram aprender mais com aulas tradicionais e 18 estudantes afirmaram aprender melhor com aulas mais ativas. 1 estudante assinalou os dois modelos de aula.

Pensando na proposta de uma aula mais ativa, a questão 24 questiona os estudantes sobre quais os recursos utilizados em sala de aula que os ajuda a aprender melhor. Segue abaixo o gráfico que representa as respostas para essa questão:

GRÁFICO 09: Questão 24 – Questionário Alunos participantes



FONTE: a própria autora.

A questão 25 questiona os alunos acerca de quais atividades utilizam para se entreter, dentre as opções de respostas já existentes no questionário, tivemos 16 estudantes afirmando que se entretêm assistindo a vídeos em redes sociais, 18 jogam jogos online e digitais, 7 brincam e 4 assistem à televisão. Lembrando que essa questão permitia que mais de uma alternativa poderia ser assinalada e, caso nenhuma opção os representasse, poderiam acrescentar informações. Tivemos o acréscimo das seguintes respostas: 2 alunos dizem que leem para se entreter, 1 aluno disse que joga vôlei e 1 disse assistir a filmes e séries em canal de Streaming.

A questão 26 questiona os alunos sobre qual profissão querem exercer quando se tornarem adultos, alguns colocaram várias opções e selecionamos as principais opções apresentadas. São elas: Advogado, Delegado, Perito Criminal, Juiz, Detetive, Médico, Jogador de futebol, Pesquisador/Cientista, Artista (ator, desenhista...), Psicólogo e Estilista de moda.

Por fim, a questão 27 propõe aos estudantes a escrita de comentários, sugestões ou críticas. Como resposta, obtivemos muitos comentários positivos em relação a proposta do projeto, como:

“Gostei muito desse projeto. Aprendi muita coisa que eu não sabia e aprimorei meu conhecimento em relação ao racismo, que é muito importante”.

“Lutaremos pela igualdade!”

“Eu adorei participar de tudo isso, pois, além de desenvolver a minha criatividade e meu pensamento crítico, eu consegui aprender mais sobre a realidade do mundo”.

“Foi incrível participar. Obrigada pela oportunidade!!”

“Eu achei o projeto incrível e me ajudou a entender mais sobre o assunto e outras pessoas também.”

“Dica: faça divulgações fora da escola”.

Os comentários aqui dispostos, sustentam a proposta do canal “Da Escola para o Mundo” de promover o conhecimento e a conscientização sobre a luta de combate ao racismo.

Questionário 2 - Aplicação do canal com outros estudantes (Apêndice B).

O questionário, produzido por esta professora e pesquisadora e disponível no apêndice B, foi aplicado com 81 alunos de idades entre 9 e 12 anos, que conheceram o canal de YouTube: “Da Escola para o Mundo” e assistiram, coletivamente, 6 vídeos, projetados na televisão da sala de aula.

Esses 81 alunos faziam parte de três salas de aula, sendo uma sala de terceiro ano, a outra do quarto ano e, por fim, uma sala de quinto ano. Todos do Ensino Fundamental e da mesma escola.

Esse questionário foi proposto com o objetivo de avaliar o produto educacional desenvolvido nesta pesquisa. O questionário possui 7 perguntas, sendo 4 perguntas dissertativas (abertas) e 3 perguntas assertivas (fechadas), todas diretas e de fácil compreensão.

Na primeira pergunta, espera-se que os alunos apresentem, em sua opinião, o que é o racismo, apontando exemplos ou termos específicos, como: negro, cor da pele, agressão, violência etc.

Na segunda pergunta, após assistir aos vídeos “O que é racismo?” e “O que é o Dia da Consciência Negra?”, o objetivo era obter, como retorno, respostas dos estudantes de acordo com os conteúdos apresentados nos vídeos do canal, verificando se houve ou não, ampliação de vocabulário ou acréscimo de informações em relação à resposta da questão anterior.

A terceira e quarta pergunta complementam-se. A questão de número quatro será respondida mediante ao que foi assinalado na questão de número três. Ambas perguntas, pautam-se na opinião dos alunos a respeito do canal “Da Escola para o Mundo”, dividindo-as em dois setores: o setor “avaliando o canal”, com a pergunta: “Na sua opinião, qual o nível deste canal? ”, que faz referência ao conteúdo e a forma como este foi elaborado e exposto pelos criadores e participante do canal, e, no segundo setor, avaliando a qualidade da produção, edição e apresentação dos vídeos.

Em ambos os setores havia quatro campos para serem assinalados, sendo eles: RUIM, REGULAR, BOM e ÓTIMO. Caso algum estudante respondesse RUIM ou REGULAR, em qualquer uma das duas perguntas, deveria, na pergunta quatro, justificar sua resposta, citando o motivo pelo qual a assinalou.

A quinta questão, por sua vez, é totalmente assertiva, composta por oito perguntas referentes ao objetivo, conteúdo, produção, divulgação, participação e contribuição do canal “Da escola para o mundo” para a sociedade de modo geral, visando identificar a probabilidade de aplicabilidade dos vídeos em outros contextos, para isso, os alunos respondentes dos questionários deveriam assinalar com um X os campos SIM ou NÃO, para cada uma das oito perguntas ali presente.

A sexta pergunta questiona o interesse dos alunos, buscando identificar quais vídeos do canal mais chamam atenção do público. Para isso, listamos os nomes dos principais vídeos do canal disponíveis até a data de aplicação dos questionários, adicionando a opção “Nenhum vídeo me interessou”. Os estudantes deveriam assinalar a opção com o título do vídeo que, na opinião deles, foi o mais interessante, ou, assinalar a opção “Nenhum vídeo me interessou”. Apenas uma alternativa deveria ser assinalada.

Por fim, a sétima pergunta, onde os estudantes poderiam deixar sugestões, críticas ou comentários em relação ao canal e seu conteúdo.

Todos os estudantes presentes se dispuseram a participar respondendo ao questionário e demonstraram amadurecimento e interesse sobre o tema e sobre a proposta do Canal. Também se sentiram empolgados ao reconhecer alguns estudantes da escola participando dos vídeos.

A primeira aplicação do questionário ocorreu em uma turma de 3º Ano do Ensino Fundamental, com 27 alunos, com idade em torno de 9 e 10 anos.

Como dito anteriormente, a primeira questão era voltada ao conhecimento do conceito de racismo pelas crianças. Obtivemos, com as respostas dos estudantes, as seguintes opiniões sobre o que é racismo: *“falar mal, xingar, falar palavras feias, tratar mal”*. Dessa maneira, é possível perceber falta de conhecimento em relação ao conceito de racismo, apresentando uma visão simplista sobre esse tema.

Tivemos ainda alunos que citaram como resposta *“ofender e machucar por causa da religião”, “xingar por ser diferente”, “enganar a pessoa negra”, “zoação por cor ou personalidade”, “relacionar pessoa negra a pessoa suja”*. Percebemos, neste grupo de alunos, opiniões mais amadurecidas em relação ao primeiro grupo de alunos, além disso, observamos em suas respostas a presença de palavras importantes como *“pessoa negra” “ofender e machucar” “zoação por cor”*, o que nos remete um maior entendimento sobre o conceito de racismo e como práticas violentas existem pelo simples fato de sermos diferentes.

Os demais alunos apresentam uma opinião ainda mais elaborada, entendendo o racismo como uma forma de agressão com as pessoas negras, compreendendo o conceito de raça, entendendo a existência de diversos tons de pele e citando, inclusive, o fato de o racismo estar presente em falas cotidianas e no uso de palavras como *“macaco”*, ofensa proferida a pessoas negras.

Na segunda questão, que tem por objetivo saber o que os alunos aprenderam após assistirem aos vídeos *“O que é Racismo”* e *“O que é o Dia da Consciência Negra”* do canal *“Da Escola para o Mundo”*, os alunos responderam com muita clareza o que foi perguntado, demonstrando assim que puderam amadurecer seus conhecimentos sobre o assunto e demonstraram compreender o conceito de racismo.

Alguns citaram que atitudes racistas podem levar à prisão e que existem leis para isso. Outro destaque nas respostas foi a citação de falas racistas que, muitas

vezes, falamos e não percebemos a sua gravidade. Alguns estudantes até citaram algumas dessas frases, conforme apresentado nos vídeos do canal. Além disso, muitas das respostas apresentavam a importância do “Dia Da Consciência Negra” e sua relação com Zumbi dos Palmares, destacando o dia como algo histórico na sociedade.

Na terceira pergunta, onde os alunos tinham que assinalar uma única opção entre RUIM, REGULAR, BOM e ÓTIMO, sobre o nível do canal, obtivemos quatro respostas para BOM e vinte e três respostas para ÓTIMO, conforme mostra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 10: Porcentagem de alunos que consideram o nível do canal BOM e ÓTIMO (3º ano)

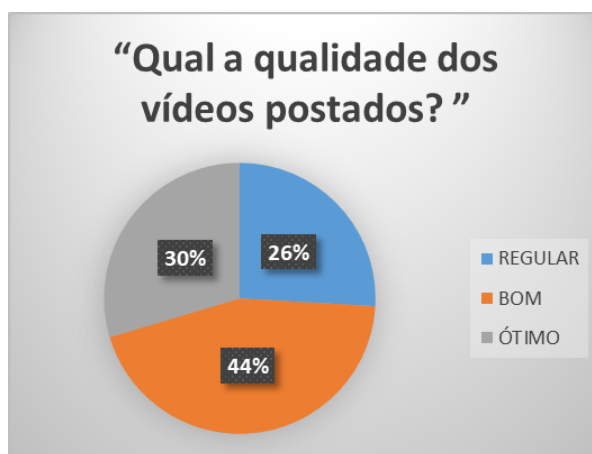


Fonte: A própria autora.

Conforme o gráfico podemos perceber que 15% dos alunos destacaram como BOM o canal e 85% dos alunos o destacaram como ÓTIMO o canal, demonstrando que a maioria gostou do canal.

Na segunda pergunta “Qual a qualidade dos vídeos postados?” Tivemos doze respostas assinaladas como BOM, oito respostas assinaladas como ÓTIMO e sete respostas assinaladas como REGULAR. De acordo com o gráfico abaixo, tivemos uma porcentagem de 44% no item BOM, 30% no item ÓTIMO e 26% no item REGULAR.

GRÁFICO 11: Porcentagem de alunos que consideram a qualidade dos vídeos entre REGULAR, BOM e ÓTIMO. (3º ANO)



Fonte: A própria autora.

Para justificativa a esses 26% que assinalaram REGULAR na questão 3, a questão 4 solicitava o motivo pela escolha e estes citam a qualidade do som dos vídeos como uma justificativa para a sua resposta, segundo eles, algumas falas eram inaudíveis.

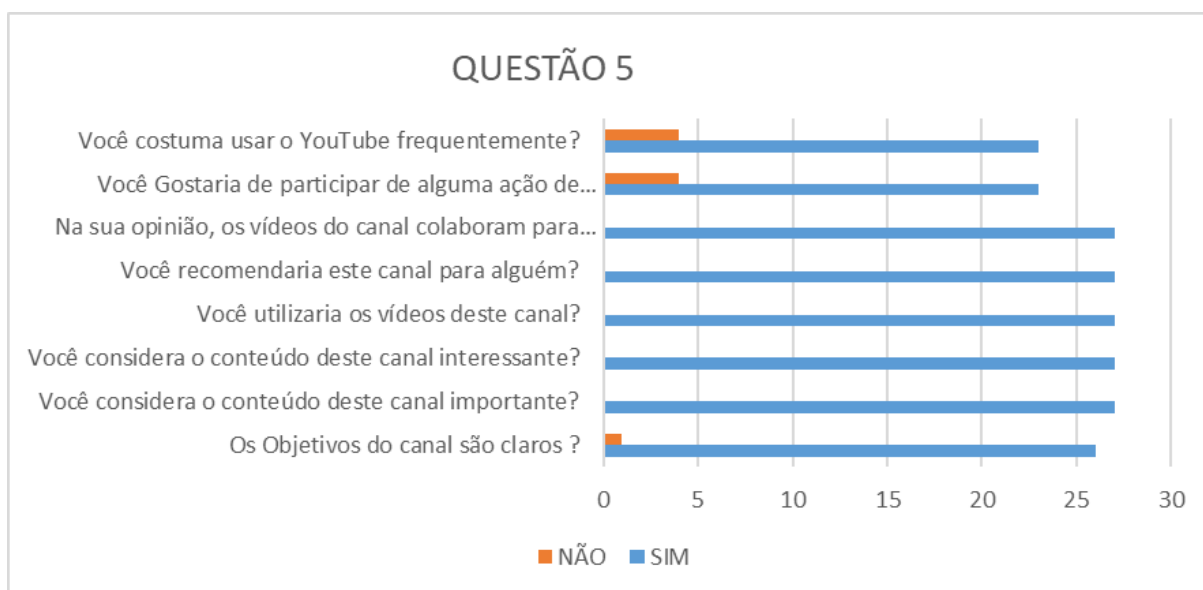
A questão 5, composta por oito perguntas com respostas fechadas entre SIM ou NÃO, no que se refere a essa turma, destacamos três destas:

“*Os objetivos do canal são claros*”, onde dentre os vinte e sete alunos respondentes, um assinalou a opção NÃO, em contrapartida, vinte e seis alunos assinalaram SIM para a mesma pergunta.

“*Você gostaria de participar de alguma ação de produzir vídeos para ensinar outros adultos e crianças?*”. Quatro alunos assinalaram NÃO enquanto vinte e três assinalaram SIM.

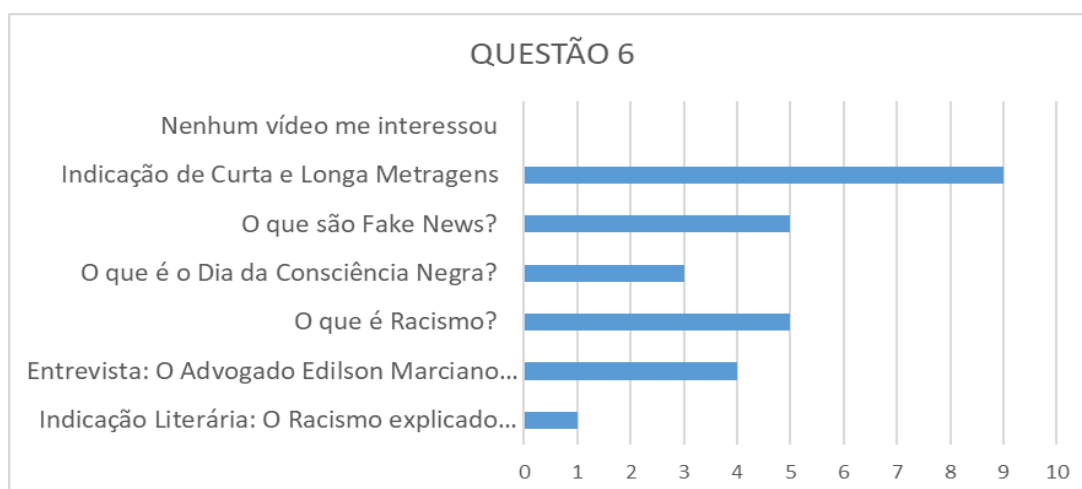
“*Você costuma usar o YouTube frequentemente?*”. Mais uma vez, quatro estudantes assinalaram NÃO enquanto vinte e três assinalaram SIM.

Para as demais perguntas, obtivemos unanimidade na alternativa SIM, conforme apresentado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 12: Questão 5 (3º ANO)

Fonte: A própria autora.

A questão 6 pergunta, na opinião dos estudantes, qual vídeo do canal é mais interessante. Seis títulos foram listados e os respondentes escolheram uma alternativa. Abaixo, segue o gráfico com os resultados obtidos.

GRÁFICO 13: Questão 6 (3º ANO)

Fonte: A própria autora.

De acordo com o gráfico, é possível perceber que os estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental se interessaram, principalmente, pelo vídeo que faz indicações

de curtas e longas-metragens de categoria infanto-juvenil, seguidos dos vídeos “O que são *Fake News*” e “O que é racismo”.

Por fim, temos a última questão aberta para que os alunos apresentem seus comentários, sugestões ou críticas. Algumas respostas ganharam destaque:

“Melhorar o som dos vídeos”.

“Tem que colocar mais vídeos”.

“Poderiam fazer um vídeo sobre agressão, empatia e o que é democracia”.

“Foi um pouco difícil de entender os vídeos, mas gostei”.

Na resposta *“Poderiam fazer um vídeo sobre agressão, empatia e o que é democracia”*, percebe-se que o estudante recorreu ao tema “democracia”, discutido em sala de aula no mês anterior ao mês de aplicação deste questionário.

A próxima sala a ser aqui analisada é o 4º ano do Ensino Fundamental, com 29 alunos de idade entre 10 e 11 anos.

Para a primeira questão, temos um comportamento divisível entre as respostas, onde mais da metade destas relaciona o racismo à cor da pele, ao falar mal do cabelo de outra pessoa e se a pessoa é gorda ou magra.

Analisando essas respostas, percebemos que este grupo de os alunos tem consciência de que o racismo está relacionado ao preconceito por causa da cor da pele e falam que é algo ruim, mas, em nenhum momento, citam que racismo é um “preconceito contra negros”.

Os demais estudantes relacionam o racismo ao preconceito com a negritude, em suas palavras, citam “maltrato” e “violência”. Também apresentam o fato de os negros serem presos apenas por serem negros. Esse grupo de alunos, em relação ao outro grupo, apresentou maior consciência ao relacionar o preconceito, racismo e pessoas negras.

É possível identificar que os estudantes do 4º ano, de modo geral, apresentavam concepções equivocadas e simplistas em relação ao conceito de racismo.

Na segunda pergunta, a turma do 4º ano demonstrou mais compreensão e respondeu com mais detalhes em comparativo às respostas do terceiro ano correspondentes à mesma questão. Obtivemos como resposta que o racismo é crime passível de prisão, que a sociedade em geral utiliza falas racistas e muitos utilizam o conceito de racismo, apresentado no vídeo “O que é o Racismo” do canal “Da Escola para o mundo”. Na resposta, afirmam que *“racismo é um sistema que*

acredita na hierarquia das raças” e, por fim, traz com grande importância a existência do Dia da Consciência Negra.

Na questão três, para a pergunta *“Na sua opinião, qual o nível deste canal?”*, tivemos a opção BOM assinalada em seis questionários e a opção ÓTIMO em vinte três questionários.

Conforme o gráfico abaixo, podemos perceber que 21% dos alunos destacaram o canal “Da escola para o mundo” como BOM e 79% o destacaram como ÓTIMO. Mais uma vez, percebe-se que os estudantes ficaram empolgados em conhecer o canal.

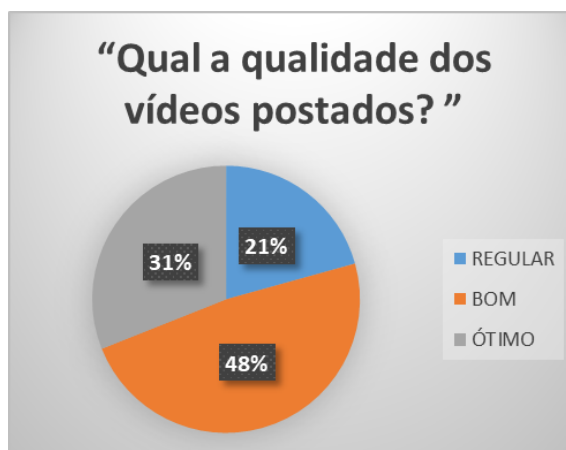
GRÁFICO 14: Porcentagem de alunos que consideram o nível do canal BOM e ÓTIMO (4º ANO)



Fonte: A própria autora.

Na pergunta *“Qual a qualidade dos vídeos postados?”*, tivemos quatorze respostas assinaladas como BOM, nove respostas assinaladas como ÓTIMO e seis respostas assinaladas como REGULAR, conforme o gráfico abaixo apresenta. 48% dos estudantes consideram como BOA a qualidade dos vídeos, 31% a consideram ÓTIMA e 21% a consideram REGULAR.

GRÁFICO 15: Porcentagem de alunos que consideram a qualidade dos vídeos entre REGULAR, BOM e ÓTIMO. (4º ANO)



Fonte: A própria autora.

Para justificativa a esses 21% que assinalaram REGULAR na questão 3, a questão 4 questionava o motivo para essa escolha. Os alunos que assinalaram REGULAR, citam, mais uma vez, a baixa qualidade no áudio dos vídeos e um estudante afirmou que os vídeos estavam "travando". Sobre essa última justificativa, os vídeos "travavam" devido à qualidade da internet utilizada para a reprodução. O vídeo "O que é racismo" também apresenta uma imagem "mais travada", pois foi gravado durante uma aula online, dependendo da internet particular dos participantes.

Nas perguntas que estão inseridas na questão de número 5 do questionário, destacamos quatro onde a opção NÃO foi assinalada, são elas:

"Você considera o conteúdo deste canal interessante?" Um aluno assinalou NÃO como resposta.

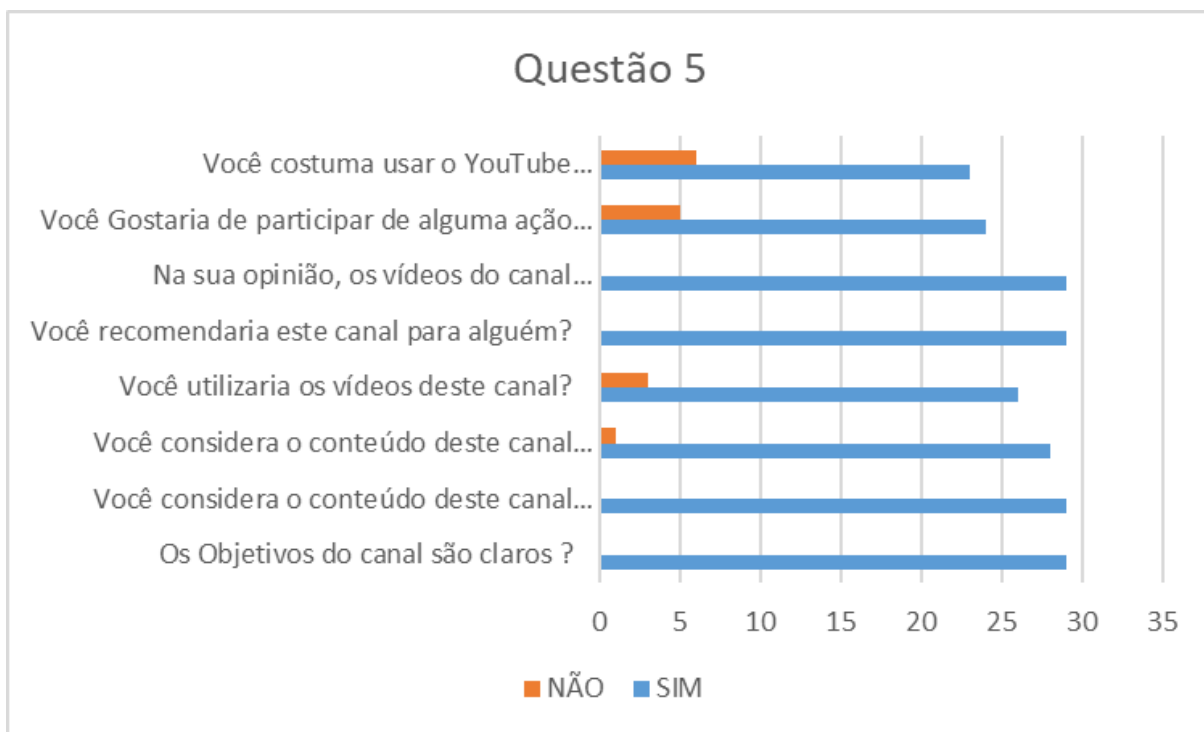
"Você utilizaria os vídeos deste Canal?" Três alunos assinalaram NÃO como resposta.

"Você gostaria de participar de alguma ação de produzir vídeos para ensinar outras crianças e adultos?" Cinco alunos assinalaram a alternativa NÃO como resposta.

"Você costuma usar o YouTube frequentemente?" Seis alunos assinalaram a opção NÃO.

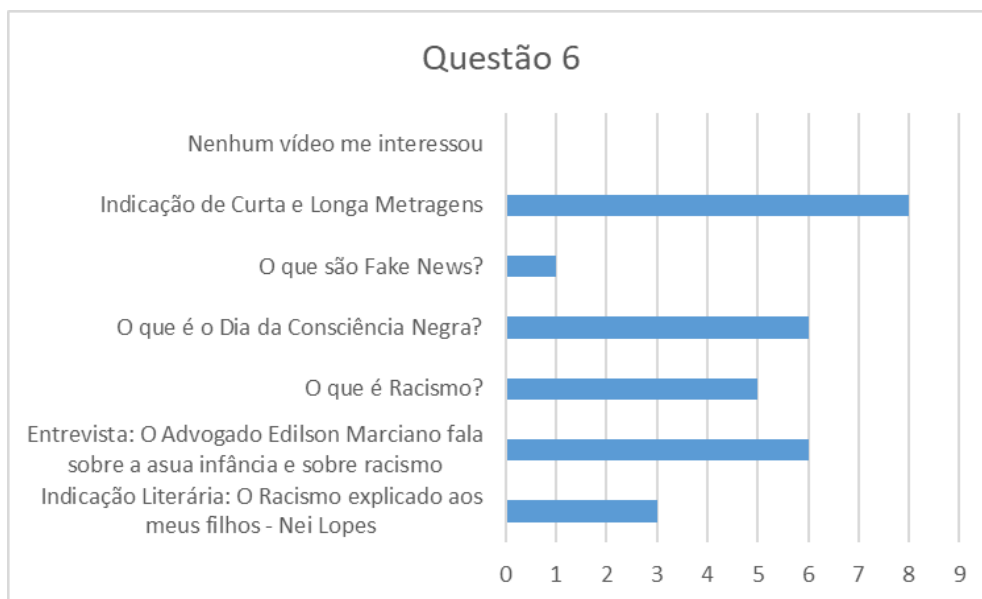
Para as demais perguntas, tivemos unanimidade na opção SIM como resposta. Segue abaixo o gráfico que ilustra essa análise.

GRÁFICO 16: Questão 5 (4º ANO)



Fonte: A própria autora.

Na questão 6, onde investiga-se qual vídeo mais interessou os estudantes, novamente o vídeo “Indicação de Curtas e longas-metragens” ganha a disputa, seguido dos vídeos “O que é o dia da Consciência Negra” e “Entrevista: O advogado Edilson Marciano fala sobre a sua infância e sobre racismo”, conforme ilustra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 17: Questão 6 (4º ANO)

Fonte: A própria autora.

Na questão de número 7, tivemos destaque para um grande número de respostas afirmando a importância do conteúdo do canal, sugerindo a produção de vídeos com outros assuntos como Xenofobia e Machismo. Alguns estudantes também criticaram a qualidade do áudio dos vídeos.

De acordo com essa análise, foi possível perceber que os estudantes do 4º ano apresentaram mais críticas à qualidade dos vídeos do canal e à aplicabilidade deles, demonstrando mais maturidade em comparação à turma do 3º ano. Além disso, essa turma também foi capaz de utilizar, na íntegra, informações apresentadas pelos vídeos.

Por último, uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental participou desta etapa da pesquisa. No total, 25 alunos com idade entre 11 e 12 anos responderam ao questionário de validação do produto educacional.

Neste caso, percebe-se logo na questão 1, respostas mais assertivas voltadas às diferenças entre pessoas brancas e negras. Os estudantes citam o fato de “*peessoas brancas zombarem das pessoas negras*”, e quase todos os alunos citam a violência e o preconceito com as pessoas negras, a tentativa de exclusão delas na sociedade, humilhação e discriminação.

Essa turma, ao contrário das anteriores, trouxe a ideia de domínio em “*pessoas que querem dominar as outras*”, diferentemente das demais turmas como o terceiro ano, onde obtivemos respostas relacionadas a ofensas e *bullying*.

Na segunda pergunta do questionário que envolve os vídeos “O que é racismo” e “O que é o Dia da Consciência Negra? ”, os alunos também utilizaram termos e expressões apresentados pelos vídeos para construírem suas respostas, dando ênfase à utilização de vocabulário racista e a celebração à luta de Zumbi dos Palmares, lembrada no dia da Consciência Negra, muito semelhante às respostas apresentadas pela turma do 4º ano.

Na questão de número 3, para a pergunta “*Na sua opinião, qual o nível deste canal?* ” Tivemos a alternativa BOM assinalada em oito questionários e ÓTIMO em dezessete questionários.

Conforme demonstra o gráfico abaixo, podemos perceber que 32% dos alunos destacaram o nível do canal como BOM e 68% dos alunos destacaram-no como ÓTIMO, novamente evidenciando o sentimento positivo em relação ao canal.

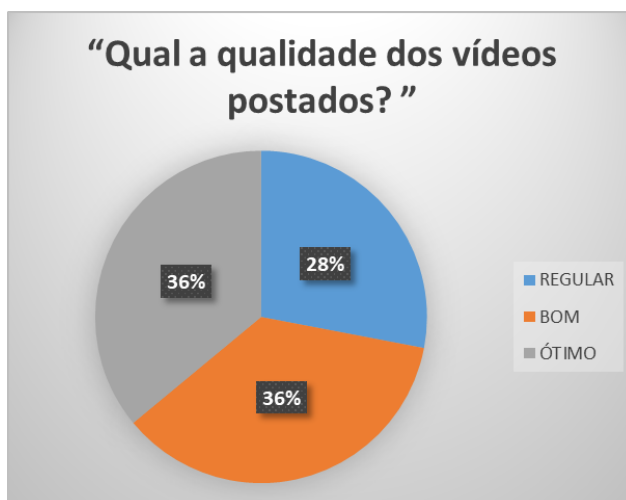
GRÁFICO 18: Porcentagem de alunos que consideram o nível do canal BOM e ÓTIMO (5º ANO)



Fonte: A própria autora.

Na pergunta “*Qual a qualidade dos vídeos postados?*”. Nove respostas assinalaram como BOM, nove respostas assinalaram como ÓTIMO e sete respostas assinalaram como REGULAR. O gráfico abaixo apresenta uma porcentagem de 36% no item BOM, 36% no item ÓTIMO e 28% no item REGULAR.

GRÁFICO 19: Porcentagem de alunos que consideram a qualidade dos vídeos entre REGULAR, BOM e ÓTIMO. (5º ANO)



Fonte: A própria autora.

Os 28% que assinalaram o item REGULAR, citaram o áudio dos vídeos como um fator negativo.

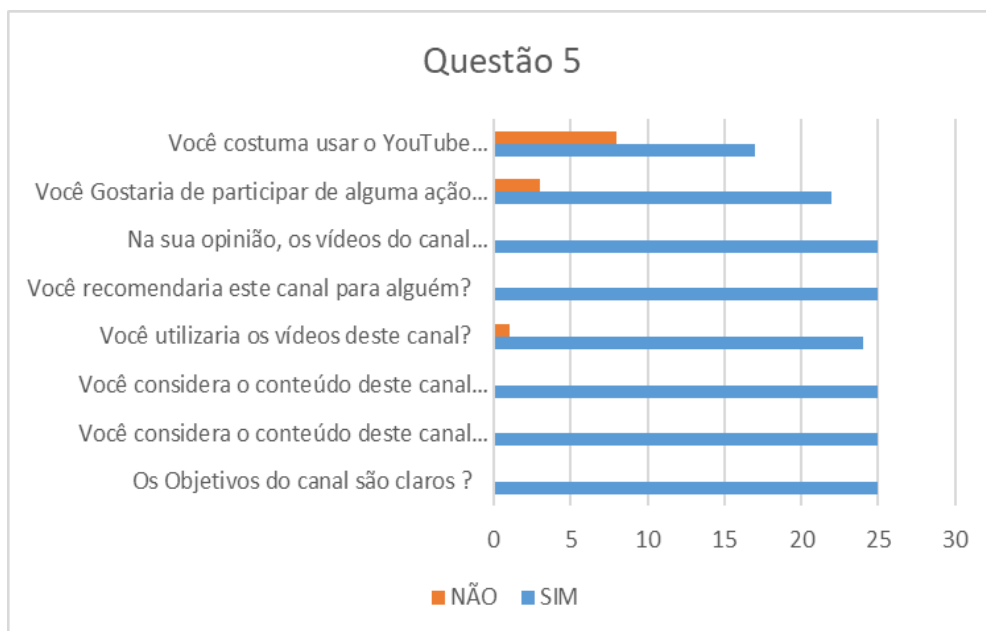
Nas perguntas que estão inseridas na questão de número 5 do questionário, destacam-se três perguntas que tiveram a opção NÃO assinaladas, são elas:

“Você utilizaria os vídeos deste canal?”. Um aluno assinalou NÃO como resposta.

“Você gostaria de participar de alguma ação de produzir vídeos para ensinar outras crianças e adultos?”. Três alunos assinalaram NÃO como resposta.

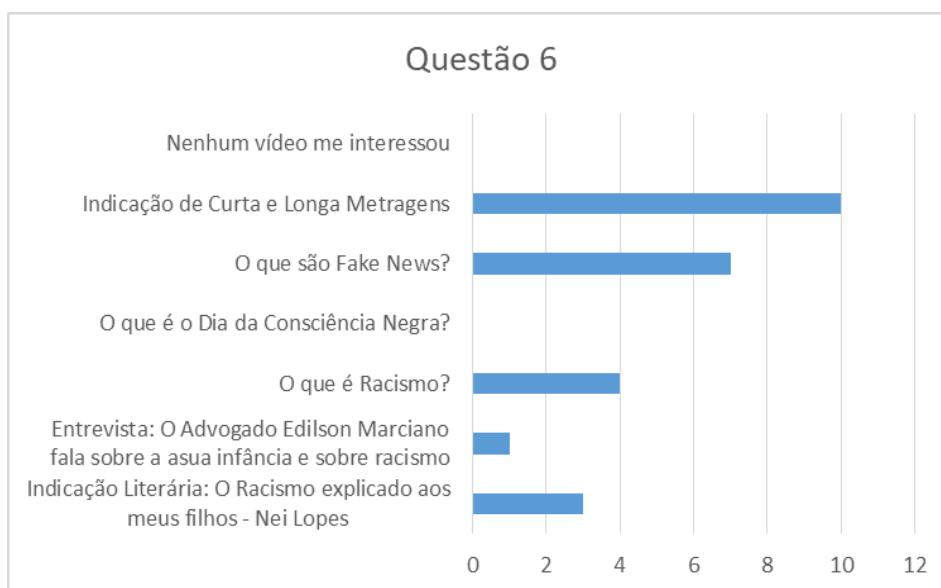
“Você costuma usar o Youtube frequentemente?”. Oito alunos assinalaram NÃO como resposta.

Nas demais perguntas, tivemos unanimidade na opção SIM em suas respostas. Segue abaixo o gráfico que representa essa questão.

GRÁFICO 20: Questão 5 (5º ANO)

Fonte: A própria autora.

Na questão de número 6, dos seis títulos de vídeo listados, o que mais chamou a atenção dos estudantes foi o vídeo “Indicação de curtas e longas-metragens”, assim como nas demais turmas, seguida da preferência pelo vídeo “O que são *Fake News*? ”. Diferente das outras turmas, um vídeo não recebeu nenhum voto (O que é o Dia da Consciência Negra). Veja os resultados obtidos apresentados no gráfico.

GRÁFICO 21: Questão 6 (5º Ano)

Fonte: A própria autora.

Na questão 7, a turma do 5º ano elogiou o canal e os vídeos postados, sugerindo que mais vídeos fossem produzidos para o canal, com outros temas.

Nossa proposta com a criação do canal, foi explorar o tema “racismo” e utilizar recursos tecnológicos e digitais como divulgação do mesmo, com linguagem acessível para diversos públicos, mas, principalmente, para crianças e adolescentes de idades entre 09 e 12 anos.

Os vídeos foram produzidos de forma amadora, utilizando o celular para gravar em ambientes da escola e da casa dos estudantes participantes que, engajados nas atividades propostas, produziram vídeos enquanto estavam em quarentena, devido a pandemia do COVID-19.

Nas 2 primeiras questões dissertativas, especificamente sobre o que entendiam sobre racismo, e o que aprenderam depois de assistirem os vídeos, quando comparamos as respostas das três salas, observamos que as respostas são mais elaboradas em função da idade crescente, o que é esperado. Mostramos no quadro 9, três respostas escolhidas aleatoriamente para cada ano.

QUADRO 9- Respostas de 3 alunos por ano para questão 1

Respostas	Terceiro ano	Quarto ano	Quinto ano
1	É uma pessoa que xinga a outra, falar mal do outro.	É insultar ou julgar uma pessoa pela cor da pele	Racismo é uma violência com os negros.
2	Pra mim é o homem bater na mulher/ agredir a mulher.	É quando o branco acha ser mais poderoso que o negro por causa da cor da pele.	É o preconceito com pessoas de outras raças, se achando superior e tenta dominá-los.
3	É quando alguém engana a outra, com as pessoas negras.	Racismo é não respeitar a cor da pele negra.	Racismo é quando as pessoas humilham e batem na outra pela sua cor e tentam dominar a sua raça.

Fonte: A própria autora.

Um fator muito importante a destacar é a qualidade dos vídeos produzidos. Alguns estudantes pontuaram a dificuldade em compreender o áudio em determinados momentos e comentaram sobre as imagens que “travam” em alguns momentos devido à baixa qualidade da internet.

Portanto, para aprimorar o produto educacional a fim de que seu uso seja efetivo e contribua para a aprendizagem e engajamento dos estudantes, será necessário utilizar recursos e estratégias capazes de sanar estas dificuldades.

A seguir, no capítulo 5, apresentamos o produto educacional, o canal de YouTube “Da escola para o mundo”.

5. O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional “Da Escola para o Mundo” é um canal no YouTube totalmente protagonizado por estudantes na faixa etária entre 10 e 11 anos de idade que expressaram grande senso de justiça após a repercussão mundial do movimento “Vidas Negras Importam” em 2020.

Percebemos que todo o interesse demonstrado por eles era uma oportunidade para concretizar valores éticos e morais, possibilitando momentos de escuta, de expressão, de criatividade e de criticidade, bem como o reconhecimento de si e dos demais frente a desigualdade racial e social, promovendo o letramento digital.

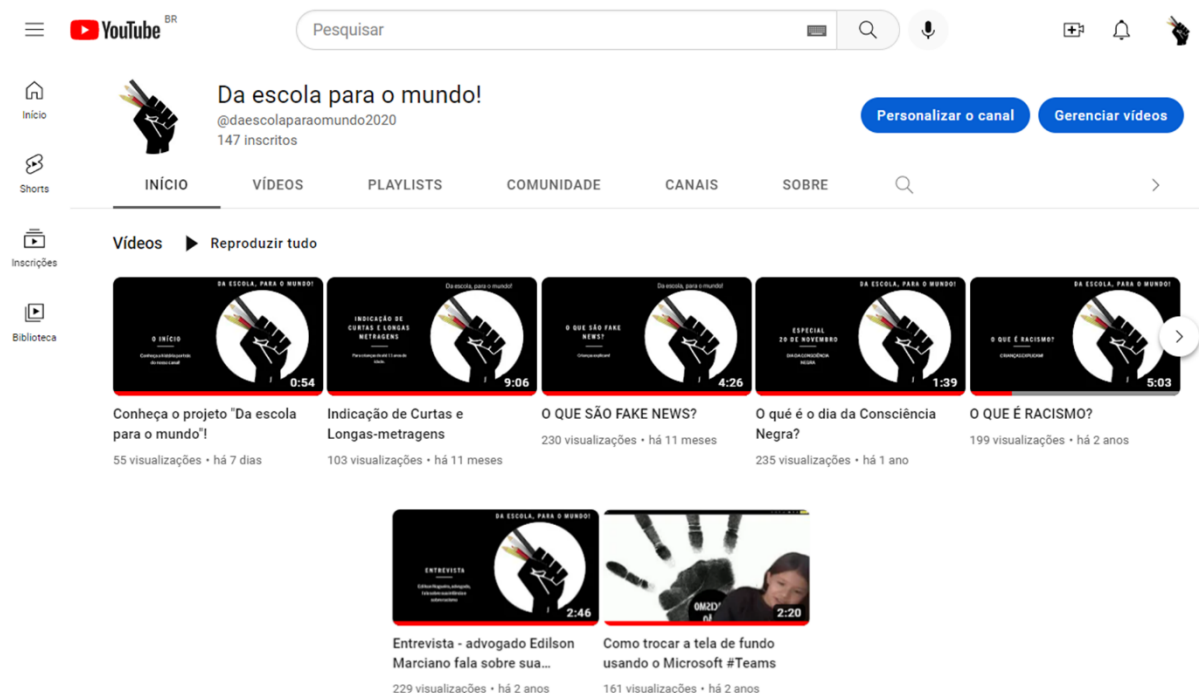
O objetivo é contribuir para a desconstrução do racismo por meio da geração e compartilhamento de conteúdo informativo produzido e editado por estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. Assim como Hooks (2020) afirmou:

Minha principal intenção como professora é criar uma comunidade aberta de aprendizagem, onde estudantes possam aprender a ser pensadores críticos capazes de compreender e reagir ao material que estivermos estudando juntos (HOOKS, 2020, p. 58).

Optamos pelo uso do YouTube por ser uma importante ferramenta midiática, muito acessada pelos alunos e que dispõe de facilidade para fazer uploads e compartilhamento de vídeos, buscando criar uma rede aberta, ativa e democrática de aprendizagem para além dos muros da escola, onde os estudantes pudessem ser produtores de conteúdo de qualidade e não apenas consumidores.

Abaixo, na figura 19, mostramos o layout do canal para os visitantes que o acessarem.

FIGURA 19 - Layout do Canal “Da escola para o Mundo”



Fonte: <https://www.youtube.com/@daescolaparaomundo2020/about>

Os visitantes, ao acessar o canal e clicar na aba “SOBRE”, terão acesso à seguinte descrição apresentada na figura a seguir:

FIGURA 20 – Seção “Sobre” – Descrição do Canal



Fonte: <https://www.youtube.com/@daescolaparaomundo2020/about>

O canal consta, atualmente, com 8 vídeos produzidos e editados por estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental conforme mostra o quadro abaixo:

QUADRO 10 - Vídeos Disponíveis no Canal “Da Escola para o Mundo”

Vídeo	Título	Descrição	Link de acesso
1	Como trocar a tela de fundo usando o Microsoft #Teams	Tutorial de como trocar a tela de fundo usando o Microsoft Teams	https://youtu.be/e12UZ7JF4rw
2	Indicação literária: "O racismo explicado aos meus filhos" de Nei Lopes	Conheça um pouco sobre o livro "O racismo explicado aos meus filhos" de Nei Lopes que é compositor, cantor, escritor e estudioso de culturas africanas.	https://youtu.be/cZoM_Vecnhw
3	Entrevista - o advogado Edilson Marciano fala sobre sua infância e sobre racismo.	Entrevista com o advogado bauruense Edilson Nogueira Marciano sobre sua infância na escola SESI Bauru e sobre racismo.	https://youtu.be/vf0lv8zgLT0
4	O QUE É RACISMO?	Neste vídeo você aprenderá o que é o racismo. Não basta não ser racista. Precisamos ser antirracistas!	https://youtu.be/M-1fhSf2jWY
5	O que é o dia da Consciência Negra?	Crianças do 5º ano explicam o que é o Dia da Consciência Negra.	https://youtu.be/-azl20Z3K20
6	O QUE SÃO FAKE NEWS?	Neste vídeo, crianças explicam o que são Fake News, quais as consequências de compartilhá-las e dão dicas de como identificá-las. Assista, curta e compartilhe!! Faça este vídeo sair da escola e ir para o mundo!!!	https://youtu.be/eZG_4jcW3wk
7	Indicação de Curtas e Longas-metragens	Neste vídeo, crianças dão dicas de filmes que, além de entreter, também ensinam!	https://youtu.be/yOWYEc3SC5o
8	Conheça o projeto "Da escola para o mundo"!	Assista ao vídeo e conheça a história por trás do nosso Canal. Venha desconstruir com a gente!	https://youtu.be/AKYp75rZdSo

Fonte: A própria autora.

Todos os vídeos abordam conteúdos voltados à desconstrução do racismo e são frutos de um processo de aprendizagem, assim como demonstramos no capítulo “Desenvolvimento e etapas da pesquisa”.

A seguir, apresentamos as considerações finais desta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artefato pedagógico e digital foi desenvolvido a partir da necessidade identificada pela professora/pesquisadora responsável por esta pesquisa de mestrado, em construir um produto tecnológico e digital de fácil acessibilidade, onde os estudantes pudessem apresentar e compartilhar suas aprendizagens, produzindo conteúdo de qualidade em vez de apenas consumir, contribuindo para o desenvolvimento de valores e atitudes antirracistas.

Participaram da construção do produto educacional entre os anos de 2020 e 2021, 44 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que, motivados pelo contexto histórico e social, escolheram criar e participar de um projeto sobre racismo mediado pela professora/pesquisadora que avaliou e monitorou todo o processo.

A pesquisa aconteceu em 5 etapas: a construção do Canvas do projeto, ações, os vídeos do canal “Da escola para o mundo”, o projeto em 2021 e questionários para avaliação do produto.

Após identificação/escolha do tema “racismo” pelos próprios alunos, definimos os objetivos do projeto e a mídia para a divulgação do produto: o YouTube. Os estudantes foram sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento sobre a História do Brasil por meio de uma abordagem crítica, desenvolvida pelo trabalho colaborativo e o resultado foi a produção de 8 vídeos informativos que abordam a temática, visando contribuir para a desconstrução do racismo.

Observamos que os estudantes se engajaram intelectualmente durante a proposta, apresentando ideias, fazendo pesquisas e selecionando materiais de apoio, sendo capazes, ao final do processo, de identificar situações de racismo inclusive dentro de suas casas, proporcionando o desenvolvimento da criticidade e da reflexão, acarretando na mudança de comportamentos que naturalizam e perpetuam o racismo.

Durante o processo, identificamos entre os estudantes que o racismo é presente no cotidiano deles, mas há escassez de ações de combate e, embora tenham senso de justiça, faltam-lhes instrução de como agir adequadamente em situações de preconceito e discriminação. Ao realizarem uma autoavaliação, relataram que os aspectos mais significativos para a aprendizagem foram: compreender o conceito de racismo; conhecer a História do Brasil e a influência negra na formação da identidade da nação e identificar formas eficazes de combate

ao racismo, como práticas educativas e políticas públicas. Ademais, consideraram que a criatividade foi a habilidade mais desenvolvida durante as atividades.

Mesmo após o desenvolvimento das ações, a escravização ainda é o assunto que mais marca a história do povo negro de acordo com as respostas dos estudantes participantes desta pesquisa, demonstrando que não basta apenas a existência da lei 10.639/2003 para que o ensino de História e Cultura afro-brasileira na educação básica, pública e privada aconteça de fato. É preciso investir na formação inicial e continuada dos professores.

Ferreira (2012), afirma que um professor pode transmitir diversas mensagens ocultas a seus alunos e, por isso, é preciso investir em uma formação docente adequada e de longo prazo, que proponha discussão e reflexão sobre as práticas pedagógicas empregadas, instrumentalizando os profissionais para combater o racismo de fato, portanto, embora o produto não seja direcionado aos professores, ele pode contribuir com suas práticas pedagógicas, visando o combate de outros preconceitos em diferentes contextos, como no caso de populações ribeirinhas e indígenas, por exemplo, uma vez que o papel da educação é transformar a sociedade, diminuindo as desigualdades.

Utilizamos o círculo de cultura (FREIRE, 1991) como fundamento para ações desenvolvidas com o objetivo de problematizar a realidade e refletir sobre as relações que a compõem. As metodologias ativas “Aprendizagem Baseada em Projetos” e o trabalho com grupos colaborativos, foram privilegiadas para a promoção de uma educação com princípios antirracistas, em que todos os integrantes compartilham decisões e se responsabilizam pela qualidade de suas produções (PARRILA, 1996, apud ARNAIZ et al, 1999).

De acordo com Colaço (2004), o trabalho colaborativo favorece a socialização, controle de impulsos agressivos, a empatia, a aquisição de habilidades e competências e aumento no nível de aspiração escolar.

Após o desenvolvimento das etapas da pesquisa, o processo de elaboração e aplicação do produto educacional e a análise dos resultados obtidos pelos questionários, bem como a avaliação do produto, observamos que os seguintes itens foram contemplados:

1. Engajamento intelectual dos alunos.
2. Aprendizagens disciplinares (de forma ativa e colaborativa com pares): língua portuguesa - ampliação de vocabulário, gêneros textuais; ciências humanas -

história do Brasil (contextualização e consequências atuais, reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira).

3. Alunos como produtores de conteúdo relevante em formato digital.
4. Desenvolvimento de habilidades e competências: autonomia, empatia, criatividade, oralidade, colaboração, pensamento crítico.
5. Promoção do letramento digital para cidadania crítica.
6. Reflexão sobre atitudes próprias, de pessoas próximas e mudança de comportamento/ações.

O artefato pedagógico digital produzido com os estudantes, foi considerado como uma importante ferramenta da educação antirracista, pois reconhece o problema racial na sociedade, busca por reflexão no cotidiano escolar, repudia atitudes preconceituosas, valoriza a diversidade e encoraja a participação de todos, ensinando uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a nação brasileira (CAVALLEIRO, 2001).

Mesmo após o encerramento desta pesquisa, continuaremos a produzir vídeos com outras turmas de 5º ano para postagem no canal “Da Escola para o Mundo”, uma vez que o conteúdo programático é o mesmo. Além disso, crianças nesta idade são curiosas e se interessam por assuntos relacionados à sociedade, comportamentos que favorecem o diálogo e a problematização. Outra ação (que já está em andamento), é o oferecimento de oficinas sobre a temática a estudantes em outros contextos, além do âmbito escolar. Uma hipótese futura para pesquisa é pensar a construção de espaços virtuais e digitais que contribuam para a formação permanente de professores.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. **Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo**. NOVOS ESTUDOS, Edição 43 - Volume 3. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203942/mod_resource/content/1/Adorno.pdf> Acesso em: 06 out. 2022.
- ALMEIDA, Í. D. SILVA, J.C.B. JUNIOR, A. S. BORGES, L. M. Tecnologias e Educação: o uso do YOUTUBE na sala de aula. **Anais CONEDU** - II Congresso Nacional da Educação. Campina Grande, 2015.
- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALTINO, Lucas. IBGE: População autodeclarada preta cresce 32,4% no Brasil, em 10 anos. **O globo. Jornal Nacional**, São Paulo, 22/07/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/07/ibge-populacao-autodeclarada-preta-cresce-324percent-no-brasil-em-10-anos.ghtml>> Acesso em: 09 out. 2022.
- ANDRADE, Ana Paula; OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Os currículos na compreensão da educação como direito humano: dignidade e cidadania na reflexão ação curricular**. Revista Teias, v. 22, n. especial. out/dez, 2021.
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, 2021. ISSN 1983-7364 ano 15. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>> Acesso em: 05 out. 2022.
- ARNAIZ, P. et al. **Trabajo colaborativo entre profesores y atención a la diversidad. Comunidad Educativa**, n. 262, p. 29-35, 1999.
- ARRUDAS, M. **O que significa Design Thinking?**. AUSPIN - Agência USP de Inovação, 2020. Disponível em: <<http://www.inovacao.usp.br/o-que-significa-design-thinking/>> Acesso em: 13 nov. 2022.
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BACICH, L; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BENDER, W. N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.
- BETIM, Felipe. O Brasil é mais racista que os Estados Unidos?. **EL PAÍS**, São Paulo - 19 NOV 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-19/o-brasil-e-mais-racista-que-os-estados-unidos.html>> Acesso em: 04 out. 2022.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLSANELLO, M. A. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira**. Educar em Revista, Curitiba, n. 12, p. 153-165, dez. 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.166>> Acesso em: 19 mar. 2021.

BORIN, Ivan. **Análise dos processos penais de furto e roubo na comarca de São Paulo**. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado – Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-25052007-155007/pt-br.php>> Acesso em: 05 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 2 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 7.716 de 1989**, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília- DF, 1989. Diário Oficial da União - Seção 1 de 06/01/1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848**, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR); CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**, v. 150, n. 112, 2013.

BRASIL. **Parecer 03/2004 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem. **Agência IBGE NOTÍCIAS**. Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdade-raciais-e-por-regiao-persistem>> Acesso em: 31 ago. 2022.

BURGESS, Jean. GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução de Ricardo Giasseti. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMARGO, Isadora; ESTEVANIM, Mayanna; SILVEIRA, Stefanie C. da. Cultura participativa e convergente: o cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais. **Revista Comunicare**. Volume 17 - Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero. 2017. p. 96-118. Disponível em:

<https://bit.ly/2Rmaj3M>. Acesso em: 14 out. 2017.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CAMPOS, Lorraine Vilela. "O que são Fake News?"; **Brasil Escola**, 2021.

Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em 15 dez. 2022.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, abr. 2008. Disponível em: <http://ref.scielo.org/ym65bf>. Acesso em: 9 abr. 2021.

CARVALHO, A. M. P. & GONÇALVES, M. E. R. **Formação continuada de professores: o vídeo como tecnologia facilitadora da reflexão**. Cadernos de Pesquisa, dez. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/HSH7bbxzspTwyHrL7d3PYkj/abstract/?lang=pt> Acesso em 10 fev. 2021.

CASAGRANDE. E. Top 100 sites mais acessados no Brasil [Edição 2022]. **Semrush Blog**. 24 de out. de 2022. Disponível em: <

<https://pt.semrush.com/blog/top-100-sites-mais-visitados/>> Acesso em 02/01/2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: _____. (Ed.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-60.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COHEN, E.G.; LOTAN, R. A. **Planejando o Trabalho em Grupo**. Porto Alegre: Penso, 2017.

COLAÇO, Janize. Entenda o conceito de design thinking e como utilizá-lo nos mais diferentes contextos. **NA PRÁTICA.ORG**. Fundação Estudar. Disponível em: <
<https://www.napratica.org.br/design-thinking-o-que-como-funciona/#:~:text=Como%20o%20design%20thinking%20surgiu,conhecidas%20do%20Vale%20do%20Sil%C3%ADcio> > Acesso em: 12 nov. 2022

COLAÇO, V. de F. R. **Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 333-340, 2004.

CRUZ, Cintia. A cada quatro horas, uma pessoa negra é morta em ações policiais. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 14/12/2021. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/rio/a-cada-quatro-horas-uma-pessoa-negra-morta-em-acoes-policiais-1-25318040> > Acesso em: 05 out. 2022.

DANTAS, V. L.; LINHARES, A. M B. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de educação popular em saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014. 224 p. : il.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 1976.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. MARCIONILO, M. (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1964. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

EDUCAMÍDIA – **INSTITUTO PALAVRA ABERTA**. Disponível em: <<https://educamidia.org.br/>> Acesso em: 18 nov. 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores**. Relações Raciais e educação: dez anos de estudos e pesquisas na UFMT. Revista Educação Pública, Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 275-288, maio/ago.2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/3037509/Educa%C3%A7%C3%A3o_antirracista_e_pr%C3%A1ticas_em_sala_de_aula_uma_quest%C3%A3o_de_forma%C3%A7%C3%A3o_de_professores_Antiracist_education_and_practice_in_the_classroom_a_matter_of_teachers_education_2012> Acesso em 10 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3ª

GAVASSA, R. C. F. B. A produção de mídia na escola: espaços de colaboração. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Caudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções**. ABPEducom, setembro 1, 2016. Disponível em: <<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/13/17/553-1>> Acesso em: 20 out. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOBINEAU, A. de. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. In: GOBINEAU, A.

de. *Œuvres*: tome I. Paris: Gallimard, 1983a. p. 133-1174.

GOMES, P. Conheça as competências para o século XXI. In: **PORVIR**, 2012. Disponível em: <https://porvir.org/conheca-competicencias-para-seculo-21/> Acesso em 22 ago. 2020.

GRAY, D. Empathy Map. **Game storming**. 2009. Disponível em: <https://gamestorming.com/empathy-map/> > Acesso em: 13 nov. 2022.

HEAVEY, Susan. REUTERS, Steve Gorman. Protestos 'Vidas Negras Importam' alcançam nova dimensão nos Estados Unidos. **CNN**, Washington, 07 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/protestos-vidas-negras-importam-alcancam-nova-dimensao-nos-estados-unidos/> Acesso em: 04 out. 2022.

HOOKS, B. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

JENKINS, H et al. **Confronting the challenges of participatory culture**: media education for the 21st century. Chicago: MacArthur Foundation, 2006. Disponível em: . Acesso em: 18 outubro 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 1 ed. São Paulo: Aleph, 2006.

KATO, Danilo S.; KAWASAKI, Clarice Sumi. **As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências**. *Ciência & Educação*, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2011.

LEMONS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOPES, Nei. **O Racismo explicado aos meus filhos**. Agir, 2007. 1ª Edição.

LOPES, V. N. Racismo, preconceito e discriminação. In: **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, org. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (p. 185 – 200).

Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml> > Acesso em 02/01/2023.

MENEGUETTE, Arlete. **Mapa da Empatia Acessível**. Academia.edu, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/41680284/Mapa_de_Empatia_Acess%C3%ADvel > Acesso em: 13 nov. 2022.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. 2015.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa, campos conceituais e pedagogia da autonomia: implicações para o ensino**. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 9, São Cristóvão, SE. Anais online. São Cristóvão, SE: UFS, 2005. Disponível em:

<http://www.educonse.com.br/ixcoloquio/Artigo_Aprendizagem.pdf> Acesso em 23/06/2020.

MOURA, G. B. F. de; FREITAS, L. G. de. **O YouTube como ferramenta de aprendizagem**. Dossiê Multiletramentos, tecnologias e Educação a Distância em tempos atuais. REVELLI v.10 n.3. Setembro /2018. p. 259- 272. ISSN 1984 – 6576.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude** – Usos e Sentidos. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

“Nativos Digitais” não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE. **BBC NEWS BRASIL**, 2021. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-57286155>> Acesso em 02/01/2023.

OLIVEIRA, L. F. de.; CANDAU, V. M. F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista intercultural no Brasil**. Educação em Revista. v. 26. n. 1. Belo Horizonte, 2010.

Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil. **Educação Básica Portal MEC**. Brasília, 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>> Acesso em: 10 ago. 2022.

PEREIRA, Elisandra. **Educação Profissional e Racismo: descobrindo a influência da cultura do cancelamento através da Pedagogia Histórico-Crítica**. 2022.191p. Dissertação (Mestre em Docência para Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, 2022.

POSTMAN, Neil. Os incunábulo da infância. In: **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.. p. 17-78.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/>>.

PRETTO, NL., and ASSIS, A. **Ensaio: cultura digital e educação: redes já!** In PRETTO, NL., and SILVEIRA, SA., orgs. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 75-83. ISBN 978-85-2320-889-9.

PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. **Rádio USP**, 31/07/2020. Disponível em:

<<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>> Acesso em 22 ago. 2020.

RODRIGUES, C. L.; AMARAL, M. B. Problematizando o óbvio: ensinar a partir da realidade do aluno. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 19., Caxambu, 1996. **Anais**. Caxambu: Anped, 1996. p. 197.

SÁ, João M. M. de; **O impacto da Terceira Revolução Industrial no sistema de ensino: evolução e constrangimentos**. U.PORTO - FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO. Portugal, Setembro de 2020. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/132550/2/446840.pdf>> Acesso em 22 ago. 2022.

SANTOS, A.P. et al. **Os Círculos de Cultura para Construção de Metodologias Ativas: Democratizando o Espaço da Sala de Aula**. Pleiade. v. 16, Out-Dez, 2022, p. 32 - 41.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal. In: **Epistemologias do Sul** / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. – (CES) Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 78, 2007, p. 31 - 83.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. - 6ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje**. Folha de São Paulo, 07 de maio de 2000.

SILVA, P. B. G. e. CNE Relatório de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. **Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva**. São Carlos, 2006. Disponível em: <<http://petronilha.com.br/outros/parecer-cne-cp-3-2004-e-a-resolucao-cne-cp-1-2004>> Acesso em 13 fev. 2023.

SCHWAB, Klaus. DAVIS, Nicholas. **Aplicando a Quarta Revolução Industrial**. MIRANDA, Daniel M. (Trad.). Editora Edipro, 2018, 1ªEd.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SESI-SP Educação. Orientações didáticas do Movimento do Aprender : Ciências Humanas, 5º ano / **SESI-SP Educação**. - - São Paulo : SESI-SP editora, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, F. A. (Coord.); SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1998, p. 21-23.

SILVA, E. A. Revista Angolana de Sociologia - RAS. **As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais**. v. 12. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/740> Acesso em 05/12/2022

SILVA, Márcia Cristina Amaral da; GASPARIN, João Luiz. **A Segunda Revolução Industrial e suas influências sobre a Educação Escolar Brasileira**. Projeto de Pesquisa. *HISTEDBR On-line*, n. 11, Maringá, 2005. Disponível em:

<<https://bit.ly/3v6w62M>> Acesso em: 26 jul. 2022

SILVA, P. B. G. e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Rodrigo Abrantes da Silva; CAMARGO, Ailton Luiz. A cultura escolar na Era Digital. O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. 270p.

SILVEIRA, DANIEL. Com alta crescente de autodeclarados pretos e pardos, população branca tem queda de 3% em 8 anos, diz IBGE. **G1**, Rio de Janeiro 06/05/2020. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/06/com-alta-crescente-de-autodeclarados-pretos-e-pardos-populacao-branca-tem-queda-de-3percent-em-8-anos-diz-ibge.ghtml> > Acesso em: 09 out. 2022.

SOUZA, Daiane. População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872. **PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL**. Brasília, 2013. Disponível em: <
<https://www.palmares.gov.br/?p=25817> > Acesso em: 09 out. 2022.

SPENCER, H. **Educação - Intellectual, Moral e Physica**. Trad. Emygdio D'Oliveira. 2.ed. Porto: Casa Editora, 1888

STABILE, Arthur. Por que é racismo dizer que negros são mais criminosos do que brancos. **Ponte**, São Paulo, 09/06/2020. Disponível em: <
<https://ponte.org/por-que-e-racismo-dizer-que-negros-sao-mais-criminosos-do-que-brancos/> > Acesso em: 05 out. 2022.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era mediática**. Maringá, PR: Eduem, 2009.

TOMELIN, N. B.; RAUSCH, R. B. **O legado de Paulo Freire ao desenvolvimento profissional docente para uma educação decolonial: o Círculo de Cultura como possibilidade**. Práxis educativa, vol. 16, e2116429, 2021.

TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. **Education, racism and reform**. London: Routledge, 1990.

UCHÔA, M. M. R; CHAVES, C. A. P; PEREIRA, C. E. **Currículo e culturas: a Educação Antirracista como direito humano**. Revista Teias. v. 22, n. especial. out/dez, 2021.

VEEN, Wim e VRAKKING, Ben. **Homo sapiens: Educando na era digital**. Tradução Vinicius Figueira. Artmed. Porto Alegre, 2009.

WEBB, P. Taylor. Reflection and reflective teaching: ways to improve pedagogy or ways to remain racist? **Race Ethnicity and Education**. London, v. 4, n. 3, 2001.

WEST, C. Genealogy of modern racism. In: **Prophecy deliverance! An afroamerican revolutionary Christianity**. Westminster John Knox Press: Louisville, KY; London, 2002. p.47- 65. Tradução de Luiz Felipe M. Candido.

WIGGINS, Grant; MCTIGHE, Jay. **Planejamento para a Compreensão: Alinhando Currículo, Avaliação e Ensino por Meio da Prática do Planejamento Reverso**. Penso Editora, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ALUNOS PARTICIPANTES

QUESTIONÁRIO 01

NOME: _____

IDADE: _____ TURMA: _____

O objetivo deste questionário é conhecer melhor os participantes desta pesquisa de mestrado e coletar dados para a validação das atividades desenvolvidas durante o projeto “Da escola para o mundo”. Por favor, responda com atenção assinalando a alternativa que mais te representa. Seu nome não será divulgado.

1. Com relação à cor, você se declara:

- ☐ branca
- ☐ preta
- ☐ parda
- ☐ amarela

2. Caso você tenha assinalado as alternativas “preta” ou “parda” na questão anterior, responda:

- ☐ Sempre me declarei de cor preta ou parda.
 - ☐ Nem sempre me declarei de cor preta ou parda, antes me declarava de cor _____.
- Comecei a me declarar como pret@ ou pard@ quando...
- _____

3. Além do projeto “Da escola para o mundo”, você já participou de alguma aula ou evento de combate ao racismo?

- ☐ Sim. Onde? _____
- ☐ Não

4. Há pessoas negras na sua família?

- ☐ Sim
- ☐ Não

5. Há pessoas negras em seu ciclo de amizade?

- ☐ Sim

☐ Não

6. Já teve aula com professor@s negr@s?

☐ Sim

☐ Não

7. Já foi atendido por profissionais negr@s (dentistas, médicos, psicólogos)?

☐ Sim

☐ Não

8. Há alun@s negr@s em sua sala? Quant@s?

☐ Não

☐ Sim, mais de 1, porém, menos de 5

☐ Sim, mais de 5, porém, menos de 10

☐ Sim, acima de 10

9. Há pessoas racistas em sua família?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não sei dizer

10. Você tem amigos racistas?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não sei dizer

11. Você já presenciou uma atitude racista ou de discriminação racial?

☐ Sim

☐ Não

12. Você se considera racista?

☐ Sim

☐ Não

13. De acordo com seu aprendizado, qual das informações abaixo vem, imediatamente, à sua mente, quando pensa sobre a história da população negra no Brasil? É possível marcar mais de uma alternativa.

☐ o período da escravização(senzala, sofrimento, morte, prisão)

☐ a perversidade das pessoas brancas contra as negras

☐ a cultura do povo negro (dança, culinária, adereços)

☐ os heróis e heroínas negros

☐ o tratamento de igualdade entre pessoa brancas e negras

14. Como você classifica o projeto “Da escola para o mundo”?

- ☐ Excelente
- ☐ Bom
- ☐ Regular
- ☐ Ruim

15. Você considera que as atividades desenvolvidas em 2020 e 2021 lhe ajudaram a entender o racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei responder
- ☐ Não participei

16. Na sua opinião, as ações desenvolvidas no projeto colaboraram para desenvolver conhecimentos de combate ao racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

17. Você costuma falar sobre racismo com pessoas fora ou dentro da escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não

18. Você já foi silenciad@ ao tentar falar sobre o racismo? (ex.: alguém lhe diz: “lá vem você com esse assunto.”).

- ☐ Sim
- ☐ Não

19. Ao perceber uma atitude de racismo, você iria intervir de alguma forma?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

20. você saberia lidar com uma situação de racismo que acontecesse diante de você?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

21. Você acredita que o projeto “Da escola para o mundo” pode contribuir com outras pessoas na luta de combate ao racismo?

- ☐ Sim

☐ Não

22. É possível marcar mais de uma alternativa. De acordo com a sua opinião, o projeto foi importante para você pois:

☐ Aprendi o que era racismo

☐ Aprendi sobre a História do Brasil e sobre a influência negra para a formação da nossa nação

☐ Aprendi que a forma mais eficaz de combate ao racismo é por meio de práticas educativas e de políticas públicas (como cotas etc.)

☐ Desenvolvi habilidades de produção e edição de vídeos

☐ Desenvolvi a habilidade de escrever roteiros de vídeos

☐ Desenvolvi a criatividade

☐ Desenvolvi o meu pensamento crítico

☐ Desenvolvi a minha oralidade

☐ Desenvolvi minha autonomia e engajamento nos estudos

☐ O projeto não foi importante

23. Na sua opinião, em qual tipo de aula você se sente mais motivado a participar e aprender melhor?

☐ Aulas tradicionais, com alunos sentados em fileiras ou em grupos na sala de aula, com os professores explicando o conteúdo e utilizando a lousa ou recursos tecnológicos digitais (como projetor, computadores etc.)

☐ Aulas mais ativas, com alunos sentados em grupos na sala de aula ou em outros espaços, cumprindo roteiro de atividades preparado pelo professor para explicarem o conteúdo uns aos outros, utilizando diferentes materiais e recursos tecnológicos digitais, solicitando ajuda ao professor quando necessário.

Justifique sua resposta: _____

24. Na sua opinião, você aprende melhor utilizando quais recursos?

☐ Vídeos

☐ Jogos

☐ Livros

☐ Podcasts

25. Quais atividades você costuma fazer para se entreter?

☐ Assistir a vídeos em redes sociais

☐ Jogar jogos digitais e/ou online

☐ Brincar

() Assistir televisão

() Outras _____

26. Qual profissão você gostaria de exercer quando for adulto@?

27. Deixe aqui sua sugestão, crítica ou comentário. Obrigada por participar!

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICAÇÃO DO CANAL COM OUTROS ESTUDANTES

Questionário de Validação do Produto Educacional

Nome: _____ Ano: _____

Por favor, preencha este questionário com atenção. Ele fará parte dos resultados da pesquisa de mestrado “De consumidores a produtores: usando a tecnologia digital para promover valores e atitudes antirracistas”. Seu nome não será divulgado. Obrigada por participar!

1 - Na sua opinião, o que é racismo?

2 - Escreva o que você aprendeu após assistir aos vídeos “O que é racismo?” e “O que é o dia da Consciência Negra?” disponíveis no canal do YouTube “Da escola para o mundo”.

3 - Sobre o canal “Da escola para o mundo”, assinale com um X nos campos correspondentes.

ITENS	RUIM	REGULAR	BOM	ÓTIMO
Na sua opinião, qual o nível deste canal?				
Qual a qualidade dos vídeos postados?				

4- Caso você tenha assinalado as opções “RUIM” ou “REGULAR” na questão acima, justifique sua resposta no campo abaixo.

5 - Ainda sobre o canal “Da escola para o mundo”, assinale com um X nos campos correspondentes.

ITENS	SIM	NÃO
Os objetivos do canal são claros?		
Você considera o conteúdo deste canal importante?		
Você considera o conteúdo deste canal interessante?		
Você utilizaria os vídeos deste canal?		
Você recomendaria este canal para alguém?		
Na sua opinião, os vídeos do canal colaboram para desenvolver conhecimentos de combate ao racismo?		
Você gostaria de participar de alguma ação de produzir vídeos para ensinar outras crianças e adultos?		
Você costuma usar o YouTube frequentemente?		

6 - Qual foi o vídeo que mais te interessou? Assinale com um X.

- Indicação Literária: O racismo explicado aos meus filhos - Nei Lopes
- Entrevista: O advogado Edilson Marciano fala sobre a sua infância e sobre racismo.
- O que é Racismo?
- O que é o Dia da Consciência Negra?
- O que são Fake News?
- Indicação de Curta e Longa Metragens.
- Nenhum vídeo me interessou.

7 - Deixe seu comentário, sugestão ou crítica.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) RESOLUÇÃO 466/2012

(Para Responsável Legal de participantes menores de 17 anos/11 meses e 29 dias)

CONVIDO, o(a) Senhor (a) _____, responsável pelo menor _____, para participar do Projeto de Pesquisa intitulado "**Multiletramentos para nativos digitais: uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental**", que será desenvolvido por mim, Heloisa Baptista Nery, pedagoga e mestranda, com orientação da Professora Dra. Denise Fernandes de Mello, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências – UNESP – BAURU.

O estudo visa identificar as contribuições da Metodologia Ativa para o ensino de Ciências Humanas para estudantes do 5º ano. Para que eu possa ter um resultado nesse momento, será necessário aplicar questionários, gravar vídeos e áudios, tirar fotos e realizar postagens de vídeos educativos no site YouTube. Sendo assim, é preciso assinar também o **termo de autorização para uso de imagem e voz** do menor, anexo a este documento.

Na qualidade de responsável pelo menor citado acima, estou ciente e autorizo que meu (minha) filho (a) responda a questionários e participe de gravações de vídeos e áudios que acontecerão durante as aulas de Ciências Humanas no decorrer do ano letivo.

Os benefícios da participação de seu (sua) filho(a) serão a nível educacional, com o objetivo de contribuir para o aprimoramento das 10 competências gerais descritas na Base Nacional Comum Curricular: Conhecimento; Pensamento científico, crítico e criativo; Repertório cultural; Comunicação; Cultura digital; Trabalho e projeto de vida; Argumentação; Autoconhecimento e autocuidado; Empatia e cooperação; Responsabilidade e cidadania.

Informo que a participação de seu (sua) filho (a) neste estudo é voluntária e que mesmo após o(a) senhor(a) ter dado o consentimento para que ele participe da pesquisa, poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém se ele(a) sentir desconfortável com as atividades, dificuldade ou desinteresse, poderá interromper a participação e, se houver interesse, poderá conversar com a pesquisadora sobre o assunto.

Após terem sido sanadas todas minhas dúvidas a respeito deste estudo, CONCORDO na qualidade de "Representante Legal" a participação de meu (minha) filho(a) de forma voluntária, estando ciente que todos os seus dados estarão resguardados através do sigilo que os pesquisadores se comprometeram. Estou ciente que os resultados desse estudo poderão ser publicados em revistas científicas, sem no entanto, que minha identidade seja revelada e estou de acordo com a participação de meu (minha) filho (a) em vídeos educacionais postados em uma canal educativo no site YouTube, conforme previsto em termo de uso de voz e imagem, anexo a este documento.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências – Unesp Bauru, onde o pesquisador está fazendo seu curso de mestrado. Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo. Fone: (14) 3103-9400. E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos. Este documento será emitido em 2 vias, uma para o pesquisado e outra para o representante legal.

Bauru, ____/____/____

Pesquisador

Representante Legal pelo Participante da Pesquisa

Pesquisadora: Heloisa Baptista Nery
Telefone: (14) 98805-5939
Email: h.nery@unesp.br

Orientadora: Denise Fernandes de Mello
Telefone: (14) 99712-8501
Email: denise.f.mello@unesp.br

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



Termo de Assentimento Informado – Crianças/adolescentes

Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica. Faculdade de Ciências. UNESP – Campus Bauru.

Título do projeto: Multiletramentos para nativos digitais: uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental

Pesquisadores responsáveis: Mestranda Heloisa Baptista Nery e Prof^ª. Dr. Denise Fernandes de Mello

Assentimento informado para (nome do estudante)

Você, que é aluno (a) matriculado (a) no 5º ano do Ensino Fundamental I, está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa intitulada: Multiletramentos para nativos digitais: uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental.

Você participará, juntamente dos demais estudantes da sua turma, de atividades nas aulas de Ciências Humanas, utilizando metodologias ativas de aprendizagem para realizar leituras, análise de imagens e mapas, produções de vídeos para um canal educativo no YouTube e deverá responder a alguns questionários e participar de entrevistas.

Discutimos esta pesquisa com os seus representantes legais para saber se estão de acordo com a sua participação nesta pesquisa e caso não aceite participar, não haverá nenhum tipo de prejuízo a você. Se decidir participar, mas depois se desinteressou ou se sentiu desconfortável, poderá desistir da participação sem nenhum tipo de prejuízo. Você pode discutir qualquer coisa deste documento com seus pais, amigos ou qualquer um com quem você se sinta à vontade para conversar. Pode haver algumas palavras que você não entenda ou coisas que você queira maiores explicações, pois ficou interessado ou preocupado. Se assim for, ficarei feliz em poder explicar a pesquisa mais detalhadamente a você.

Não falaremos para outras pessoas que você está nesta pesquisa e também não daremos nenhuma informação sobre você para qualquer um que não trabalhe na pesquisa. As informações sobre você serão coletadas na pesquisa e ninguém, exceto os investigadores, poderá ter acesso a elas. Utilizaremos publicamente a sua imagem, voz e som para poder participar das gravações de vídeos educativos para um canal no site Youtube, portanto, **se decidir participar, deverá assinar este documento e o termo de autorização do uso de imagem e voz, que está anexo a este documento.** Lembrando que, devido a pandemia Covid-19, todas as medidas de biossegurança serão aplicadas, como o uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social. Atividades remotas também serão desenvolvidas.

Quando a pesquisa for encerrada socializaremos com você e demais envolvidos no projeto, os resultados que foram obtidos.

Declaro que entendi a finalidade da pesquisa e que concordo em participar da mesma.

Este documento será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para você.

Assinatura da criança/adolescente: _____

Assinatura dos pais/responsáveis: _____

Assinatura do Pesquisador: _____ Data: ____/____/____

Pesquisadora: Heloisa Baptista Nery
Telefone: (14) 98805-5939
Email: h.nery@unesp.br

Orientadora: Denise Fernandes de Mello
Telefone: (14) 99712-8501
Email: denise.f.mello@unesp.br

APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM (RESPONSÁVEL LEGAL)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

RESPONSÁVEL LEGAL

Eu, _____, portador(a) do CPF
_____, responsável pelo menor
_____, estudante da turma do 5º ano da escola

SESI – CE 358, AUTORIZO a Professora e Pesquisadora Heloisa Baptista Nery, mestrande do curso de Pós Graduação "Docência para a Educação Básica" FC – UNESP – BAURU / SP, a utilizar a imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz capturados durante as aulas, com o objetivo de compor o produto da pesquisa "Multiletramentos para nativos digitais: uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental". Autorizo, nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. O material será organizado, selecionado e divulgado em formato de vídeos em um canal educativo no site YouTube. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

Esta autorização não gera, não gerará no futuro e não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e a Professora e Pesquisadora Heloisa Baptista Nery.

DECLARO, portanto, na qualidade de responsável legal pelo menor citado acima, que estou ciente e autorizo a captação e a utilização de imagens, voz e som do meu (minha) filho (a), que não violam os direitos de imagem e de privacidade e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente a Professora e Pesquisadora Heloisa Baptista Nery, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério, com fins educacionais.

Bauru, ____ de ____ de 2021.

Assinatura do responsável legal

Pesquisadora: Heloisa Baptista Nery
Telefone: (14) 98805-5939
Email: h.nery@unesp.br

Orientadora: Denise Fernandes de Mello
Telefone: (14) 99712-8501
Email: denise.f.mello@unesp.br

APÊNDICE F– TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM (CRIANÇAS E ADOLESCENTES)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM **CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a Professora e Pesquisadora Heloisa Baptista Nery, mestranda do curso de Pós Graduação "Docência para a Educação Básica" FC – UNESP – BAURU / SP, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz capturados durante as aulas, com o objetivo de compor o produto da pesquisa "Multiletramentos para nativos digitais: uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental". Autorizo, nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. O material será organizado, selecionado e divulgado em formato de vídeos em um canal educativo no site YouTube. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior.

DECLARO, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente a Professora e Pesquisadora Heloisa Baptista Nery, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério com fins educacionais.

Bauru, ____ de ____ de 2021.

Assinatura do Cedente

Pesquisadora: Heloisa Baptista Nery
Telefone: (14) 98805-5939
Email: h.nery@unesp.br

Orientadora: Denise Fernandes de Mello
Telefone: (14) 99712-8501
Email: denise.f.mello@unesp.br

APÊNDICE G – DECLARAÇÃO ESCOLA



À Supervisora Escolar
Sr^a. Aline Luz do Nascimento

DECLARAÇÃO

Declaro que tenho ciência e autorizo o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado "Multiletramentos para nativos digitais: uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental" a ser conduzido(a) pelo(a) pesquisador(a) Heloisa Baptista Nery e sob a orientação do Prof.(a) Dr.(a) Denise Fernandes de Mello, junto a esta Instituição, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Declaro também que conheço e farei cumprir os requisitos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, e tendo esta Instituição condições para o desenvolvimento deste Projeto de Pesquisa, autorizo sua execução.

Bauru, 07 de maio de 2021.

Aline Nascimento.

Aline Luz do Nascimento
Supervisor Escolar
RG: 33.077.900-X
SESI/DE/GEEDUC

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Multiletramentos para nativos digitais:
uma proposta de aprendizagem ativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental

Pesquisador: HELOISA BAPTISTA NERY

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47919221.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.904.249

Apresentação do Projeto:

"Com este projeto, espera-se introduzir o letramento digital em crianças do 5º ano e contribuir para o desenvolvimento de autonomia, da empatia e do trabalho colaborativo, objetivando uma aprendizagem mais ativa, significativa e democrática de conteúdos de Ciências Humanas, especialmente sobre a história do Brasil do período pré-colonial ao período republicano, e é neste conteúdo que a proposta deste projeto também pretende abordar e promover valores anti-racistas."

Objetivo da Pesquisa:

"Analisar, revitalizar e administrar um canal no YouTube sobre Ciências Humanas para que estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental produzam e compartilhem conteúdo audiovisual informativo, contribuindo para o aprimoramento das 10 competências gerais da Base Nacional Comum Curricular: Conhecimento; Pensamento científico, crítico e criativo; Repertório cultural; Comunicação; Cultura digital; Trabalho e projeto de vida; Argumentação; Autoconhecimento e autocuidado; Empatia e cooperação; Responsabilidade e cidadania."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: "Exposição audio-visual dos participantes da pesquisa."

Benefícios: "- Desenvolvimento do letramento digital;

- Aprendizagem significativa de conteúdos de Ciências Humanas;

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 4.904.249

- Desenvolvimento de valores ético-morais;
- Produção e disponibilização de material audio-visual informativo sobre Ciências Humanas para outros estudantes, educadores e demais interessados;
- Aprimoramento das 10 competências gerais da Base Nacional Comum Curricular*.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

"A presente pesquisa é de caráter qualitativo (THIOLLENT, 1984) de intervenção e será realizada em uma escola particular de Ensino Fundamental - 1º ciclo, de período integral, situada na cidade de Bauru – SP. Os participantes serão 32 alunos de uma turma de 5º ano e estima-se que a duração seja de 6 meses até a disponibilização do produto educacional (canal no YouTube)."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TALE e TCLE estão adequados em todos os seus itens; o mesmo se diga sobre o termo de autorização para o uso de imagem.

Recomendações:

Nada a recomendar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência ou inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1714025.pdf	09/06/2021 21:48:31		Aceito
Outros	autorizacao_imagem_voz_responsavel_igual_comite.pdf	09/06/2021 21:48:03	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito
Outros	autorizacao_aluno_imagem_voz_comite.pdf	09/06/2021 21:47:36	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimento_responsavel_comite.pdf	09/06/2021 21:46:34	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito
TCLE / Termos de	termo_assentimento_estudante_comite.pdf	09/06/2021	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 4.904.249

Assentimento / Justificativa de Ausência	te.pdf	21:45:50	NERY	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	versao2_projetodepesquisa_comite_hel oisa.pdf	09/06/2021 21:45:29	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_instituicao_comite.pdf	09/06/2021 21:43:52	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_projeto_plataforma_bras il.pdf	28/04/2021 20:30:06	HELOISA BAPTISTA NERY	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 13 de Agosto de 2021

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br